

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Alessandra Umbelino da Silva

**Nova perspectiva para a formação do leitor literário na escola:
a Academia Estudantil de Letras (AEL)
na Rede Municipal de Ensino de São Paulo**

MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

São Paulo

2023

Alessandra Umbelino da Silva

**Nova perspectiva para a formação do leitor literário na escola:
a Academia Estudantil de Letras (AEL)
na Rede Municipal de Ensino de São Paulo**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Literatura e Crítica Literária**, sob a orientação da Profa. Dra. **Diana Navas**.

São Paulo

2023

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

da Silva, Alessandra Umbelino

Nova perspectiva para a formação do leitor literário na escola: a Academia Estudantil de Letras (AEL) na Rede Municipal de Ensino de São Paulo / Alessandra Umbelino da Silva. -- São Paulo: [s.n.], 2023.

116p. il. ; cm.

Orientador: Diana Navas.

Dissertação (Mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária.

1. literatura. 2. ensino. 3. Academia Estudantil de Letras (AEL). 4. professor mediador. I. Navas, Diana . II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. III. Título.

CDD

Alessandra Umbelino da Silva

**Nova perspectiva para a formação do leitor literário na escola:
a Academia Estudantil de Letras (AEL)
na Rede Municipal de Ensino de São Paulo**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Literatura e Crítica Literária**, sob a orientação da **Profa. Dra. Diana Navas**.

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Diana Navas - PUC-SP (Orientadora)

Profa. Dra. Márcia Fusaro – UNINOVE

Prof. Dr. Maurício Silva – PUC-SP

Para minha mãe, Leonilda, minha primeira e mais importante referência na leitura corajosa, ao mesmo tempo poética, do mundo; por seu exemplo de força e determinação.

AGRADECIMENTOS

O ser humano torna-se grande porque mesmo ameaçado por suas limitações, é capaz de empreender as tarefas mais árduas, inclusive as improváveis. O que constitui nossa humanidade é o buscar, não necessariamente o conseguir.

(Valter Hugo Mãe, *Homens imprudentemente poéticos*, 2016)

Nesses anos de estudo e pesquisa, foram muitos os desafios e muitos os que me acompanharam na busca pelo conhecimento. Chegar ao final deste trabalho só foi possível porque nunca estive só. Por isso, meus agradecimentos.

À orientação, nesta jornada de pesquisa, da Profa. Dra. Diana Navas. Nossa parceria nos caminhos da Educação Literária, sua paciência, gentileza e tanto conhecimento compartilhado foram primordiais neste trabalho.

A todas as professoras do Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, que me acolheram com atenção e enriqueceram minha pesquisa com suas aulas no decorrer do curso.

À Ana Albertina, pelo carinho e consideração que ia além da eficiência no atendimento das questões burocráticas necessárias.

Ao Grupo de Pesquisa “A Voz Escrita Infantil e Juvenil: Práticas Discursivas” (CNPq), que foi minha porta de entrada na PUC-SP, quando participei da Jornada sobre Literatura, em especial à Profa. Dra. Elizabeth Cardoso, vice-coordenadora do grupo. Nossa primeira conversa foi inspiradora e importantíssima para os planos que estavam por se concretizar.

À Profa. Dra. Márcia Fusaro e ao Prof. Dr. Maurício Silva, por terem participado de minha qualificação, pela leitura atenta do trabalho ainda em construção, pela partilha carinhosa e orientações criteriosas que compartilharam comigo e que tanto contribuíram para o andamento da pesquisa.

À querida Maria Sueli Fonseca Gonçalves, nossa Suelizinha, por ter dividido o sonho da AEL conosco.

Ao Samir Ahmad dos Santos Mustapha, pela amizade, respeito, apoio e incentivo que foram fundamentais para minha atuação na fundação da Academia Estudantil de Letras Guilherme de Almeida e para a concretização desta pesquisa.

À minha mãe, Leonilda Maria Ferreira, razão pela qual consegui ir mais longe.

Ao meu pai, João Umbelino, cujo exemplo também foi importante na construção de quem sou.

Às minhas irmãs, Ana Paula e Andreia, que torceram por mim e foram ponto de apoio e equilíbrio em meus passos.

Aos amigos e amigas queridas, que compartilharam vários sonhos comigo, acolheram meu desespero quando eu achei que não daria conta e foram um ponto de reencontro com quem sou nessa jornada – especialmente Iara Mola, Vanessa Quirino e Taís Freitas.

À Elaine Castilho, Camila E. Turchiai, Andressa Romani e Érika Garcia, parceiras de trabalho na EMEF Marechal Juarez Távora, pelo acolhimento no desafio da Coordenação Pedagógica, pela escuta paciente e pelo incentivo, que me ajudaram a seguir em frente mesmo quando o mundo objetivo de trabalho parecia consumir todas as minhas energias.

Aos estudantes que acompanhei na AEL Guilherme de Almeida, por terem me ensinado tanto e por terem sido o exemplo concreto da força da arte literária na construção de outras possibilidades de ser e estar no mundo.

Finalmente, ao meu parceiro, Maurício Souto, pelos melhores *cappuccinos* dessa trajetória, pelo incentivo, compreensão e apoio na conclusão deste projeto.

Assim, ler, escutar, escrever é abrir para nós e para outros um caminho de liberdade. [...] Podemos oferecer livros e desenhar estratégias de leitura, mas pouco servirá se desarticularmos a capacidade de disparar a letra, se desativarmos sua qualidade de nos transformar, de nos incomodar, de fazer-nos pensar.
(ANDRUETTO, 2017, p. 105)

RESUMO

SILVA, Alessandra Umbelino da. **Nova perspectiva para a formação do leitor literário na escola**: a Academia Estudantil de Letras (AEL) na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. 2023. 116f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Com 18 anos de existência na rede de ensino municipal de São Paulo, a Academia Estudantil de Letras (AEL) vem sendo reconhecida por seu trabalho dialético entre a compreensão e fruição da leitura literária, o leitor, a história e a cultura da humanidade. Nesse sentido, esta pesquisa propõe a investigação da AEL como política pública de ensino que, ao abordar o fenômeno literário, configura-se como alternativa de acesso dos estudantes das escolas públicas da cidade de São Paulo à formação leitora, numa perspectiva de letramento literário, e à arte literária na perspectiva de direito inalienável do indivíduo (CANDIDO, 2011). Este estudo parte da hipótese de que a AEL viabiliza aos estudantes dessa rede, por meio de estratégias de leitura não tradicionais mediadas pelo professor, o acesso e a fruição da literatura não como conteúdo escolar, mas como expressão artística e direito básico necessário à humanização. Por meio de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, exploratória, descritiva e metodologia analítica e hipotético-dedutiva, objetiva-se analisar como a abordagem dada pela AEL à fruição da arte literária pode contribuir na formação do leitor literário nas escolas municipais de São Paulo e como a mediação do professor nesse projeto pode se caracterizar como um diferencial decisivo na concretização de seu objetivo. Tendo em vista o problema e a fundamentação teórica, intenciona-se destacar a importância de um ensino que aproxime as crianças e os jovens da literatura por meio da fruição artístico-literária, permitindo-lhes, ao mesmo tempo, um percurso para a formação do leitor literário. Para isso, esta pesquisa recorre, principalmente, às reflexões teóricas de Antonio Candido (2011), Italo Calvino (1993), Maria Teresa Andruetto (2017), Michèle Petit (2008, 2009), Rildo Cosson (2006) e Teresa Colomer (2007).

Palavras-chave: literatura. ensino. Academia Estudantil de Letras (AEL). professor mediador.

ABSTRACT

SILVA, Alessandra Umbelino da. **New perspective for the formation of the literary reader at school**: the Academia Estudantil de Letras (AEL) in the municipal schools of São Paulo. 2023. 116p. Dissertation (Master's degree in Literature and Literary Criticism) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

With 18 years of existence in the municipal teaching network of São Paulo, Academia Estudantil de Letras (AEL) has been recognized for its dialectical work between the understanding and enjoyment of literary reading, the reader, the history and culture of humanity. In this sense, this research proposes the investigation of AEL as a public teaching policy that, when addressing the literary phenomenon, is configured as an alternative for students from public schools in the city of São Paulo to have access to reading training, from a perspective of literary literacy, and to literary art from the perspective of the inalienable right of the individual (CANDIDO, 2011). This study is based on the hypothesis that AEL enables students in this network, through non-traditional reading strategies mediated by the teacher, to access and enjoy Literature not as a school content, but as an artistic expression and a basic right necessary for humanization. Through qualitative research, of a basic, exploratory, descriptive nature and analytical and hypothetical-deductive methodology, the objective is to analyze how the approach given by AEL to the enjoyment of literary art can contribute to the formation of literary readers in municipal schools in São Paulo and how the teacher's mediation in this Project can be characterized as a decisive differential in achieving this objective. In view of the problem and the theoretical foundation, it is intended to highlight the importance of teaching that brings children and young people closer to Literature through artistic-literary enjoyment, allowing them, at the same time, a path towards the formation of the literary reader. This way, this research draws mainly on the theoretical reflections of Antonio Candido (2011), Italo Calvino (1993), Maria Teresa Andruetto (2017), Michèle Petit (2008/2009), Rildo Cosson (2006) and Teresa Colomer (2007).

Keywords: literature. teaching. Student Academy of Letters. mediator teacher.

LISTA DE SIGLAS

AEL	Academia Estudantil de Letras
ALP	Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo
APL	Academia Paulista de Letras
CEU	Centro Educacional Unificado
CIEJA	Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos
DIPED	Divisão Pedagógica da Diretoria de Ensino
DRE	Diretoria Regional de Educação
EMEBS	Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEFM	Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
GAEL	Gestão e Acompanhamento do Projeto AEL
MinC	Ministério da Cultura
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
POED	Professor Orientador de Educação Digital
POSL	Professor Orientador de Sala de Leitura
RME-SP	Rede Municipal de Ensino de São Paulo
SME	Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA.....	20
1.1 A presença da literatura na escola.....	24
1.2 O desafio na formação do leitor literário na escola	30
1.3 A literatura e a formação do leitor literário na escola: possibilidade de ampliação da leitura de mundo	34
2. AEL – HISTÓRICO NA REDE DE ENSINO MUNICIPAL DE SÃO PAULO E A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO NAS ESCOLAS	39
2.1 AEL e seu histórico na rede de ensino municipal de São Paulo	39
2.2 Em 2015, a expansão da AEL para as escolas da cidade de São Paulo.....	41
2.3 Plano de Expansão – apresentando a AEL para os professores da rede.....	44
2.4 AEL: a expansão do projeto para toda a cidade	45
2.5 Como funciona a AEL na escola.....	46
2.6 Como o projeto começa na escola?.....	47
2.7 Participação do aluno acadêmico no projeto	49
2.8 As atividades da AEL	51
2.8.1 Cerimônia de Fundação e festas anuais de posse	51
2.8.2 Encontros literários	54
2.8.3 A escolha do amigo literário.....	55
2.8.4 Pasta do Acadêmico	56
2.8.5 Chá Literário	59
2.8.6 Oficinas de Teatro.....	60
2.8.7 Semana de Arte Moderna da AEL	60
2.8.8 Confraternização Anual das Academias Estudantis de Letras	61

3. A AEL COMO POSSIBILIDADE DA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA ESCOLA	62
3.1 As potencialidades do projeto para a formação humana do estudante.....	63
3.2 Como o projeto contribui para a formação do leitor literário na escola	69
3.3 O papel do Projeto AEL na construção da cultura de paz nas escolas.....	74
3.4 Papel do professor mediador no projeto	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXO A – ACADEMIAS ESTUDANTIS DE LETRAS COM PATRONOS DEFINIDOS.....	97
ANEXO B – MODELO DE CERTIFICADO DE POSSE	105
ANEXO C – MODELO DE CERTIFICADO DE MEMBRO VITALÍCIO	106
ANEXO D – ITENS DA IDENTIDADE VISUAL DA AEL – MANUAL DE IDENTIDADE VISUAL DA ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS	107
ANEXO E – MODELO DE CERIMONIAL PARA FUNDAÇÃO E CERIMÔNIAS DE POSSE DA AEL	110
ANEXO F – JURAMENTO ACADÊMICO	114
ANEXO G – CANÇÃO “TE OFEREÇO PAZ”	115
ANEXO H – QUESTÕES PARA A PASTA DO ACADÊMICO	116

INTRODUÇÃO

Considerando a arte literária como direito do indivíduo (CANDIDO, 2011), a Academia Estudantil de Letras (AEL) parece constituir uma alternativa por meio da qual os estudantes – entre os quais, as crianças – tenham acesso à literatura, sendo esse um acesso que também se dá a partir de uma perspectiva de letramento literário.

Idealizado pela professora de Língua Portuguesa Maria Sueli Fonseca Gonçalves, o Projeto AEL surge em 2005, na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Padre Antônio Vieira, da Diretoria Regional de Educação (DRE) Penha, na zona leste de São Paulo.

Considerando a apresentação do projeto no Portal da SME¹, a AEL se define como uma autêntica Academia de Letras, com as suas devidas adaptações para o público estudantil, na qual estão contempladas as participações dos estudantes dos três ciclos de ensino da rede: Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), Interdisciplinar (4º, 5º e 6º anos) e Autoral (7º, 8º e 9º anos). Na AEL, são os próprios acadêmicos que escolhem um autor da literatura para representar na Academia, o qual passa a ser o seu “amigo literário”. Acontecem, então, encontros literários com escolhas de obras para leitura, pesquisas sobre os autores e seminários organizados pelos estudantes para compartilhar algum aspecto dos seus estudos. O Projeto considera as potencialidades de cada ciclo de ensino, numa dinâmica em que até os mais novos são estimulados, nas mediações literárias, a assumir a vacância da titularidade das cadeiras literárias, quando esta ocorre.

Também fazem parte da AEL as atividades de teatro, vistas aqui como um diálogo possível entre a literatura e outras artes, como as artes plásticas, a dança, a música e as artes cênicas, sendo um meio de promover outras formas de expressão para os gêneros literários trabalhados.

Além disso, os estudantes participam também de “Chás Literários”, “Saraus”, “Clubes de Leitura”, eventos culturais, solenidades de fundação de novas Academias, festas anuais de posse e mostras de criação artística (Semana de Arte Moderna da AEL). Todas essas atividades acontecem fora do horário regular das aulas, pois a participação na AEL é optativa aos estudantes. Isso porque a Academia Estudantil considera a expansão qualificada do tempo de permanência na escola, bem como as

¹ Ver <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ael/>.

características do território onde a escola está inserida e o significado dessas ações para a vida dos estudantes

Como o projeto passou a ser reconhecido e implementado também em outras escolas da Diretoria Regional de Ensino (DRE) Penha, em março de 2006, a professora Sueli recebeu o convite da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME) para integrar a equipe dessa Diretoria Regional, com o objetivo de subsidiar a expansão da Academia Estudantil de Letras para outras escolas dessa região. Assim, novas Academias Estudantis de Letras foram surgindo no decorrer de 2006 e 2007. O Projeto continuou num ritmo de crescimento constante devido à divulgação das ações das academias existentes à época e, também, às formações de professores realizadas na DRE Penha sobre o tema.

Em agosto de 2015, a AEL foi instituída na Rede Municipal de Ensino de São Paulo como política educacional da SME-SP. Teve início, portanto, uma nova etapa de expansão do projeto, multiplicando, consideravelmente, o número de academias inicialmente constituídas.

O projeto abrange as Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio (EMEFMs), Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBSs) e Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (CIEJAs), atendendo às diretrizes do Currículo da Cidade ao integrar práticas e culturas escolares já existentes na Rede Municipal de Ensino numa perspectiva de desenvolvimento integral dos estudantes, da equidade e da educação inclusiva.

Com 18 anos de existência, a Academia Estudantil de Letras (doravante “AEL”) se configura como uma iniciativa que viabiliza aos estudantes das escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RME-SP) o acesso e a fruição da literatura não como conteúdo escolar, mas como expressão artística na perspectiva de “direito inalienável do indivíduo” (CANDIDO, 2011, p. 193). Atualmente, conforme dados de junho de 2023 do site da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, são 192 academias estudantis em funcionamento em várias escolas públicas da cidade, em suas diferentes regiões.

Contudo, não obstante se tratar de um projeto com esse alcance, ao considerar a fruição literária como direito e possibilitar a articulação de diferentes linguagens envolvendo toda a comunidade escolar, verificou-se que, até o presente momento,

poucas pesquisas acadêmicas abordam a AEL como objeto de estudo na sua relação dialética entre ensino e formação literária.

Logo, nesta pesquisa visamos refletir sobre como a abordagem dada pelo projeto Academia Estudantil de Letras (AEL) ao fenômeno literário pode contribuir tanto para o acesso e fruição da literatura como para a formação literária dos estudantes das escolas públicas de uma rede municipal de ensino. E sobre como a mediação do professor desse projeto pode se caracterizar como um diferencial decisivo na concretização dos objetivos propostos.

Partimos da hipótese de que a AEL, nos 18 anos de existência na Rede Municipal de Ensino de SP (RME), viabiliza aos estudantes dessa rede o acesso e a fruição da literatura não como conteúdo escolar, mas como expressão artística na perspectiva de “direito inalienável do indivíduo” (CANDIDO, 2011, p. 193). Consideramos também que o projeto, a partir da ação do professor mediador, se desenvolve com um potencial aparentemente inovador no que se refere à concretização desse ensino, ao aproximar as crianças e os jovens da literatura para além das estratégias de leitura tradicionais que vemos nos ambientes escolares, podendo contribuir com a formação literária desses estudantes.

Considerando a literatura como expressão artística na perspectiva de direito intransferível do indivíduo, Antonio Candido destaca que “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (2011, p. 182). Consoante o renomado crítico literário, é da literatura a função necessária de nos organizar internamente, libertando-nos de nosso caos ao “dar forma aos sentimentos e à visão do mundo” que temos (CANDIDO, 2011, p. 188).

Acreditando que o ensino da literatura e a formação do leitor literário deve se orientar por essa mesma perspectiva, é possível partir, também, do princípio de que, numa apropriação das ideias de Freire (2005), tanto a prática geral quanto a própria prática em particular do educador não pode ser aquela que negue e amesquinhe os estudantes como gente.

Nesse sentido, como pano de fundo no qual o interesse pela AEL se desenvolve como um potencial aparentemente inovador no que se refere à concretização desse ensino, é possível observar que, em se analisando as práticas pedagógicas que abordam a literatura nas instituições escolares, muitos teóricos já ressaltaram a importância de um ensino que aproxime as crianças e os jovens da

literatura para além das estratégias de leitura, de modo que ela também se revele como meio de fruição artística:

A escola e, conseqüentemente, o ensino infantil e fundamental têm papel central e insubstituível em garantir às crianças o acesso a esse direito, o direito à literatura, à fabulação, ao sonho e ao sonhar. Cientes dessa função, os educadores e pesquisadores não cessam a discussão sobre métodos eficazes de formação de leitores. Nesse debate os conceitos de letramento e letramento literário têm sido basilares. [...] Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (JUNQUEIRA; CARDOSO, 2016, p. 143-144).

Nessa acepção, ao pensar nos múltiplos aspectos da prática pedagógica no ensino da leitura, urge, então, que sejam também consideradas as ações que, além de ensinar a decodificação da língua e a prática de leitura em si, despertem e estimulem o interesse das crianças pela literatura como meio de entendimento e leitura do próprio mundo e do mundo que as cerca. Conforme Coelho,

A Literatura, em especial a Infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade-em-transformação: a de servir como a agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro; seja no 'diálogo' leitor/texto, estimulado pela Escola. [...] Hoje, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, libertário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático), para permitir ao ser-em-formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura, que caracteriza a Sociedade a que ele pertence. (1991, p. 14-16).

Sabe-se, contudo, que a tarefa de formar leitores de literatura é atravessada por inúmeros desafios. E nesse contexto é que, tal como vem sendo reconhecido entre aqueles que alcança, o Projeto AEL se destacaria por ter como foco o trabalho com a literatura e a compreensão da leitura literária como meio de diálogo entre leitor e texto, entre o leitor e a própria história da humanidade, entre o leitor e a cultura (sem distinção de níveis ou hierarquias de valores), possibilitando a fruição dessa arte.

Tomadas as considerações que direcionam para uma prática ainda tão pouco efetivada no dia a dia das salas de aula na educação pública, essa pesquisa torna-se relevante na medida em que pretende ressaltar que o Projeto AEL tende a, entre outros diferenciais, valorizar a mediação dos professores na promoção do direito à

literatura e acesso às artes em geral. Todavia, não apenas: ao trabalhar com a perspectiva da função humanizadora da literatura na formação perspicaz e sensível do indivíduo, as ações fomentadas pela Academia provocariam reflexões que favoreceriam o protagonismo dos estudantes, a partir de estratégias pedagógicas que organizam momentos de fruição literária e que, inclusive, incentivam a sua sensibilidade e criatividade para outras linguagens artísticas.

Considerando, portanto, a abrangência da AEL, essa pesquisa justifica sua relevância ao apresentar uma nova perspectiva sobre a estratégia da formação do leitor literário na escola, contribuindo com a ampliação de referências possíveis para essa formação e apontando o projeto como um modelo de formação literária a ser implementado em outras instituições ou até mesmo podendo inspirar outros projetos nessa mesma linha. Além disso, este estudo contribuirá significativamente para a divulgação e promoção do conhecimento sobre a própria AEL junto aos profissionais de educação da rede municipal de ensino, onde a proposta é realizada, trazendo reflexões importantes ao processo formativo do professor em seu papel de pesquisador e mediador das ações nesse projeto.

Procuramos compreender como o projeto AEL pode se instituir como meio de acesso à prática e à fruição literária, bem como perspectiva de contribuição para a formação literária de crianças e jovens das escolas públicas municipais de São Paulo a partir da mediação do professor.

Essa pesquisa será norteada pelo conceito de literatura como expressão artística na perspectiva de direito básico intransferível do indivíduo, possibilidade, portanto, de enriquecimento de nossa percepção de mundo e processo de humanização (CANDIDO, 2011). Portanto, nesse sentido, no primeiro capítulo, discutiremos a importância do texto literário na formação humana.

No segundo capítulo, apresentaremos as múltiplas atividades e especificidades da AEL. Dialogando com essa ideia e visando compreender a importância das práticas de leitura literária entre jovens para a construção e reconstrução de sua subjetividade e identidade, bem como possibilidade de inclusão social e resistência frente à adversidade de seus meios socioculturais, recorreremos, no início do terceiro capítulo, aos estudos de Michèle Petit (2008; 2009) para apresentar o Projeto AEL, identificando as ações por meio das quais ele propicia aos estudantes o acesso e a fruição da literatura contribuindo para a formação literária desses alunos. Esta análise

será ampliada a partir da reflexão dos textos presentes em *A leitura, outra revolução* (2017), de Maria Teresa Andruetto.

Finalmente, no terceiro capítulo, analisaremos como o Projeto AEL, a partir da mediação do professor, concretiza-se como uma estratégia inovadora para o acesso e fruição literária na escola, bem como na formação do leitor literário para além das ações tradicionais de ensino da literatura, conforme nos mostrarão os estudos de Rildo Cosson (2006).

Para isso, atentando ao fato de que a AEL faz parte de uma política pública de ensino e que suas práticas potentes acontecem a partir da conexão entre literatura e ensino, oferecendo não apenas o acesso e fruição literária, mas também subsidiando além da formação do leitor literário na escola, a formação humana do indivíduo, a partir da mediação do professor, evidenciaremos e analisaremos a importância das ações dos professores da AEL na mediação do conhecimento literário e na sua relação com os estudantes nas práticas pedagógicas de formação literária. Nesse percurso reflexivo, serão importantes, ainda, para a fundamentação desta pesquisa, as teorias de Teresa Colomer sobre a formação do leitor literário (2003) e sobre a leitura literária na escola (2007) e, ainda, os estudos sobre Literatura e Ensino organizados por Diana Navas, Elizabeth Cardoso e Vera Bastazin.

Ao analisar as práticas e estratégias da AEL na formação dos leitores literários na escola, consideramos o professor da Academia não somente aquele que apenas se preocupa em escolher obras “mais adequadas” ao aprendizado de determinados conteúdos do currículo escolar, mas aquele que assumirá um papel importantíssimo de mediação de um processo que considerará, também, “o próprio prazer da fruição literária, sua função primária”, ao respeitar o protagonismo e a liberdade de escolha dos estudantes (COELHO, 2018, p. 123). Dizendo de outro modo, a AEL será estudada como meio possível para o professor de promover o rompimento com um “*script* de autoria alheia, para cuja composição ele não foi chamado” (LAJOLO, 1993, p. 15), uma ruptura com um ensino tradicional da leitura literária e da formação do leitor literário na escola.

1. A LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

A leitura tem o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas.
(PETIT, 2008, p. 7).

Falar sobre literatura é falar também sobre a evolução da espécie humana. O ser humano é o único animal racional capaz de desenvolver a linguagem e, ao desenvolvê-la, é capaz de articular pensamento e ato criativo, atribuindo valor estético às palavras.

A literatura é resultado da vivência e experiência estética do ser humano com a linguagem poética. Isso porque o ser humano, na busca incessante de atribuir novos significados à sua própria existência, produz conhecimento também a partir da construção e da subversão da linguagem.

A arte literária nos tira do lugar comum ao nos surpreender com modos diferentes de ver o mundo e de se conectar com ele. Sendo arte, traz em si um procedimento que promove desautomatização, estranhamento, resistência, desconstrução e reconstrução de novos significados, conforme nos apontou Chklóvski (2018).

Essa arte, portanto, pode levar o indivíduo a pensar em outros modos possíveis de encarar a realidade que o cerca, desautomatizando-lhe o olhar, levando-o à reconstrução de novos modos de ler a vida ao romper com o automatismo da própria existência humana.

Para Antonio Candido – pesquisador de literatura brasileira e estrangeira, sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro –, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (2011, p. 176).

Candido defende a ideia de que a sociedade necessita de bens que não apenas asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas que garantam também a integridade espiritual. Nessa categoria, o autor acrescenta, além da alimentação, moradia, vestuário, instrução, saúde, liberdade individual e amparo da justiça pública, dentre outros, o direito à arte e à literatura.

Nessa linha de pensamento, o pesquisador explica que a literatura corresponde a uma necessidade universal dos indivíduos, pois traz ao ser humano certo equilíbrio psíquico e social, sendo fator indispensável de humanização, uma vez que “[...]”

confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.” (CANDIDO, 2011, p. 177). A literatura torna-se também, nesse contexto, um instrumento potente na instrução e na educação, proposta nos currículos “como equipamento intelectual e afetivo”, pois os valores sociais estão presentes nessa literatura que “[...] confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (p. 177).

A literatura ocupa, portanto, um “papel formador da personalidade”, pois apresenta todas as faces da existência humana, colocando em xeque, por meio de visões não convencionais, a própria contradição da sociedade, seu “bem e seu mal”. Logo, ela humaniza em sentido profundo, pois está ligada à própria complexidade da natureza humana, assumindo, pelo menos, de acordo com Candido, três faces:

[...] (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (2011, p. 178-179).

Ao nos deter no primeiro aspecto, vemos que a literatura é a marca criadora do ser humano, uma vez que é uma mensagem construída, que possui forma, estrutura e características específicas, cujo modelo de coerência extraído da “força da palavra organizada” apresenta grande “poder humanizador”, pois sugere um modelo de superação do caos (interior e exterior). Tal modelo nos deixa mais capazes “de ordenar a nossa própria mente e sentimentos” e, conseqüentemente, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 2011, p. 179).

Em outras palavras, a literatura articula as palavras de tal modo que se comunicam com o espírito humano, levando-o a uma organização interna que o ajudará na organização do mundo exterior.

Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. [...] o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe o que sugere. O caos originário [...] se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda a obra literária pressupõe esta superação do caos. (CANDIDO, 2011, p. 180).

Antonio Candido ressalta, em “O direito à literatura” (2011), que essa junção de forma e conteúdo aumenta a capacidade de ver, sentir, refletir, desconstruir e reconstruir a realidade que cerca o indivíduo, tornando-se uma modalidade de conhecimento que se processa no subconsciente e no inconsciente, sendo muito difícil mensurar a profundidade desse enriquecimento cognitivo. “As produções literárias, de todos os tipos e de todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo.” (2011, p. 182).

Por isso, de acordo com Candido (2011), a literatura é uma necessidade universal imperiosa que dá forma e organiza a personalidade humana, auxiliando na organização que temos do mundo que nos rodeia.

Desse modo, fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, pois ela favorece a humanização como processo que traz aos homens as características consideradas essenciais à existência plena do ser em sociedade, tais como: a capacidade de reflexão, o acesso e a aquisição ao conhecimento construído pelo ser humano, a empatia, o afinamento e o equilíbrio das emoções, a capacidade de encarar e buscar soluções para os problemas da vida, o senso da beleza, a percepção e o entendimento da complexidade do mundo e dos seres humanos.

Nesse sentido, “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 2011, p. 182). Seu caráter humanizador também é um instrumento consciente, de acordo com o estudioso, do papel do indivíduo na sociedade, sendo considerada um direito humano, um bem humano inegociável.

Para Candido, não é admissível, portanto, a fruição da arte literária de forma estratificada, direcionando ao povo “a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio” e à outra classe, considerada “erudita”, a literatura canônica, vista como a mais nobre e importante. O autor afirma que “[...] uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos”, bem como a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis como um direito inalienável (2011, p. 193).

Michèle Petit, antropóloga francesa, em seu livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2008), também dialoga com as ideias de Candido, indicando o importante papel da leitura literária na elaboração da subjetividade humana, na “[...]”

construção de uma identidade singular e na abertura para novas sociabilidades, para outros círculos de pertencimento.” (p. 12).

Ao analisar as práticas de leitura entre jovens marginalizados nas periferias das grandes cidades francesas, Petit identificou que a leitura de livros literários nas classes populares e naquelas que não têm familiaridade com as práticas letradas foram muito positivas para o desenvolvimento psíquico e afetivo dos indivíduos. Os jovens entrevistados relataram que os livros, em especial os literários, foram decisivos para a construção da subjetividade, o desenvolvimento de uma identidade coletiva, o acesso ao conhecimento, o enriquecimento do imaginário e a percepção da alteridade.

A pesquisadora esclarece que a leitura literária não irá “reparar o mundo das desigualdades ou da violência”, mas tornará os indivíduos mais virtuosos e preocupados com os outros, contribuindo, em muitos momentos, para que crianças, adolescentes e adultos encaminhem-se mais no sentido do pensamento do que da violência, permitindo, em determinadas condições, a abertura de um campo de possibilidades para resolução de conflitos – internos ou externos – que a autora denomina de “margem de manobra”.

Petit, no resultado de suas pesquisas sobre a leitura e os jovens, compreendeu que a leitura de livros literários ajuda esses jovens, diferentemente de outras formas de lazer, a se prepararem para a resistência aos processos de marginalização. Ela “[...] ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido [...]. E a pensar, nesses tempos em que um pensamento se faz raro.” (2008, p. 19). Para a autora,

Às vezes, a leitura nos dá o apoio de uma definição. De uma forma, uma ordenação. Sentimos que existe, em alguns textos escritos por escritores, um pouco mais de verdade que em outras formas de expressão linguística. Porque o escritor quebra os estereótipos, renova a linguagem, caça os clichês – o bom escritor, ao menos. E é um dos raros que fala das contradições e das ambivalências das quais somos feitos. Inclusive, é sobre essas contradições, essa parte obscura do coração humano, que ele, com mais frequência, trabalha. (2008, p. 41).

A literatura, nessa perspectiva, auxilia na autonomia dos indivíduos e na construção de si mesmo, da subjetividade humana (ação importante principalmente no período da adolescência/juventude), pois possibilita o sonho, a elaboração e

reelaboração de um mundo próprio, na medida em que ajuda a nomear os estados pelos quais os seres humanos passam, a diferenciá-los, conhecê-los melhor.

Assim como Candido, Michèle Petit traz à tona o fato de que, ao compartilhar a literatura, experimentamos um sentimento de pertencimento a uma humanidade de diferentes tempos e lugares. A arte literária é capaz de introduzir o indivíduo no mundo de forma diferente das outras artes, agindo diretamente em seu processo de humanização.

A arte literária, portanto, contribui para a composição ou recomposição da identidade humana, entendida pela autora como um processo aberto, inacabado e sempre em transformação. Como invenção humana, torna-se essencial à consolidação dessa identidade humana, devendo ser ofertada a todos na sociedade, sem distinção, sendo a escola um lugar propício à oferta desse bem cultural.

Nesse espaço privilegiado de socialização e acesso ao conhecimento humano, a literatura, como nos apontou Candido, não apenas adentra aos currículos “como equipamento intelectual e afetivo”, mas também como possibilidade aos estudantes de uma experiência que, ao mesmo tempo em que dará acesso aos valores sociais deste ou de outros tempos, possibilitará uma experiência dialética que permitirá aos indivíduos a busca de outros caminhos de resolução de problemas e transformação social.

1.1 A presença da literatura na escola

O espaço escolar é o lugar onde vemos ocorrer a intersecção entre leitura, literatura infantil e juvenil e ensino de literatura, conforme refletiu Teresa Colomer no livro *Andar entre livros – A leitura literária na escola* (2007).

De acordo com a autora, durante séculos, a literatura exerceu um papel preponderante como eixo vertebral do ensino linguístico, da formação moral, da consciência de uma cultura com raízes clássicas greco-latinas e, desde o século XIX, de aglutinadora de cada nacionalidade.

No início do século XIX, em diferentes países, há o surgimento de livros pensados e escritos para cada etapa escolar e que tinham como função principal a instrução moral. As chamadas novelas escolares, lidas em capítulos nas classes finais do curso primário, eram uma tentativa de garantir que qualquer pessoa teria lido, ao menos, um livro não didático completo em sua vida.

Ao pensar a escolarização secundária, Colomer identificou que a preocupação do ensino literário estava em subsidiar o aprendizado e a prática de discursos orais e escritos, baseando-se na leitura dos autores gregos e latinos em sua língua original.

Esse modelo foi substituído, ainda no século XIX, pelo estudo da história da literatura nas línguas nacionais, o que levou ao ensino de uma linha de evolução cronológica literária, cujo foco estava nos juízos de valor trabalhados, bem como nas características do texto estudado.

Por parte do aluno, tínhamos um trabalho intensivo com fragmentos literários, que era orientado e guiado pelo professor. Logo, eram muito presentes nas aulas as obras “escolares”, ou seja, antologias de textos e autores conhecidos, poemas e fragmentos para memorizar e compartilhar, fábulas e contos morais curtos com o objetivo de “moldar” o gosto dos alunos, seu comportamento e valores e de serem modelos que poderiam imitar em seus exercícios de redação (COLOMER, 2007, p. 17).

O modelo citado anteriormente segue vigente nos métodos da pedagogia ativa do período entreguerras (entre o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, e o início da Segunda Grande Guerra, em 1939). Colomer aponta que “[...] o modelo das bibliotecas públicas infantis, proveniente dos Estados Unidos, estendeu-se pela Europa e começou a pressionar sobre a concepção escolar da leitura de livros.” (2007, p. 18).

Além disso, da tradição literária infantil no mundo anglo-saxão, a autora descreve que a inclusão profissional de mulheres nas bibliotecas e na docência primária nessa época “[...] parece ter tido também um papel determinante para uma atitude escolar mais favorável à leitura infantil de livros recreativos.” (COLOMER, 2007, p. 18-19).

Os estudos de Colomer mostram, contudo, que até os anos de 1970 essa renovação na abordagem literária ficou restrita a um grupo minoritário, a formação literária dos professores continuou deficiente e os métodos didáticos para o ensino literário não tiveram grandes variações.

A partir da Segunda Guerra Mundial, temos uma diminuição na importância da literatura no sistema educativo.

Na segunda metade do século XX, as sociedades ocidentais sofreram importantes transformações que deram lugar às sociedades pós-industriais que hoje conhecemos. Logicamente, estas novas

sociedades começaram a redefinir globalmente a formação que esperavam que a escola oferecesse a seus cidadãos nesse contexto. Além disso, a tarefa de redefinição se acelerou ao coincidir com a decepção generalizada de sociedades que viam desvanecer-se as esperanças que haviam presidido o grande esforço escolar empreendido há mais de um século: a ideia de que a constituição de um sistema educativo obrigatório atuaria como poderoso agente de culturalização e democratização social.

Efetivamente, no final da década de 1960 constatou-se o fracasso leitor das primeiras gerações de adolescentes. [...] A diferença entre as expectativas geradas e o resultado obtido obrigou a analisar as causas dessa distância e a reconsiderar o modelo de ensino cultural e linguístico oferecido pela escola. Isto afetou em cheio o ensino da literatura, que havia sido até então um dos pilares da formação escolar, de modo que a gestação de um novo modelo educativo deixou seus objetivos de ensino desaparecidos na confusão. (COLOMER, 2007, p. 20-21).

A causa desse desajuste, de acordo com Colomer (2007), estava no surgimento de um novo perfil de estudante no ensino secundário, composto por jovens de diferentes setores sociais, consequência do crescimento demográfico nas décadas do pós-guerra e da necessidade social de ampliar o período de escolaridade de todos os cidadãos até os 15 ou 16 anos. No último quarto do século XX, vemos surgir também o conceito de adolescência como representação de uma etapa da vida de todos os jovens, o que marcou uma evolução nas características desse grupo num novo setor social.

A constatação do fracasso da educação leitora da população sinalizou que o modelo educativo, antes pensado para grupos menores da população, era inoperante e ineficaz para enfrentar uma escola de massas.

Somam-se, nesse cenário, o fato da sociedade:

- a) basear seu funcionamento no uso intenso e variado da palavra escrita;
- b) ser marcada pela forte presença dos meios de comunicação e pela possibilidade crescente da implantação de novas tecnologias nos meios de vida social;
- c) ser afetada pela modificação na maneira das obras literárias circularem, pois os mecanismos modernos de produção editorial e o consumo multiplicaram os livros e tiraram da escola a função única de “transmitir um corpo literário nacional”.

Essa perspectiva social e cultural, inevitavelmente, impactou funções específicas da literatura, tais como a satisfação das necessidades de fantasiar própria do ser humano, oferecendo outros canais de formação do imaginário coletivo.

As mudanças no sistema literário, de acordo com Colomer, reposicionaram o espaço e a função social da literatura em relação aos novos sistemas culturais e artísticos. Conseqüentemente, o ensino da literatura na escola também foi afetado.

Um discurso tecnológico e científico colocava em xeque o “[...] prestígio tradicional das humanidades como disciplinas formadoras das elites sociais” e até mesmo a ideia de uma “ruptura do consenso social sobre a importância da aprendizagem em favor de outros usos linguísticos.” (COLOMER, 2007, p. 22).

Este fenômeno dinamitou a antiga função escolar de transmitir um corpo literário nacional, limitado, ordenado e valorizado segundo uma tradição uniforme, essencialmente literária; de modo que a literatura fortaleceu sua imagem de bem cultural de acesso livre para todos: um bem que se escolhe segundo os interesses pessoais de cada um e que é suscetível de produzir uma satisfação imediata. (COLOMER, 2007, p. 23).

Segundo a autora, a partir da segunda metade do século XX, esse novo contexto social, o novo perfil de estudantes e a nova representação social da leitura exigiram outras formas do ensino da literatura na escola e, por isso, esse espaço educativo começou a mudar seus objetivos e o uso didático dos livros literários.

Vimos, nesse período, uma incorporação da leitura de diversos textos sociais (jornais e revistas, publicidade, livros informativos etc.) e a introdução de práticas que se aproximavam cada vez mais das práticas sociais da leitura. O *corpus* literário estudado dentro da escola foi ampliado e substituiu-se as leituras de antologias e manuais literários pela leitura e estudo de obras nacionais ou não canônicas, como os livros infantis e juvenis, reivindicando o acesso direto às obras.

Nos estudos sobre o que ensinar na literatura, a pesquisadora apresentou também outro fator que influenciou os objetivos escolares do ensino literário nessa época: de um lado a evolução na ideia do que é literatura e o que significa saber literatura; de outro, a mudança na concepção sobre quais são os processos de ensinar e aprender. Colomer (2007) destaca que as teorias linguísticas literárias dos anos 1960 difundiram a reivindicação do acesso direto à leitura de obras na escola.

Ocorreu um movimento, portanto, de crítica ao ensino histórico focado nos manuais e nas explicações do professor a partir da análise de obras clássicas, que

conduziam o aluno de forma passiva na memorização do que havia lido ou ouvido sobre a obra.

Em outras palavras, a crítica recaía sobre um ensino literário que seria resultado de um estudo de tendências e movimentos culturais centrados no contexto de produção da obra: a biografia do autor, o movimento artístico, o período sócio-histórico etc.

Colomer demonstrou que a atenção, a partir daí, estava no texto literário como objeto de estudo, num movimento que se ampliou em direção “aos fatores externos do funcionamento social do fenômeno literário” e também “[...] em direção aos fatores internos da construção do significado por parte do leitor, tal como analisaram as teorias da recepção”, que

[...] tomaram o leitor como objeto de estudo, analisaram o papel cooperativo que lhe dá o texto e ofereceram novos conceitos, que também foram determinantes para reformular os objetivos educativos, já que esta é uma perspectiva especialmente interessante na análise dos livros infantis e da atividade escolar. [...] o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura. (COLOMER, 2007, p. 26-27).

Nessa mesma direção, a antropóloga francesa Michèle Petit mostra, em suas pesquisas (2008, p.18), que, no início, a leitura literária foi um exercício prescrito e coercitivo para submeter, controlar à distância, ensinar a se adequar a modelos, inculcar “identidades” coletivas, religiosas ou nacionais. Uma leitura que objetivava enquadrar, moldar, dominar os jovens e que, por muito tempo, aprisionou seus leitores em velhos modelos de leitura e de uma concepção instrumentalista da linguagem.

Segundo Petit, a capacidade do leitor literário pode ir além destes processos de controle e rigor moral, pois

[...] os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido e interpretado. (2008, p. 26).

Por essa razão, conforme Petit (2008), o acesso direto ao livro e a solidão do leitor diante do texto sempre foram temidos e, por isso, ainda hoje, os poderes

autoritários preferem difundir vídeos, fichas ou trechos escolhidos, acompanhados de sua interpretação, deixando ao leitor a mínima liberdade.

Em 2009, Petit apresentou em seu livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, a ideia de que a leitura e a literatura, ao serem utilizadas não como ferramentas pedagógicas, mas como uma possibilidade de liberdade na composição ou recomposição de “um tecido simbólico”, oportunizam aos leitores a chance de compreender a realidade ao tomar consciência de si e dos outros, bem como dos limites e dos poderes da palavra na perspectiva humanizadora da literatura, conforme situa Antonio Candido (2011).

Essas ideias contribuíram para a nova argumentação sobre a importância da literatura também no processo educativo, concedendo “[...] uma importância crescente à literatura como ‘andaime’ privilegiado para a experiência infantil da capacidade simbólica da linguagem e como cenário natural para o desenvolvimento da motivação e do progresso no domínio da língua escrita.” (COLOMER, 2007, p. 28).

A literatura, como construção cultural dos indivíduos, passa a exigir da escola novos objetivos para o ensino literário e para a formação da capacidade interpretativa do leitor integrada à fruição do texto literário, pois

[...] a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas as ideias e os valores que a configuram. Por conseguinte, tratava-se de desenvolver uma capacidade interpretativa, que permitia tanto uma socialização mais rica e lúcida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo. O aprendizado, então, se concebe centrado na leitura das obras. (COLOMER, 2007, p. 29).

O desafio que se coloca agora é a formação dos alunos para além de cidadãos da cultura escrita, principal objetivo educativo da escola que deve ensinar o que “é ler literatura”. Colomer nos convida a pensar no que significa ser um leitor literário competente em nossa sociedade. Esse leitor já não pode ser alguém que apenas possui alguns conhecimentos informativos sobre a literatura, conforme preconizava o modelo patrimonial e historicista, tampouco será alguém que adquiriu “[...] um aparato instrumental adequado para uma análise textual própria da função de um leitor profissional especializado”, como indicavam os modelos da década de 1970 que destacavam os “comentários sobre o texto” (2007, p. 31).

O objetivo da educação literária, portanto, é contribuir para a formação humana do indivíduo a partir da construção de sua sociabilidade e da confrontação de textos literários distintos que “[...] explicitam a forma em que gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem”, oferecendo ao aluno possibilidades de enfrentamento da diversidade social e cultural e reformulando a antiga justificativa sobre sua idoneidade na formação linguística (COLOMER, 2007, p. 31-32).

De acordo com a pesquisadora, a formação do leitor literário como objetivo da tarefa educativa está na reflexão e nos programas curriculares surgidos recentemente, substituindo, inclusive, o termo "ensino da literatura" pela denominação de "educação literária".

Contudo, a transferência desses princípios para a escola e seu desenvolvimento coerente por meio de práticas inovadoras não foi tarefa fácil. Esse processo sofreu múltiplas confusões e problemas, conforme nos apontou Colomer.

1.2 O desafio na formação do leitor literário na escola

Colomer (2007) indica em seus estudos que, ao pensar a educação literária na escola, ainda gera muita preocupação aos docentes e aos organizadores dos currículos escolher quais devem ser os conhecimentos explícitos e as formas de ação que se deve ensinar ao longo da etapa escolar.

Atualmente, ainda é um desafio estabelecer as competências literárias e os conhecimentos necessários que o leitor precisa acessar na escola para alcançar uma capacidade interpretativa satisfatória. Colomer explica que a maior parte dos professores da etapa secundária de ensino ainda dividem seu trabalho entre a transmissão de um legado literário e um novo objetivo de “animar a leitura” ou como ler as obras.

Os debates sociais sobre o tema depositaram na escola a responsabilidade do fracasso da formação de leitores literários e, por outro lado, os professores tomam para si uma certa culpa por essa situação, espantados pela falta de interesse dos alunos na mensagem estética da literatura canônica.

Colomer assinala que um dos pontos de debate na atualidade deveria ser a busca por novas formas de estabelecer a função da aprendizagem linguística que a

literatura é capaz de desenvolver na escola, uma vez que a literatura prepara o ser humano para ler melhor todos os discursos sociais.

No contexto histórico do ensino da literatura na escola que a autora apresentou, vemos que a ampliação do acesso à escolaridade a toda a população aconteceu concomitantemente ao desejo de ampliar o acesso à literatura clássica a todas as classes sociais. Contudo, a prioridade da escolarização obrigatória acabava recaindo no ensino da leitura, com o uso de textos informativos que eram considerados de fácil entendimento.

Isso porque sempre houve uma pressão social, conforme ressaltou Colomer, em relação ao domínio da língua escrita e ao ensino da função utilitária da leitura, exigência específica das sociedades alfabetizadas.

O desafio de tornar a leitura literária acessível aos estudantes ganhou mais espaço nas aulas, mas esse cenário, aliado à escassa formação docente nesse sentido, tem impactado o seu ensino nas escolas. Além disso, por muito tempo, a literatura foi vista como um “luxo supérfluo”.

Enfoques mais ativos e linguísticos cruzaram-se, ao final da década de 1980, com uma proposta "comunicativa" do ensino da língua e da literatura. O propósito dessa nova perspectiva comunicativa de integrar o ensino da língua e da literatura tampouco teve muito sucesso, pois o ensino da língua fora privilegiado e “[...] ensinar a ler e a escrever textos funcionais continuou parecendo um conteúdo mais adequado para o êxito acadêmico e para a vida cotidiana nas modernas sociedades alfabetizadas.” (COLOMER, 2007, p. 36).

A autora pontuou que a formação literária baseada na leitura das obras, na aquisição de instrumentos de análise e na função de transmissão patrimonial – biografia dos autores, lista de suas obras, a descrição sociocultural do contexto histórico e a transposição das avaliações críticas, presentes desde a década de 1970 –, apesar de todas as críticas recebidas, foi mantida pelos docentes e balizada pela sociedade em geral, numa crença de que era necessário dar às novas gerações adolescentes um conhecimento sistematizado da evolução cultural por meio das obras de referência de seus grupos sociais.

Atualmente, “[...] podemos pensar que o erro do ensino da literatura na escola se deveu ao tipo e ao nível dos instrumentos de interpretação literária que foram postulados.” (COLOMER, 2007, p. 38).

Para o Professor Doutor em Letras e pesquisador Rildo Cosson, estamos diante da “[...] falência do ensino da literatura, que não está sendo ensinada a partir de sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza.” (COSSON, 2006, p. 23). O pesquisador explica que ainda há professores que se prendem ao currículo escolar e à obrigatoriedade do ensino pautado na história da literatura, enquanto outros acreditam que somente a leitura de qualquer texto literário é suficiente, ignorando a necessidade de ampliar essa experiência a partir de conhecimentos específicos do campo literário e até fora dele.

É preciso, de acordo com Teresa Colomer, partir da ideia de que "saber como se faz", ou seja, como se estrutura uma obra ou como se ler um texto, não é um objetivo prioritário em si mesmo, senão um meio para participar mais plenamente da experiência literária, um instrumento a serviço da construção do sentido e da interpretação pessoal das leituras.

A solução possível para esse problema na Educação Básica foi situar a leitura de obras e textos no centro da educação literária e utilizar a necessidade de conhecimentos derivadas dessa leitura como critério para a seleção de conteúdos. Já na etapa secundária, a preocupação está no fato de que é “[...] realmente decisivo que a leitura resulte em uma experiência pessoal positiva e que se realize a partir do diálogo com a obra e com a comunidade cultural.” (COLOMER, 2007, p. 39).

Cosson (2006) argumenta nesse sentido também e diz que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura compartilhada, que permita uma leitura literária ao mesmo tempo prazerosa e comprometida com o conhecimento. Segundo o autor, os textos estariam no centro desse processo com o apoio de conhecimentos, tais como os da teoria e da história da literatura, que ajudariam a constituir essas leituras.

Sendo assim, percebemos que a literatura já está presente na escola, sendo conciliada entre a atividade de leitura e os saberes combinados no processo de interpretação. O foco do problema enfrentado atualmente está na escolha da melhor forma de permitir que essa leitura escolar seja também produtiva para o leitor.

Colomer ressalta que a função do ensino literário na escola pode ser definida como a ação de ensinar o que fazer para entender e compreender um *corpus* de obras literárias cada vez mais amplo e complexo. Ela explicita ainda que os níveis de estudos alcançados são o fator que mais interfere nos hábitos de leitura, sendo a

escola o lugar que melhor cria referências culturais coletivas que são muito efetivas no processo da leitura literária.

A autora enfatiza a importância de existir uma ação escolar combinada com outras ações sociais, como forma de escola e sociedade (representada aqui pela família, biblioteca, promotores de leitura etc.) se fortalecerem na busca de estratégias para enfrentar o desafio da formação do leitor literário.

Colomer demonstra que não basta a escola ensinar o aluno a ler obras literárias e compreender seu valor cultural, sendo preciso tornar esse aluno um leitor estável de obras literárias. Para isso, é necessário também "capital cultural" (2007, p. 51) que o ajude nesse processo, ou seja, práticas sociais como, por exemplo, o acesso a livros literários ainda na infância e o acesso a experiências estéticas a partir de outras manifestações artísticas, como as artes plásticas.

Nesse sentido, não podemos afirmar, segundo Colomer, que a criança aprende a gostar de ler no ensino básico e depois adquire mais conhecimentos no ensino secundário para seguir lendo. Logo, a formação do leitor literário não é algo que acontece de forma estanque em determinada etapa de ensino.

Cosson defende, nessa perspectiva, um letramento literário como responsabilidade das escolas, um letramento que dê conta de abarcar um ensino da literatura que confirme o seu poder de humanização numa experiência de compartilhamento de sentidos do texto numa comunidade de leitores. Dessa maneira,

[...] na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2006, p. 30).

Colomer indica que os professores de todas as etapas de ensino deveriam compreender que os métodos didáticos para a formação desse leitor literário deveriam apresentar uma "unidade de ação". A autora nos deixa, então, uma reflexão importante: Como a escola pode ajudar no progresso da competência literária para a formação deste leitor?

1.3 A literatura e a formação do leitor literário na escola: possibilidade de ampliação da leitura de mundo

No estudo que fizemos até aqui, sabemos que não basta encher as escolas de livros nem que a mediação literária de um texto qualquer, em busca apenas da fruição literária, aconteça para que a formação do leitor se efetive. Indubitavelmente, entendemos a importância da literatura para a própria formação humana e compreendemos a necessidade de a escola atuar na incorporação desse conhecimento e transmiti-lo às novas gerações de modo mais qualitativo e assertivo para a formação do leitor literário. Então,

[...] se assistimos à afirmação renovada desta ideia é porque se está respondendo a um problema imediato: o da mudança das funções sociais da literatura durante a segunda metade do século XX e o da redução de seu espaço escolar em função da leitura 'funcional', do ensino da língua e das demais matérias do currículo. [...] a situação atual é que, graças à extensão da escolaridade, lê-se mais que nunca, mas o que se lê e para que se lê está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios. (COLOMER, 2007, p. 104).

É preciso estimular e mediar a presença da leitura literária na escola e planejar diferentes atividades que propiciem o encontro qualitativo entre as crianças e os livros.

Uma possibilidade trazida por Colomer é de que a escola dedique tempo e programe atividades de leitura literária que favoreçam o interesse pessoal dos alunos pelos livros, estabelecendo um espaço que possibilite questionamentos, diálogos e enriquecimento do mundo individual dos estudantes, fazendo-os se sentirem pertencentes ao universo dos livros literários.

A tarefa colocada para a escola é mostrar aos alunos as múltiplas funções da literatura, indicando as portas de acesso à apreciação dessa arte a partir de um *corpus* que não se restrinja ao cânone ou a uma única possibilidade de leitura e fruição.

A bibliodiversidade deve ser considerada nessa proposta abrangente apontada por Colomer, pelo fato de os livros literários atuais terem o predomínio da fantasia e do humor num jogo literário específico, a presença da narrativa psicológica e a ruptura de temas considerados tabus. Isso tudo exige do leitor competências leitoras diferentes das que eram necessárias anteriormente.

Ao mesmo tempo, hoje também é função da escola trabalhar nos alunos competências que os auxiliem no enfrentamento dos conflitos internos e na reflexão

sobre as relações humanas. E a leitura literária também pode oferecer isso aos estudantes, num itinerário crescente de ampliação dos modelos literários ao longo de suas etapas na educação escolar.

E nesse itinerário de formação do leitor literário, várias ajudas vão se somando, como, por exemplo, o conhecimento de diversos discursos narrativos, das competências literárias que cada texto requer, acesso a vários tipos de livros em consonância com a etapa em que o leitor está – leitor iniciante e leitor autônomo, por exemplo.

Portanto, a situação da leitura literária na escola evoluiu para uma etapa em que sabemos que “[...] uma aula onde se lê e se fala sobre livros é o centro de sua tarefa literária” (COLOMER, 2007, p. 101) e que as crianças progridem na sua capacidade de interpretação dos textos num itinerário de aprendizagem cultural que passa pela escola e por outros espaços sociais de que participam.

Cosson assinala que a literatura deveria ser vista como um sistema composto de outros tantos sistemas e que a escola deveria investir na leitura desses vários sistemas, no sentido de compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura.

O autor evidencia a importância do professor na escolha de obras literárias diversificadas

[...] porque cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo. [...] A diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. (COSSON, 2006, p. 35).

Os estudos de Colomer revelam que a leitura compartilhada é a base da formação leitora. Aidan Chambers, precursor de pesquisas nesse tema, indica três tipos de participação:

- a) compartilhar o entusiasmo;
- b) compartilhar a construção de significado;
- c) compartilhar conexões que os livros estabelecem entre eles (CHAMBERS, 1993, *apud* COLOMER, 2007, p. 107).

Refletir sobre o que foi lido e compartilhar referências e experiências a partir da leitura, com a presença de um professor que acaba ocupando um espaço de modelo de leitor literário para o aluno, são caminhos possíveis na formação desse leitor literário na escola.

Além disso, é preciso tempo na aula para praticar a leitura individual e autônoma em rotinas cotidianas que possibilitem aos estudantes aprender procedimentos necessários a uma leitura literária mais satisfatória e que os ensine que o livro pode ser uma opção plausível em diferentes momentos da vida e não apenas dentro da escola.

Colomer destaca a necessidade de um itinerário formativo de leitura literária que inclua esforços da escola e da família e que equilibre a motivação pela leitura literária e o aprendizado necessário para dela obter todos os benefícios.

A referida autora também evidencia um discurso vigente sobre o tema que aponta a importância da distinção entre os níveis de uso social da escrita e a situação específica da leitura literária. Isso contribuiria na ordenação do “[...] desejo social do êxito escolar e de alfabetismo funcional e a formação de leitores literários críticos, que utilizem a leitura como forma de interpretar o mundo e de obter maior independência pessoal em relação aos discursos sociais.” (2007, p. 111).

Então, um bom princípio, seria “[...] intercambiar e difundir as múltiplas e ricas experiências educativas que se realizam na prática” e também pesquisar sobre “[...] conhecimento e caminhos exitosos na formação de leitores; [...] ouvir, compartilhar e ajudar no esforço de ler textos que valem a pena são as novas coordenadas.” (COLOMER, 2007, p. 116).

Em relação ao planejamento escolar, é possível iniciar a reflexão

[...] a partir de três pontos específicos: a necessidade de proporcionar aos alunos um espaço habitado por livros, a constatação de que existem certas formas de organizar as aprendizagens escolares que favorecem especialmente a presença da leitura e a conveniência de planificar articuladamente funções, tipos e atividades de leitura de livros na escola. (COLOMER, 2007, p. 117).

Os projetos de leitura são colocados pela autora como possibilidades de trabalho mais qualitativo com a leitura literária, bem como com a formação do leitor literário, uma vez que propiciam a superação de certas divisões artificiais da leitura,

oferecendo uma prática com maior sentido aos estudantes quando consideramos as atividades habituais e necessárias numa sociedade alfabetizada.

Nessa educação literária, o trabalho com projetos atende a diferentes funções educativas que contribuem para a formação de um leitor cada vez mais competente.

Esse trabalho dá condições ao estudante de incorporar a consciência de sua comunidade cultural em relação ao conhecimento, implícito ou explícito, das regras criativas da linguagem e que põem a prova em suas produções próprias. (COLOMER, 2007, p. 122).

Na formação do leitor literário nas escolas, faz-se necessário que as atividades sejam sistematizadas em um todo que permita ao professor e ao aluno fazerem da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade da qual fazem parte, “[...] uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos. Uma prática, em suma, que tenha como princípio e fim o letramento literário.” (COSSON, 2006, p. 46).

No momento atual, no Brasil, muitas discussões acerca de políticas públicas para a formação de leitores literários têm ocorrido nesse sentido também. Conforme artigo da Agência Brasil (2023), o secretário de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura, Fabiano Piúba, relatou os grandes desafios na formação leitora em nosso país, inclusive na implementação do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) de forma articulada com o Ministério da Educação. De acordo com os dados divulgados na reportagem, o Brasil continua no patamar de quase 50% de não leitores e um dos problemas apontados é que “a escola brasileira não tem alcançado êxito na formação de um leitor para a vida inteira” (TORT, 2023, n.p.).

Para o Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e secretário do MinC, Fabiano Piúba, “um eixo importante para a alfabetização plena é justamente o da formação leitora”. Segundo ele “[...] muito mais importante do que saber quantos livros a gente lê ao ano, comparando o Brasil com outros países, é saber o que somos capazes de fazer com aquilo que se leu”.

Nesse contexto, esta dissertação apresenta o projeto Academia Estudantil de Letras (AEL), da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, como política pública de educação que conecta literatura e ensino e oferece às crianças e jovens, em qualquer etapa do ensino fundamental e médio, não apenas o acesso à literatura e à fruição literária, mas também a possibilidade de formação do leitor literário na

escola, em consonância com a formação humana do indivíduo e do letramento literário.

2. AEL – HISTÓRICO NA REDE DE ENSINO MUNICIPAL DE SÃO PAULO E A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO NAS ESCOLAS

2.1 AEL e seu histórico na rede de ensino municipal de São Paulo

O projeto Academia Estudantil de Letras (AEL) foi idealizado e estruturado pela professora de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação (SME), Maria Sueli Fonseca Gonçalves, conhecida na rede municipal de ensino como Suelizinha. Sueli é formada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), tendo sido, além de professora, formadora e Coordenadora do Projeto Academia Estudantil de Letras (AEL), no Núcleo Técnico de Currículo (NTC), da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

O histórico da AEL a seguir foi baseado na portaria específica do projeto (nº 5.296, de 14 de agosto de 2015) e na Revista Magistério nº 11 (2020), uma publicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo que foi totalmente dedicada à comemoração dos 15 do projeto nessa rede de ensino.

A fase embrionária da AEL foi um trabalho realizado pela professora Sueli na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Padre Antônio Vieira. O projeto “Poesia: um atalho para a Paz” trazia o gênero literário poema com o objetivo de colaborar com o fator de humanização dos estudantes, bem como resgatar valores relacionados à convivência na escola.

O projeto de poesia tomou grandes proporções dentro da escola Padre Antônio Vieira e cada vez mais a professora Sueli experienciou o poder da literatura na formação leitora e humana dos estudantes. A partir dessas vivências, ela criou o projeto da Academia Estudantil de Letras, inspirada nas autênticas Academias de Letras existentes no Brasil, em especial, a Academia Brasileira de Letras. A professora se baseou nas atividades das academias de letras existentes para fazer adaptações e adequações em atividades que pudessem ser realizadas na escola para o público estudantil.

Então, em 30 de maio de 2005, a professora Sueli fundou oficialmente a AEL Padre Antônio Vieira, atendendo a um número maior de alunos e tornando mais complexas as ações do projeto anterior, ao expandir as atividades para outros espaços da escola onde passaram a ser realizadas reuniões semanais. Nesse mesmo ano, a professora Sueli também recebeu o Prêmio “Professor-destaque”, no IV

Congresso Municipal de Educação de São Paulo, devido à idealização do projeto Academia Estudantil de Letras.

Basicamente, nas atividades do Projeto AEL, os alunos são chamados de acadêmicos e escolhem um autor da literatura para representar na Academia. Os estudantes, a partir da mediação do professor, desenvolvem sua autonomia e autoria nas pesquisas que realizam sobre o autor escolhido, apresentam seminários para compartilhar os conhecimentos aprendidos, além de conectarem os estudos literários a outras linguagens artísticas, como as artes cênicas (adaptando obras literárias para o teatro), artes visuais, dança e música.

No ano de 2006, tendo em vista o objetivo de iniciar a expansão do projeto para outras escolas da região da Penha, em São Paulo, a professora Sueli foi convidada pelo Secretário Municipal de Educação da época, Dr. José Aristodemo Pinotti (1934-2009), para compor a equipe da Diretoria de Orientação Técnico-Pedagógica da DRE Penha.

Ainda em 2006, o projeto ficou em segundo lugar no *Prêmio Paulo Freire* e recebeu o *Prêmio Telefônica* no Concurso “Causos do ECA”. A Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo concedeu também Menção Honrosa à EMEF Padre Antônio Vieira pela conquista do Prêmio Paulo Freire de 2006.

A professora Sueli seguiu na DRE Penha, orientando e auxiliando as escolas que escolhiam realizar o Projeto AEL em suas unidades. O projeto seguiu, gradativamente, sendo reconhecido nas escolas da DRE Penha, bem como por meio de outras premiações.

Em 2011, o projeto recebeu a *Menção Honrosa da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* (FNLIJ) e, em 2013, ganhou a Certificação do Projeto como Tecnologia Social – BTS – da Fundação Banco do Brasil. A partir do Concurso Fundação Banco do Brasil, aconteceu a apresentação da AEL no Fórum Social Mundial da Tunísia.

De acordo com a professora Sueli,

Vieram os prêmios, o reconhecimento do trabalho, a representação da Academia Estudantil de Letras no Fórum Social Mundial, na Tunísia, e foram se juntando a nós muitos educadores e muitos estudantes. De 2006 ao final de 2014, já com trinta Academias Estudantis de Letras fundadas nas escolas da DRE Penha e em outras regiões, superando as nossas expectativas [...]. (SME, 2020, p. 6).

Em 2015, devido a um novo panorama orçamentário na DRE Penha, o projeto sofre reestruturações e perde o fôlego da expansão de outros tempos. Por essa razão, a professora Sueli deixa de atuar na DRE Penha e volta a lecionar na EMEF Prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz, fundando a AEL Monteiro Lobato nesse mesmo ano. O Projeto AEL seguiu em andamento em muitas escolas da DRE Penha, apresentando resultados muito positivos na formação leitora dos estudantes envolvidos, razão pela qual continuou recebendo a aprovação dos alunos e dos professores envolvidos.

Foi então que, ainda em 2015, apoiada por esses professores e professoras, muitos deles também atuantes nas Salas de Leitura das escolas como Professor Orientador de Sala de Leitura (POSL), a professora Sueli Fonseca participou de uma reunião no CEU Quinta do Sol, zona Leste de São Paulo, da DRE Penha. Nessa reunião estavam presentes o Secretário Municipal de Educação – que também era presidente da Academia Paulista de Letras (APL) naquele período –, o professor Gabriel Chalita e a secretária adjunta, professora Emília Cipriano. O objetivo desse encontro era conhecer e apoiar os programas e projetos em vigor na rede municipal. Nessa ocasião, a professora Sueli apresentou o Projeto AEL, seu percurso na rede e todas as ações realizadas até aquele momento, solicitando apoio da gestão municipal para a manutenção e expansão do projeto para outras escolas.

Pouco tempo depois desse encontro, a professora Sueli foi convidada a integrar a equipe da Secretaria Municipal de Educação para iniciar a expansão da Academia Estudantil de Letras para a Cidade de São Paulo. Esse novo fôlego à AEL, que então trilharia rumos para toda a cidade de São Paulo, foi um grande presente para o projeto que completou 10 anos em 30 de maio de 2015.

O reconhecimento ao projeto continuava a chegar e, em 2015, a AEL recebeu o *Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social*, além de congratulações da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, por meio do Requerimento nº 1.208, pelo desenvolvimento do projeto Academia Estudantil de Letras na rede de ensino municipal de São Paulo.

2.2 Em 2015, a expansão da AEL para as escolas da cidade de São Paulo

Em 2015, teve início o plano de expansão do Projeto AEL para as escolas da rede municipal de São Paulo. O projeto passou a contar com o apoio de uma equipe

de trabalho na Secretaria Municipal de Educação, da qual participava também a professora Sueli. O primeiro passo, nessa nova fase, foi a apresentação da AEL e de seu plano de expansão aos 13 diretores regionais de educação da cidade, em junho de 2015, numa reunião ocorrida na própria SME, sendo o Projeto AEL e seu plano de expansão aprovado por todos os diretores.

No dia 25 de junho de 2015, foi organizada, na Academia Paulista de Letras, uma comemoração pelos 10 anos do Projeto AEL. Nesse evento, vários escritores, educadores e estudantes da rede municipal de São Paulo marcaram presença, sendo possível a interlocução e o diálogo entre eles, vislumbrando cada vez mais a AEL como uma estratégia potente de formação de leitores literários nas escolas. Nesse mesmo evento, aconteceu a Festa Anual de Posse e celebração dos 10 anos da AEL Padre Antônio Vieira, a precursora das AELs na cidade de São Paulo.

Em 8 de julho de 2015, uma nova reunião da equipe de trabalho da SME apresentou o Projeto AEL aos representantes das Divisões Pedagógicas das Diretorias de Ensino (DIPEDs) e aos supervisores da rede. Nessa ocasião, o intuito era mapear as características e necessidades de cada região, além de conhecer o olhar de cada DRE em relação ao projeto para, a partir dessa interação, criar conexões para a implementação do projeto em outras escolas da rede.

Formalizando, legalmente, o projeto para toda a rede de ensino público municipal, em 15 de agosto de 2015, foi publicada em Diário Oficial da Cidade, a Portaria nº 5.296/15, instituindo a AEL como política pública da educação municipal, orientando suas ações e estabelecendo as responsabilidades de cada setor na Secretaria de Educação Municipal de São Paulo para que a expansão e concretização do projeto acontecesse nas unidades escolas.

De acordo com a portaria,

A Academia Estudantil de Letras – AEL configura-se em espaço de leitura que explora a função humanizadora da literatura, sensibilizando, provocando reflexões e favorecendo o exercício do protagonismo infantojuvenil e adulto, por meio de estratégias pedagógicas de motivação prazerosa, que apresentem resultados positivos de transformação da vida dos educandos. (SME, 2015, p. 11).

Conforme o Art. 2º dessa legislação, os objetivos gerais do Projeto AEL são:

- I - desenvolver o gosto dos alunos pela literatura;
- II - ampliar o universo cultural dos educandos, elevando sua autoestima;
- III - promover a inclusão social dos educandos;
- IV - desenvolver a competência leitora e escritora, por meio de metodologia lúdica.

Para o alcance desses objetivos, o projeto propõe a realização das atividades fora do horário regular das aulas dos alunos, sendo optativa ao estudante a adesão ao projeto mediante inscrição.

As atividades da AEL são realizadas em 4 (quatro) horas-aula semanais, distribuídas em dois dias da semana, sendo 2 (dois) Encontros Literários e 02 (duas) Oficinas de Teatro. As ações podem ser realizadas em diferentes espaços da escola, inclusive ao ar livre, se houver essa disponibilidade nas unidades educacionais.

Os Encontros Literários serão coordenados por Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I ou de Ensino Fundamental II e Médio, da própria unidade educacional, que assumirá a função de “Coordenador de Estudos Literários”. Nessa perspectiva, o Coordenador de Estudos Literários pode ser inclusive o Professor Orientador de Sala de Leitura (POSL), que terá a possibilidade de realizar o projeto como meio de complementar sua jornada de trabalho na escola ou de realizá-lo além de sua carga horária regular de trabalho mediante orientações de legislação específica.

Ainda em conformidade com a Portaria da AEL, os Encontros Literários serão o momento para estudos e pesquisas sobre literatura numa perspectiva que privilegie os aspectos lúdicos presentes na leitura.

Nas Oficinas de Teatro, ocorrerão dinâmicas que visam explorar outras formas de expressão dos gêneros literários trabalhados, permitindo que os educandos se aprofundem nos estudos literários a partir de adaptações de obras para apresentações de artes cênicas.

Além disso, cabe ressaltar que, no decorrer do ano letivo, serão organizados outros eventos para o projeto, dentre eles:

- a) Solenidade de fundação da Academia;
- b) Festa Anual de Posse dos Acadêmicos;
- c) Seminários Literários;
- d) Semana de Arte Moderna – Mostra Anual de múltiplas linguagens (teatro, música, dança, cinema, artes visuais);

- e) Atividades culturais;
- f) Palestras;
- g) Passeios a museus, espaços literários, outras Academias de Letras, bienais de livros, bibliotecas, saraus e outros espaços de convivência e cultura.

2.3 Plano de Expansão – apresentando a AEL para os professores da rede

Com a intenção de seguir divulgando o projeto para a rede, no dia 26 de agosto de 2015, foi promovido pela equipe da SME, na UNINOVE Barra Funda, o Seminário do Projeto AEL. O público-alvo principal desse evento foram os Professores Orientadores de Sala de Leitura (POSLs) e os bibliotecários dos Centros Educacionais Unificados (CEUs). Contudo, o evento teve também a participação de coordenadores pedagógicos e estudantes da rede municipal de ensino. No seminário, os cerca de mil participantes tiveram a oportunidade de conhecer as ações das academias em funcionamento, bem como sobre a fruição da arte literária nas ações já desenvolvidas desde a criação do Projeto AEL.

Em setembro de 2015, foi iniciado na rede um curso de formação para todos os educadores da RME interessados em implementar o projeto em suas escolas. O curso, intitulado “Gestão e Acompanhamento da Academia Estudantil de Letras – GAEL”, teve seis turmas e aconteceu na Academia Paulista de Letras, na região central de São Paulo. Nesse curso, foram promovidas apresentações de trabalhos dos estudantes das academias já existentes e realizadas conversas com escritores representados nessas academias, além de fornecidas as explicações necessárias sobre as etapas para a realização do projeto nas escolas.

Fazendo parte da estrutura do Projeto AEL, em outubro de 2015, foi realizada a Semana de Arte Moderna da AEL. Esse evento propiciou, de acordo com Sueli Vaz, uma das integrantes da equipe AEL na SME-SP no período, uma maior visibilidade do projeto na rede, pois evidenciou o protagonismo dos estudantes do projeto. Segundo Sueli Vaz,

Neste mesmo ano, com o início do plano de expansão do projeto, após ações planejadas e com a conquista das congratulações da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, pelo desenvolvimento do Projeto AEL, e o prêmio de Tecnologia Social da Fundação Banco do Brasil, já era possível vislumbrar, concretamente, a possibilidade de alcançarmos os professores e escolas da Rede. No entanto, para

que, de fato, acontecesse a expansão almejada, precisaríamos da atuação fundamental das DREs, no sentido da indicação de um 'Coordenador do Projeto AEL', para articular as ações de implantação/ implementação das Academias Estudantis de Letras em todas as regiões. (SME, 2020, p. 10).

Então, reconhecendo essa necessidade para a expansão do projeto para toda rede, as 13 DREs indicaram professores que poderiam trabalhar na Diretoria de Ensino representando o projeto em cada território de ensino da cidade. Em 2016, portanto, foram iniciadas as ações locais para a expansão da AEL na cidade de São Paulo.

2.4 AEL: a expansão do projeto para toda a cidade

Em 2016, as ações para a expansão do Projeto AEL para as 13 Diretorias Regionais de Educação seguiram a todo vapor. Gradativamente, as AELs começaram a acontecer nas escolas municipais de toda a cidade: Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio (EMEFMs), Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBs) e Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (CIEJAs).

As atividades do projeto seguiam a proposta do Currículo da Cidade para a promoção do desenvolvimento integral dos estudantes, da equidade e da educação inclusiva. Além disso, as premiações como reconhecimento dos resultados desse projeto nas escolas continuaram referendando os resultados alcançados.

No ano de 2017, a professora Sueli Fonseca, idealizadora do projeto Academia Estudantil de Letras, recebeu a outorga do Título de Madrinha da Academia Jovem de Letras de Campos do Jordão. Em 2018, ocorreu a diplomação e posse da professora idealizadora do projeto na Academia de Letras de Campos do Jordão, na cadeira de nº 21, de Emílio Moura. No ano de 2020, a professora Sueli Fonseca recebeu as congratulações da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo pela publicação de seu primeiro livro: *A História de Pinóquio*.

Ainda em 2020, por ocasião de comemoração dos 15 anos de projeto, tivemos a promulgação da Lei nº 17.459, de 9 de setembro de 2020, instituindo a Academia Estudantil de Letras no âmbito do Município de São Paulo, tal como ocorre com as Academias de Letras reconhecidas existentes em nosso país. E, conforme nos

aponta Samir Ahmad dos Santos Mustapha, integrante da equipe do Projeto na SME-SP,

[...] é nessa empreitada que caminhamos em defesa da cultura de paz, do direito à literatura, da inspiração artística, da valorização do trabalho construído coletivamente, da autonomia, da autoria e da diversidade, e no rompimento de qualquer discriminação, estereótipo e senso comum. A AEL tem contribuído significativamente na formação crítica, científica e humanística dos estudantes. (SME, 2020, p. 13).

Em 2020, a Pandemia de COVID-19 impôs a todas as escolas novas ferramentas e metodologias para o ensino. O Projeto AEL também foi impactado por esse cenário, porém, seguiu com suas ações formativas e acadêmicas de forma remota. Os estudantes e professores adaptaram as atividades e a dinâmica do projeto e seguiram com suas reuniões por meio de aplicativos de reuniões *on-line*.

No ano de 2022, as ações presenciais foram retomadas e a rede municipal de ensino contabiliza, atualmente, 192 academias com patronos definidos e em funcionamento na cidade. Dessas, 120 academias já foram fundadas oficialmente na rede, conforme a lista divulgada no portal da SME São Paulo (Anexo A).

2.5 Como funciona a AEL na escola

Como já vimos anteriormente, as ações da AEL se desenvolvem em consonância com o Currículo da Cidade de São Paulo, portanto, numa perspectiva que promove a expansão qualificada do tempo do aluno na escola. Os alunos participantes podem ficar no projeto, se assim desejarem, até a conclusão dos seus estudos regulares, tendo a oportunidade de voltar às atividades como membros vitalícios.

O Projeto AEL pode ser implementado em todas as turmas dos três ciclos do ensino fundamental, além dos grupos do Ensino Médio e CIEJA. Nas EMEFs, os três ciclos são: Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), Interdisciplinar (4º, 5º e 6º anos) e Autoral (7º, 8º e 9º anos). Os estudantes podem ingressar no projeto estando em qualquer turma, sendo possível também que iniciem na academia desde o 1º ano do Ciclo de Alfabetização, assumindo, nesse processo, conforme seu tempo de participação e

experiência dentro do projeto, a titularidade das cadeiras já existentes na academia ou até mesmo criando novas.

As reuniões nas academias ocorrem no contraturno escolar, sendo optativa ao estudante a escolha de participar do projeto. As atividades literárias consideram as especificidades de cada participante, podendo abarcar pesquisas biográficas, organização de seminários e até aspectos lúdicos presentes na leitura. Outras formas de expressão dos textos literários trabalhados também são privilegiadas no projeto, tais como as atividades de teatro, artes visuais, dança e música.

Como forma de complementar as atividades da AEL e repertoriar culturalmente os estudantes, os acadêmicos participam de outros eventos culturais, tais como solenidades de fundação de novas academias, festas anuais de posse, mostras de criação artística, exposições de artes, apresentações teatrais, passeios em espaços literários, bienais de livros, saraus e outros espaços de convivência.

2.6 Como o projeto começa na escola?

Uma AEL pode surgir na escola por meio da demanda dos estudantes ou de professores que desejam implementar a academia na unidade escolar. No portal da SME e até mesmo na Instrução Normativa que institui o projeto é possível encontrar todas as ações necessárias para o trabalho com a AEL nas escolas, cujas etapas descreveremos a seguir.

Os professores que desejam iniciar a AEL nas escolas, ocupando as funções de Coordenador dos Estudos Literários e/ou Coordenador das Atividades de Teatro, apresentam o projeto escrito para apreciação e aprovação do Conselho de Escola. O projeto deve ser escrito seguindo as especificações das Portarias nº 5.296, de 14 de agosto de 2015 (Institui o Projeto “Academia Estudantil de Letras” nas Unidades Educacionais que mantêm o Ensino Fundamental e o Ensino Médio da Rede Municipal de Ensino, define normas e procedimentos para a sua implementação e dá outras providências) e nº 3.552, de 10 de maio de 2016 (Altera os artigos 8º e 12 da portaria 5.296).

Conforme o guia da AEL presente na Revista Magistério (SME, 2020) e a legislação específica, nessa proposta do projeto é importante apresentar, ao grupo do Conselho de Classe, informações como número de estudantes inscritos que desejam participar da AEL, quantidade de turmas constituídas, dias e horários das atividades

no contraturno para os estudos literários e para as atividades teatrais, os nomes dos professores que assumirão a função de Coordenador de Estudos Literários e Coordenador dos Estudos Teatrais, o patrono escolhido e o cronograma das atividades que serão realizadas.

Conforme portaria específica do projeto, toda Academia terá sua própria “Lista dos Acadêmicos”, com o número da Cadeira Literária, o nome do aluno interessado em ocupá-la, bem como o nome do escritor escolhido; a lista será definida nos Encontros de Literatura, com o auxílio do Coordenador dos Estudos Literários.

Sobre o patrono ou patronesse, cabe ressaltar que se a escola tiver o nome de algum autor da literatura, automaticamente a AEL receberá o nome dele, sendo este o patrono da academia e ocupando a cadeira número 1. As demais cadeiras literárias serão numeradas obedecendo à ordem de interesse dos alunos.

Nas demais situações de escolha do nome do patrono, destaca-se a importância do processo democrático e com representatividade do maior número de pessoas da comunidade escolar. O processo de escolha deve estar atrelado à representatividade desse autor em relação à identidade e à história da unidade educacional e sua comunidade.

Outro ponto relevante na escolha do patrono da AEL é que o nome selecionado seja de um autor natural de um país onde se fala a língua portuguesa. Podem ser escolhidos autores clássicos, modernos ou contemporâneos, sendo necessário ao menos uma obra publicada.

Feito esse processo, os membros do Conselho terão mais condições para avaliar com propriedade se aprovam ou não a iniciativa de implantação do projeto na escola. Sugere-se que a reunião para definir sobre isso aconteça no último bimestre do ano que antecede o da implantação da academia, bem como que os professores interessados em coordenar os estudos literários e/ou as atividades de teatro concluam, preferencialmente, a formação Gestão e Acompanhamento do Projeto AEL (GAEL).

Caso não sejam possíveis os encaminhamentos para essa reunião de Conselho no ano anterior ao da implantação do projeto na escola, essa organização para apreciação e aprovação em Conselho pode ocorrer logo no início do ano letivo da implementação do projeto na escola. Nessa situação, os professores interessados em coordenar os estudos literários e/ou teatrais também podem iniciar a formação GAEL em suas respectivas Diretorias Regionais. Sendo o projeto aprovado, deverá

ser encaminhado para a Diretoria Regional de Educação para avaliação e aprovação da Supervisão e Direção Regional, para depois seguir para homologação.

Assim que o projeto for aprovado e homologado pelo Diretor Regional de Educação (DRE), as atividades da AEL podem ser iniciadas conforme o cronograma planejado e aprovado. O projeto assim instituído oportunizará às escolas a possibilidade de organizar e manter em funcionamento uma Academia de Letras no âmbito da Unidade escolar,

[...] à semelhança das Academias de Letras reconhecidas pela sociedade, com adaptações ao público estudantil em referência, pautada na integração com escritores e personalidades, a fim de promover o acesso à cultura, em um ambiente fraterno e transformador, que valorize o pensar e o sentir. (SME, 2015, p. 11).

Em conformidade com a Portaria citada, os encontros para estudos literários e teatrais ocorrem concomitantemente no projeto, com agendas semanais em dias e horários diferentes, sendo as duas atividades ofertadas a todos os estudantes inscritos na AEL.

Tanto os coordenadores dos estudos literários como os coordenadores das atividades de teatro, referendados pela Portaria nº 3.552, de 10 de maio de 2016, deverão frequentar o curso “Gestão e Acompanhamento do Projeto AEL”, anualmente, para se atualizar em relação às ações do projeto, sejam elas específicas ou atividades previstas para o ano em curso, como, por exemplo, datas da Semana de Arte Moderna e autor homenageado.

Essa formação continuada destinada aos professores do projeto garante a sua unidade em todas as regiões e a possibilidade de todas as Academias participarem ativamente dos eventos, solenidades e cursos de formação previstos. Além disso, é um importante momento em que os professores do projeto são repertoriados culturalmente e metodologicamente, uma vez que é possível a troca de conhecimentos e experiências entre os pares por meio da socialização de atividades realizadas nas AELs de várias regiões da cidade.

2.7 Participação do aluno acadêmico no projeto

Já foi dito que o estudante pode ingressar e participar da AEL desde o 1º ano do Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental I. Ao ingressar, ele é chamado de

Membro Principiante. De acordo com a Portaria do projeto, o membro principiante participa de todas as atividades e eventos da AEL, porém, não escolhe ainda um amigo literário para representar. Isso porque são alunos que estão em fase de acolhimento no projeto, participando das atividades de forma lúdica ao mesmo tempo em que vão sendo repertoriados nas estratégias de mediação literária. Na Cerimônia da Fundação da Academia ou nas Festas Anuais de Posse, esse membro recebe uma medalha com cordão branco, simbolizando o início no primeiro estágio no projeto.

Após essa fase, o membro principiante torna-se *Membro Correspondente* (normalmente, são alunos do Ciclo Interdisciplinar – 4º, 5º e 6º anos). No decorrer das atividades do projeto, esse membro escolhe seu amigo literário, iniciando seus estudos e pesquisas sobre o autor ou autora escolhido. Ele organiza os materiais de sua pesquisa numa pasta do acadêmico. Os conhecimentos adquiridos nesse processo podem ser apresentados aos demais membros da academia ou até para a comunidade escolar nos Chás Literários e Seminários. No dia da Festa Anual de Posse, esse aluno receberá uma medalha com cordão verde, representando seu ingresso e participação no segundo estágio do projeto.

Na fase seguinte, o aluno é denominado *Membro Titular* (nessa etapa, podem ser alunos ainda do 6º ano do Ciclo Interdisciplinar ou do Ciclo Autoral – 7º, 8º e 9º anos), assumindo a titularidade da cadeira do amigo literário escolhido anteriormente. No dia da Festa Anual de Posse, ele receberá a medalha de titular de cordão amarelo e o certificado de Posse (Anexo B), simbolizando seu ingresso no terceiro estágio do projeto.

Quando o estudante concluir seus estudos no Ensino Fundamental regular na escola, existe a possibilidade de seguir no projeto ocupando o lugar de *Membro Vitalício* da AEL. Ser membro vitalício representa uma “honra ao mérito” pelo trabalho realizado pelo acadêmico no decorrer de sua permanência na AEL. Então, na Festa Anual de Posse subsequente ao ano de sua formatura, esse aluno é apresentado à comunidade com a titularidade de Membro Vitalício, recebendo, nessa ocasião, uma medalha de fita dourada e certificado indicando a nova titularidade no projeto (Anexo C).

Cabe ressaltar que, mesmo com a possibilidade de o aluno se tornar Membro Vitalício, assim que o estudante concluir seus estudos, sua cadeira literária será disponibilizada para outro acadêmico da escola que segue no projeto e deseja representar o autor/autora em questão. O novo aluno tomará posse como titular no

ano subsequente ao da saída da escola do membro vitalício. O Membro Vitalício poderá seguir participando dos encontros literários, das atividades de teatro, dos eventos culturais e das publicações anuais da AEL.

2.8 As atividades da AEL

Conforme o Art. 3 da Portaria nº 5.296, de 15 de agosto de 2015, as academias estudantis de letras constituídas deverão elaborar um cronograma anual de eventos que deve contemplar, no mínimo, a seguinte programação comum, cronologicamente:

I - Primeiro semestre:

- a) seminários mensais;
- b) atividades culturais;
- c) Festa Anual de Posse.

II - Segundo semestre:

- a) seminários mensais;
- b) atividades culturais;
- c) Semana de Arte Moderna;
- d) confraternização das academias estudantis de letras.

Os Chás Literários, como veremos adiante, são oportunidades para os seminários acontecerem em diálogo com a comunidade escolar. Cabe ressaltar que, dependendo da especificidade do território e das necessidades dos estudantes do projeto, podem ocorrer Festas Anuais de Posse também no 2º semestre.

2.8.1 Cerimônia de Fundação e festas anuais de posse

Mesmo considerando as especificidades de cada região, o projeto tem contornos bem definidos que acabam por destacá-lo dentre as várias ações pedagógicas da rede de ensino municipal de São Paulo. Nesse sentido, todas as academias da rede, conforme a Portaria nº 5.296, de 14 de agosto de 2015, deverão seguir as atividades e regras previstas para a fundação de uma Academia Estudantil de Letras, festas anuais de posse subsequentes e as demais normas para o desenvolvimento do projeto na escola. São processos repletos de simbolismo para

qualquer academia, em especial para a AEL, e visam conferir identidade ao projeto e não meios de controle ou rigidez da sua efetivação na escola.

Para auxiliar o professor no desenvolvimento do projeto na escola, a equipe de SME organizou essas informações no portal da AEL, no site da SME. Nesse site, é possível acessar as orientações para o projeto, listas de academias e diversos materiais publicados, que incluem, por exemplo, o *Manual de Identidade Visual da AEL*, disponível no Portal da SME (Anexo D). Pensando, especificamente, sobre a fundação da AEL na unidade escolar e suas cerimônias anuais de posse, podemos destacar:

- a) a escolha de uma cor que identificará a Academia e que predominará nas capas acadêmicas, na capa do Livro Oficial de Atas e nos demais detalhes de atividades da AEL;
- b) não é permitida a repetição do nome do Patrono e da cor de identificação da AEL na mesma Diretoria Regional de Educação;
- c) as cerimônias de posse dos acadêmicos deverão seguir a seguinte organização: palco ornamentado com a cor da academia e de forma a homenagear o patrono. Nele devem constar *banner* com foto, ilustração e frase extraída de sua obra, além do nome da unidade educacional, da academia e a data da sua fundação;
- d) o *banner* citado anteriormente sempre será exposto nas demais solenidades, compondo o cenário da cerimônia;
- e) deverá ser escolhido, na unidade educacional, um mestre de cerimônias, com boa desenvoltura, boa dicção e, sobretudo, afinidade com o projeto. Ele dirigirá os eventos da AEL, seguindo um *script* próprio, que incluirá a chamada individual de todos os titulares, bem como dos representantes das Equipes Gestora e Docente (Anexo E);
- f) os coordenadores dos estudos literários e os coordenadores das atividades teatrais não devem exercer a função de mestre de cerimônias, uma vez que, nos eventos da AEL, desempenharão outros papéis;
- g) nas solenidades da AEL, será responsabilidade do mestre de cerimônias a chamada individual de todos os titulares, bem como dos representantes das equipes gestora e docente;

- h) na cerimônia de fundação e nos demais eventos de posse da AEL, os acadêmicos assinarão o Livro de Posse e receberão certificado, medalha correspondente à sua posição na AEL e Capa Acadêmica. Nesse momento, deverão apresentar, brevemente, alguma informação ou uma apresentação cênica sobre o autor ou autora que representam;
- i) de acordo com o Art. 11 da Portaria nº 5.296, de 14 de agosto de 15, o mestre de cerimônias deve ter em mãos os textos que cada acadêmico irá pronunciar, a fim de interferir, em casos de eventuais esquecimentos por parte dos alunos;
- j) na Cerimônia de Fundação, todos os acadêmicos estão iniciando no projeto. Após a Posse, eles realizarão o Juramento Acadêmico, conduzido, preferencialmente, pelo titular da Cadeira Número 1 da academia (Anexo F). Nas demais festas anuais de posse, esse ritual será repetido;
- k) os membros empossados nas Festas Anuais de Posse subsequentes à fundação receberão homenagens simbólicas dos acadêmicos mais antigos, num gesto de amizade e respeito.

A Cerimônia de Posse contará com a participação de toda a comunidade escolar: professores e alunos do projeto, demais docentes e estudantes, equipe gestora, familiares da comunidade escolar e até representantes da Diretora Regional de Ensino que, para essa ocasião solene, também são convidados formalmente a estar presentes.

Pensando ainda na cerimônia de fundação e de posses anuais, o Art. 11. da Portaria nº 5.296, de 14 de agosto de 2015, especifica a canção que deve fazer parte das cerimônias, assim que a posse dos estudantes das cadeiras literárias que irão representar for finalizada. A canção “Te ofereço paz” (Anexo G) simboliza valores importantes do Projeto AEL, como os sentimentos de solidariedade, amizade, amor e fraternidade.

A canção foi escrita por Válter Pini e configura um verdadeiro hino da AEL. Ela faz parte de todas as cerimônias de posse, eventos solenes e confraternizações, sendo cantada pelos estudantes do projeto e acompanhada pelos demais participantes. A apresentação da música é acompanhada por uma coreografia também carregada de simbolismos para o projeto:

- a) primeiramente, os acadêmicos estendem seus braços em direção ao público, ofertando, simbolicamente, a *paz*;
- b) em seguida, fecham as duas mãos, colocando-as uma sobre a outra, próximas ao coração, indicando o *amor* e, conseqüentemente, representando-o;
- c) o afastamento das mãos deixa um espaço vazio em frente ao corpo do aluno, como se estivesse desenhando “um pote”. Nele, o autor sugere que seja preenchido e guardado o sentimento da *amizade*;
- d) para indicar a atenção às necessidades de cada indivíduo, as mãos devem se aproximar dos ouvidos;
- e) seguindo a coreografia, quando as mãos tocam o rosto, indicam a procura pela *beleza* verdadeira, do brilho dos olhos e do sorriso;
- f) depois disso, os estudantes levam as mãos em direção ao coração novamente, num gesto de busca de *sentimentos* puros, a essência humana;
- g) finalizada essa etapa, os alunos erguem as mãos para o alto da cabeça, em movimentos circulares que procuram indicar que ali se concentra a razão e a *sabedoria humana*;
- h) uma das mãos segue erguida para o ponto mais alto, num gesto de reverência a algo maior, à “*fonte superior*” geradora da nossa humanidade;
- i) por fim, um acadêmico se *reconhece* no outro, simbolizando a empatia e a generosidade, pelo gesto de colocar as mãos juntas e a cabeça delicadamente curvada, em sinal de respeito mútuo;
- j) o gesto final é o das mãos dadas, formando uma corrente humana que sinaliza o desejo firmado de *trabalhar* em harmonia coletivamente.

2.8.2 Encontros literários

O Art. 6º da Portaria que institui o projeto explica que os Encontros Literários podem ocorrer na própria escola ou, se necessário, eventualmente, em outros espaços de convivência, em dias e em locais determinados, mediante cronograma específico.

Nesses encontros, teremos a seguinte organização dos agrupamentos:

- I – Titulares: alunos do Ciclo Interdisciplinar (6º ano) e do Ciclo Autoral e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), quando for o caso;

II – Membros correspondentes: alunos do Ciclo Interdisciplinar (4º, 5º e 6º anos) que optaram pelos mesmos autores escolhidos pelos membros titulares ou por qualquer outro autor, se preferirem criar uma cadeira nova;

III – Membros principiantes: alunos do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) que, ao contrário dos demais participantes, não escolhem um autor específico, mas são apresentados a vários deles, para que, futuramente, possam realizar suas escolhas.

Nesses encontros semanais, o Professor Coordenador dos Estudos Literários deverá apoiar os acadêmicos na escolha do amigo literário, planejando atividades que permitam a troca de experiências dos saberes adquiridos resultantes das pesquisas dos acadêmicos. Nessas reuniões de estudos literários, os textos pesquisados pelos alunos serão compartilhados entre todos os outros membros da academia.

Além disso, o professor coordenador auxiliará na realização dos seminários mensais, acompanhando e oferecendo subsídios para a escolha do patrono e contribuindo para a ampliação do repertório literário dos estudantes, por meio de atividades e estratégias lúdicas que propiciem um aprendizado motivador. Esses seminários poderão contar com a participação de escritores, poetas, professores, pais dos educandos e outros convidados que os acadêmicos julgarem pertinente a presença.

2.8.3 A escolha do amigo literário

Nas atividades da AEL, a mediação do professor de estudos literários é fundamental no processo de escolha do amigo literário do acadêmico. Geralmente, o estudante chega ao projeto com um pequeno repertório sobre autores, necessitando de apoio para escolher o amigo literário que representará. Caberá, portanto, ao professor de estudos literários da AEL a mediação desse processo, que irá repertoriar o estudante com muitas informações sobre diversos autores e autoras da literatura. Esse professor, por meio de estratégias diversas, apresentará nomes, textos literários, livros ou outros materiais que sejam relevantes à diversidade da literatura, sugerindo e indicando possibilidades de pesquisas ao jovem acadêmico do projeto.

O aluno, a partir dessas atividades e pesquisas, terá mais condições para escolher um autor ou autora. A partir daí, o acadêmico seguirá suas pesquisas de

forma autônoma, mas ainda com a mediação do professor. Nessa etapa, será possível estudar a biografia do autor selecionado e suas obras.

Dessa forma, o acadêmico sente mais segurança em representar o autor, e a titularidade da cadeira literária será resultado de um processo efetivo e contínuo de pesquisas que propiciarão ao aluno momentos para reflexão e identificação com o autor escolhido. Todo esse processo estará registrado na Pasta do Acadêmico organizada pelo aluno.

2.8.4 Pasta do Acadêmico

A pasta do acadêmico é um material organizado pelo estudante, que reflete seu processo e percurso de pesquisa dentro da AEL. Essa atividade, composta por cinco etapas, também recebe a orientação do professor Coordenador dos Estudos Literários. A organização desse material pode até ser iniciada nos encontros literários semanais, mas, como o estudante terá autonomia para administrar seu tempo e seu processo, ele também poderá pesquisar nas aulas do Professor Orientador da Sala de Leitura da escola (POSL) ou Professor Orientador de Educação Digital (POED) da escola, seguindo sua pesquisa no decorrer de sua participação na AEL, pois sempre será possível aprender ou estudar assuntos novos relacionados ao autor escolhido.

Como ponto de partida para esse trabalho, ou para a primeira etapa da pasta, o professor Coordenador dos Estudos Literários orientará a criação da capa da pasta e a pesquisa de textos para a resposta de 13 questões que são estrategicamente selecionadas para formar o perfil do autor escolhido, passando por informações biográficas do autor e pelas obras publicadas (Anexo H).

Nessa etapa, o professor explica e orienta sobre a pesquisa nos encontros semanais de estudos literários. Ele pode sugerir:

- a) a busca de auxílio do Professor Orientador de Sala de Leitura da Escola;
- b) o acompanhamento e auxílio do Professor Orientador de Educação Digital. Nesse caso, serão utilizados os horários disponibilizados para pesquisa no laboratório de informática da escola;
- c) a indicação de livros e sites confiáveis, orientando o acadêmico na leitura atenta e reflexiva das biografias encontradas para que possa construir suas respostas.

Na segunda etapa, o Professor Coordenador de Estudos Literários auxiliará o acadêmico na organização das pesquisas da pasta e também na organização e escrita de um texto informativo, a partir das respostas da lista de questões. O estudante poderá, portanto, manter ou alterar a ordem das respostas da pesquisa, com o objetivo, de acordo com as orientações constantes no portal da AEL da SME, de criar um texto bem escrito, pautado na clareza e na coerência, observando a estrutura das frases na Língua Portuguesa e a construção dos períodos.

Nessa etapa, o professor orientará a construção de parágrafos no texto, auxiliando o aluno no encadeamento das ideias e na sequência lógica da produção, contribuindo, portanto, para que o aluno acadêmico produza um texto que permita ao leitor clareza e entendimento sobre o que se quer dizer.

A terceira etapa da organização da pasta do acadêmico é denominada “Da biografia à autobiografia”. Nessa atividade, o estudante organiza uma nova lista de questões, a exemplo da primeira lista que guia a pesquisa sobre o autor, porém, dessa vez, os dados vão se referir ao próprio aluno.

O professor coordenador orientará na manutenção das questões 1, 2 e 3, e adaptações que o aluno julgue necessárias nas 10 questões seguintes. Para elaborá-las, o jovem acadêmico deverá considerar sua vida pessoal, vivência escolar, livros preferidos, registros de experiências de leitura, ingresso na Academia Estudantil de Letras, registro de textos de autoria e relatos de memória, entre outros fatores.

Na quarta etapa, o estudante usará as respostas da lista de questões sobre si para organizar e produzir um texto informativo. A autobiografia, assim como na escrita da biografia de seu amigo literário, deverá ser elaborada, mantendo ou alterando a ordem das respostas da pesquisa, com o objetivo de criar um texto bem escrito, coerente e de acordo com a estrutura da Língua Portuguesa.

Após as atividades que envolvem as pesquisas orientadas a partir das listas de questões, o acadêmico chega à quinta etapa da organização da pasta do acadêmico com a pesquisa espontânea.

Conforme instruções do Portal da SME para o Projeto AEL, nessa etapa, o acadêmico será orientado pelo Professor Coordenador de Estudos Literários na elaboração de uma nova lista, com questões criadas pelo próprio aluno, que vão dar início à sequência da pesquisa inicial já realizada, seguindo para a 14ª questão da Pasta do Acadêmico. Então, o aluno poderá prosseguir, espontaneamente, de acordo

com seu próprio ritmo, suas pesquisas sobre temas que atendam à curiosidade despertada e à vontade de saber mais sobre o seu amigo literário e sobre outros autores do seu interesse.

Considerando que o estudante pode permanecer no Projeto AEL até a conclusão de seus estudos no 9º ano do Ensino Fundamental, teríamos uma sexta etapa para a pasta do acadêmico, que fortalece a ação do trabalho autoral proposta nas aulas regulares desses alunos.

Na sexta etapa, teremos a elaboração do trabalho de autoria, ao final do 9º ano do Ensino Fundamental, cuja atividade consistirá na organização e escrita de um texto sobre o amigo literário que seguirá essa ordem: biografia condensada (com registro das principais informações acerca do autor); relato da experiência acumulada do estudante acadêmico ao longo do tempo em que participou do Projeto AEL na escola; escrita do que, de fato, foi mais importante conhecer acerca do amigo literário escolhido; qual a contribuição do estudante para os futuros acadêmicos que desejarem saber mais sobre o amigo literário em questão.

O aluno será orientado a elaborar a sua “*autobiografia literária*” resumida, relatando sua experiência de leitura ao longo dos anos em que participou do Projeto AEL. Nesse texto, o acadêmico poderá mencionar o dia, mês e ano em que tomou posse da cadeira literária na AEL e fazer indicações literárias para os futuros acadêmicos, tanto de livros de seu autor como de outros que tenha lido.

Para finalizar, segundo instruções do projeto, o estudante deverá escolher um poema ou trecho da obra do seu amigo literário para deixar registrado, como incentivo aos futuros acadêmicos, no sentido de apresentar a eles “o melhor da obra”, segundo a opinião de quem estudou bastante sobre o autor, durante o tempo em que participou da AEL. Esse registro será acompanhado por uma ilustração e/ou foto do amigo literário e do acadêmico do projeto, sendo datado e assinado pelo acadêmico.

O papel do professor coordenador, em todas as etapas, será de orientar e incentivar a pesquisa permanente, a partir de modelos oferecidos, com vistas a ampliar o conhecimento, incitar a curiosidade e o seu efeito positivo na aprendizagem que se quer alcançar por parte do acadêmico.

Ressalta-se que, para assumir a titularidade da cadeira literária escolhida, é obrigatória ao acadêmico a conclusão da primeira etapa da pasta até 30 dias antes da fundação da academia. É importante que o aluno tenha assimilado os resultados de sua pesquisa inicial sobre a vida e a obra do autor escolhido, uma vez que esse

conhecimento servirá também de base para uma breve apresentação desse autor no dia da Cerimônia de Posse.

A pasta do acadêmico é uma prática pedagógica que propiciará mais autonomia nos estudos do aluno e também colaborará com o desenvolvimento de suas competências leitora e escritora. Como vimos, ela será atualizada com os resultados das pesquisas e ações do acadêmico no decorrer de sua participação no projeto. Portanto, nesse processo, ela conterà basicamente:

- a) o roteiro sugerido pelo Coordenador dos Estudos Literários para a pesquisa sobre o amigo literário do aluno, respostas que serão elaboradas pelo educando como resultado de sua pesquisa e que configurarão sua primeira atividade acadêmica;
- b) novas pesquisas desenvolvidas e formuladas de maneira coerente e coesa para integrar um texto sobre a biografia do autor;
- c) a autobiografia do próprio acadêmico, que deverá seguir a mesma base de questões utilizadas na estratégia pedagógica inicial da pasta do acadêmico;
- d) demais pesquisas que o acadêmico julgar necessárias e relevantes ao seu processo acadêmico.

2.8.5 Chá Literário

Além das pesquisas para a pasta do acadêmico, os alunos do Projeto AEL se envolvem em várias atividades. O Chá Literário acaba sendo uma oportunidade de apresentação do Projeto AEL para a comunidade escolar, bem como para o estudante acadêmico, que pode apresentar as pesquisas sobre seu amigo literário na forma de um seminário.

De acordo com a Revista Magistério (2020), o “chá” marca tradicionalmente os encontros oficiais das Academias de Letras, sendo um evento cultural que tem a finalidade de acolher e apresentar o projeto aos pais das crianças e jovens que dele participam, aos seus responsáveis, bem como aos professores que não atuam diretamente na coordenação do projeto na escola, à equipe gestora e aos demais representantes da comunidade escolar, sempre que for possível.

Ainda de acordo com a edição especial dessa revista, o primeiro chá literário do ano deve acontecer, preferencialmente, no primeiro trimestre, ou depois de dois ou

três meses que o projeto tenha se iniciado na escola. Nessa ocasião, os estudantes são estimulados a apresentar o projeto aos convidados, e aqueles que já tiverem um bom repertório de pesquisa sobre seu autor podem apresentar uma breve biografia do amigo literário, alguma poesia ou trecho de livro e até uma pequena encenação de uma das obras do autor pesquisado. Outros chás literários podem ser realizados no decorrer do ano letivo em curso, oportunizando a apresentação dos trabalhos de vários acadêmicos do projeto.

2.8.6 Oficinas de Teatro

As oficinas teatrais, conforme Art. 8º da Portaria do projeto, serão realizadas semanalmente por professores da unidade educacional que possuam habilitação em Artes e/ou experiência com dramaturgia. Esse profissional assumirá o cargo de Coordenador das Atividades de Teatro.

Nessas oficinas, o professor responsável organizará dinâmicas que exploram outras formas de expressão dos gêneros literários trabalhados, permitindo aos educandos um aprofundamento dos estudos literários realizados. O Professor Coordenador das Atividades Teatrais será responsável por adaptar e ensaiar as obras literárias e suas diversas representações em múltiplas linguagens (teatro, música, dança, cinema, artes visuais).

Os acadêmicos participarão, nesses encontros, de atividades em grupo ou individuais que os auxiliarão no processo de adaptações de obras literárias para a linguagem das artes cênicas. Eles também dialogarão com outras linguagens artísticas como a dança e a música.

O resultado desse trabalho poderá ser apresentado nas cerimônias de posse anuais, nos Chás Literários, na Semana de Arte Moderna ou em outros eventos da unidade escolar.

2.8.7 Semana de Arte Moderna da AEL

Essa atividade é uma mostra anual dos trabalhos realizados pelas academias instituídas ou em processo de fundação que passam pelas múltiplas linguagens artísticas: teatro, música, dança, cinema, artes visuais. É um momento em que as AELs da cidade se apresentam e celebram o protagonismo do jovem acadêmico,

trazendo à tona a literatura na sua função humanizadora. Isso porque a literatura é apresentada ao público por meio de espetáculos teatrais, de dança, música, esquetes ou leituras dramatizadas, que provocam reflexões e sensibilizam não apenas os acadêmicos, mas a todos que acompanham as apresentações.

É nessa semana que vemos o exercício do protagonismo infantojuvenil e adulto, por meio de estratégias pedagógicas de motivação prazerosa, que apresentam resultados positivos de transformação da vida dos educandos e promovem ações de equidade, de valorização da autoestima e do respeito mútuo (Magistério, 2020).

Seguindo as instruções da Portaria nº 5.296/15, Art.15, esse evento acontece anualmente, no mês de outubro, a partir da inscrição das academias por *link* previamente divulgado. As AELs podem escolher entre apresentar um ou mais trabalhos realizados na escola ou participar como plateia nos dias das apresentações dessa semana, que ocorrem de forma simultânea nos CEUs da Cidade de São Paulo e em outros espaços de cultura disponibilizados.

2.8.8 Confraternização Anual das Academias Estudantis de Letras

Além das atividades citadas, anualmente é promovida a Confraternização Anual das Academias Estudantis de Letras. A atividade recebe o apoio das 13 Diretorias Regionais de Educação e da equipe da SME e acontece no espaço do Parque Ibirapuera, em São Paulo.

O objetivo dessa confraternização é proporcionar às Academias Estudantis de Letras de diferentes regiões da cidade um momento de encontro e trocas a partir de algo que é comum a todos os acadêmicos: a paixão por leitura, literatura, teatro.

Nesse dia, conforme nos aponta a *Revista Magistério* (2020), os acadêmicos podem interagir, nos diferentes espaços do parque, por meio de atividades como piqueniques, saraus, rodas de conversa, além de terem a oportunidade de visitar exposições de arte, museus e outros espaços relevantes do parque.

3. A AEL COMO POSSIBILIDADE DA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA ESCOLA

No percurso feito até aqui, foi possível aprofundarmos os conhecimentos que marcam uma nova função da escola na contemporaneidade no que tange a um ensino que permita ao estudante o progresso das competências necessárias para a formação do leitor literário.

Colomer (2007) indicou que a escola deve dedicar tempo e programas de ensino que tragam as atividades de leitura literária como meio de favorecer a formação desse leitor. Essa formação passa por fomentar o interesse pessoal dos alunos pelos livros, estabelecendo um espaço que possibilite questionamentos, diálogos e enriquecimento do mundo individual do estudante, o que ela denominou de “capital cultural”.

Michèle Petit demonstrou em suas pesquisas o quanto é essencial que iniciativas de mediação de leitura literária realizadas “[...] em espaços de liberdade, sem notas nem controle, sem preocupação com rendimento escolar imediato ou com resultados quantificáveis” (2009, p. 282) – tanto quanto os temas relacionados à economia, inserção profissional, saúde, dentre outros – pudessem ser multiplicadas e sistematizadas por meio de políticas públicas, permitindo aos jovens a “oportunidade de descobrir outros mundos” possíveis.

A necessidade da formação de leitores literários críticos que utilizem a leitura como forma de interpretar o mundo e de obter maior independência pessoal em relação aos discursos sociais é também função da escola e, nesse cenário, conhecemos a Academia Estudantil de Letras (AEL), política pública da Rede de Ensino Municipal de São Paulo que trabalha nessa perspectiva.

Nos 18 anos de existência do projeto, vemos escolas trabalhando a formação do leitor literário em diversos territórios, dando-lhes a oportunidade de acessar também outras formas de ler e estar no mundo, recriá-lo e conhecer tantos outros a partir do acesso e fruição da literatura.

O sucesso de suas práticas no alcance da formação literária dos estudantes, conforme notícias publicadas no site da SME (2021), na ocasião do lançamento da edição especial e comemorativa da *Revista Magistério*, que tratou dos 15 anos do projeto na rede, e também por meio da divulgação de suas atividades nas redes oficiais da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e em outras mídias

jornalísticas, tem sido inspiração para escolas não apenas da cidade de São Paulo, mas também do interior do estado de São Paulo e até de outros estados brasileiros.

3.1 As potencialidades do projeto para a formação humana do estudante

A AEL faz parte de uma política pública de educação com práticas potentes que acontecem a partir da conexão entre literatura e ensino. O projeto favorece, por meio de estratégias específicas, não apenas o acesso e fruição da literatura, mas também a formação humana do indivíduo, na promoção da educação pública de qualidade e na consolidação do percurso histórico do indivíduo em seu grupo social.

Pensando na contribuição da AEL como forma de potencializar a promoção da educação pública de qualidade na cidade de São Paulo, citamos aqui quatro eixos do projeto que abarcam essa perspectiva, conforme vimos em reportagem da revista *Magistério* (SME, 2020, p. 14-16).

- a) *Convivência* – Os acadêmicos criam comunidades de leitores com ações mediadas pelos professores do projeto, que buscam valorizar os estudos, a cultura literária e as experiências vividas e compartilhadas pelos integrantes do projeto.
- b) *Pesquisa* – Na AEL, o estudante é incentivado em seus processos de estudos em todas as etapas do projeto, numa perspectiva de aprendizagem mais significativa. Os acadêmicos, ao ampliar seus repertórios literários e artísticos a partir dos roteiros de pesquisa sugeridos, têm oportunidade de, progressivamente, avançar de forma autônoma nas pesquisas e atividades que realizam no projeto. Todo esse percurso de estudo é, posteriormente, apresentado e compartilhado com a comunidade escolar em seminários acadêmicos e atividades teatrais em que os alunos colaboram para a autoria e a criação de roteiros. Os estudantes assumem o papel de protagonistas nos trabalhos desenvolvidos, pois eles têm possibilidades diversas de escolher os caminhos que seguirão, tendo por base as sugestões de atividades próprias do projeto ou do professor mediador.
- c) *Participação da comunidade* – As atividades do projeto incentivam a participação de toda a comunidade escolar, numa proposta de convivência que contribui para a melhoria das relações na escola e fora dela também. Os familiares dos estudantes, amigos, além dos membros internos da escola, podem acompanhar as apresentações dos acadêmicos, tais como os seminários literários,

chás literários, saraus, apresentações teatrais. São ações que visam compartilhar o trabalho produzido pelos acadêmicos e expandir o incentivo pelo interesse do mundo literário.

d) *Autoria* – O sociólogo Stéphane Beaud disse que “[...] a relação com a cultura escrita é um elemento essencial para o êxito escolar, é mesmo a chave de tudo” (*apud* PETIT, 2008, p. 10). Nesse sentido, as atividades da AEL, além de valorizarem a leitura literária, favorecem o desenvolvimento da competência leitora e escritora, ao incentivarem e valorizarem também a produção escrita dos acadêmicos (seja de uma adaptação teatral, um poema ou outro gênero literário, biografias dos autores e até mesmo a autobiografia dos estudantes).

Lembremos do que nos disse Petit sobre a relevância da leitura literária para “[...] nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas” (2008, p. 37).

Considerando que a arte literária é invenção humana e dela os indivíduos se valem como meio de consolidação da própria identidade humana, ela não pode estar restrita a um grupo minoritário da sociedade.

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. (CANDIDO, 2011, p. 193).

Candido explicou o quanto é revoltante o preconceito sofrido por aqueles e aquelas que não podem participar de “formas requintadas de cultura”. A AEL rompe essa contradição, ao focar no acesso à arte literária e na formação do leitor literário para além das práticas tradicionais de ensino.

O projeto trabalha na perspectiva da formação literária do aluno, configurando-se como porta de entrada ao conhecimento literário e a um *corpus* literário diverso. Ele favorece a formação humana do estudante, ao diminuir o abismo cultural que há na sociedade, pois além de oferecer o acesso e a fruição literária, oportuniza, aos jovens, visitas a museus, possibilidades diversas de trabalho com a arte literária também na linguagem teatral e experiências de apreciação estética que fortalecem o

indivíduo no grupo social do qual ele participa (com os saraus e chás literários, por exemplo).

O projeto, ao fomentar as parcerias com outras instituições culturais da cidade (como museus, teatros, galerias de arte), oferta aos jovens das escolas municipais o acesso a bens culturais que não devem estar limitados a uma minoria, uma preocupação trazida por Candido em seus estudos. Para o autor, a fruição da arte e da literatura correspondem às necessidades profundas do ser humano, necessidades “[...] que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora.” (CANDIDO, 2011, p. 176).

Conforme nos apontou Candido, é “[...] certo que quanto mais igualitária for a sociedade, e quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias, e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um.” (2011, p. 189).

As diversas atividades descritas no Capítulo 2 demonstram que o projeto atende à necessidade de um ensino pautado nos direitos humanos, ofertando aos seus participantes subsídios para uma convivência social fundada, conforme Candido, num “[...] progresso no sentimento do próximo, mesmo sem a disposição correspondente de agir em consonância.” (2011, p. 174).

Isso porque, mais do que apoiar o percurso de formação do leitor literário na escola, a AEL possibilita ao estudante a constituição de um espaço qualificado para elaboração de seu mundo interior, na medida em que a leitura literária contribui para a descoberta e construção de si, ganhando “[...] destaque particular nestes tempos em que, bem mais do que no passado, cabe a cada um construir sua própria identidade.” (PETIT, 2008, p. 11).

Michèle Petit ressalta, em *Os Jovens e a leitura* (2008), que a pobreza material é temível porque priva a pessoa não apenas dos bens de consumo que tornam a vida menos dura, mais fácil, mais agradável; não apenas dos meios de proteger a própria intimidade; mas também dos bens culturais que conferem dignidade, compreensão de si mesmo e do mundo, poesia; e priva ainda das trocas que são realizadas em torno desses dois bens.

Vimos que, no projeto, os estudantes podem experienciar, em seu processo de formação de leitor literário na escola, atividades que promovam o caráter humanizador do indivíduo a partir de sua relação com os bens culturais que a sociedade pode oferecer. A AEL, ao proporcionar o acesso dos estudantes às diferentes obras

literárias e outras expressões artísticas, contribui, também, para a difusão dessas artes e, conseqüentemente, para o aumento do repertório cultural ou “capital cultural”, como denominou Colomer, das crianças e jovens da rede municipal de ensino.

Mesmo que ainda não tenhamos uma sociedade igualitária e equitativa na distribuição desses bens, o projeto permite a circulação dos produtos literários na escola pública, ao romper com a estratificação da fruição literária na medida em que promove a “difusão humanizadora de obras literárias”, ao ofertar várias modalidades literárias e não apenas aquelas de origem popular.

Logo, a escola que trabalha com o Projeto AEL colabora também com a necessidade apontada por Candido de distribuição equitativa dos bens culturais para outros grupos sociais, uma vez que a literatura é aqui considerada como um bem humanizador.

Refletindo sobre o percurso histórico do indivíduo em seu grupo social, notamos que as práticas da AEL favorecem a consolidação de um lugar de memória dos participantes da academia a partir da própria história do projeto na rede municipal de ensino.

A publicação da *Revista Magistério* (SME, 2020) também destaca que o projeto atua na perspectiva da valorização da memória, ao propiciar rituais e atividades que possibilitam aos estudantes homenagear e registrar a passagem dos indivíduos que constituíram a trajetória da academia ao longo do tempo em determinada escola.

Recebem homenagens os escritores escolhidos pelos acadêmicos como “amigos literários”, aqueles que são patronos da academia, os professores e estudantes integrantes do projeto. Cada participante contribui para a identidade da Academia, marca e tem sua trajetória marcada pelas ações do projeto.

Cada etapa vivida dentro da academia é caracterizada por simbologias próprias do projeto como, por exemplo, o uso da capa do acadêmico, as medalhas ofertadas em cada estágio alcançado pelo aluno, a assinatura no livro de posse em nome de seu amigo literário, os seminários apresentados à comunidade, a construção de textos informativos a partir dos roteiros sugeridos para compor a pasta do acadêmico, dentre outras ações da AEL.

Essas estratégias determinam não apenas a identidade do projeto, destacando-o na rede de ensino municipal de São Paulo, mas demarcam uma identidade própria da academia no território escolar.

Muitos alunos, quando concluem seus estudos regulares, seguem no mundo literário, mantendo vínculo com a Academia ao receber o título de Membro Vitalício. Esses membros acabam, muitas vezes, voltando para sua escola de origem e tornando-se referências para os futuros acadêmicos ao falarem de suas trajetórias dentro da AEL.

Os escritores escolhidos e homenageados, por outro lado, marcam a história da academia e da própria escola, tornando-se, conforme citado na Revista Magistério (SME, 2015) um patrimônio cultural daquela academia e da própria unidade escolar.

Todas essas histórias e trajetórias acadêmicas diversas, construídas em territórios específicos da cidade de São Paulo, ficam registradas nos documentos produzidos pelos professores e pela equipe gestora do projeto e compõem a própria história do projeto na rede municipal de ensino, conforme podemos acompanhar nos materiais e registros disponibilizados no site da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Se, para uma existência social plena, é necessário ter acesso ao saber produzido culturalmente pela sociedade, incluindo aí a arte literária, vemos a importância do Projeto AEL como possibilidade de formação literária na escola que dá também ao indivíduo condições para a leitura crítica da realidade que o cerca. Nas palavras de Michèle Petit, “[...] se a leitura desperta o espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização.” (2008, p. 27-28).

O Projeto AEL se destaca ao trabalhar a leitura literária não numa perspectiva utilitária, mas como instrumento que permite o acesso aos conhecimentos formais, culturais e artísticos de forma que possam ampliar as possibilidades do indivíduo, podendo “modificar as linhas de seu próprio destino escolar, profissional e social. (PETIT, 2008, p. 61).

Percebemos que, de acordo com Petit, embora os determinismos sociais e familiares pesem muito, cada destino é também uma história particular, constituída de uma memória, de suas lacunas, de acontecimentos, de encontros, de movimento.

O acesso à arte literária proposta na AEL proporciona o que Petit explicou como

[...] uma distância crítica, uma compreensão de si mesmo, do outro, do mundo. Tudo que permite abrir um pouco o espaço das possibilidades e assim encontrar um lugar – mas um lugar em um mundo, em uma sociedade que transformamos um pouco, onde temos nossa parte, onde nos inscrevemos. (2008, p. 54).

Ler livros literários é, portanto, de acordo com a autora, a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, um tempo que permita imaginar outras possibilidades de estar no mundo com espírito crítico, de, com certo distanciamento, participar de “jogo simbólico” em relação aos modos de ser, pensar e viver de seus próximos.

A leitura literária auxilia na elaboração de uma identidade própria, singular que permite o acesso a outras formas de sociabilidade diferentes das que consideramos preocupantes nos bairros vulneráveis onde muitas escolas estão inseridas.

Segundo Petit, essa leitura pode constituir um fundamento da cidadania, do direito de participar ativamente das diferentes dimensões da vida em sociedade, contribuindo, conseqüentemente, para fortalecer os processos democráticos da vida social.

A arte literária acaba sendo, de acordo com a antropóloga, um atalho que leva os jovens à elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando se precipitar nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram seu pertencimento integral a um grupo, uma seita, uma etnia. É caminho para se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz ao sofrimento e dar forma aos desejos e sonhos dos indivíduos.

A autora explicita que os jovens

[...] têm uma grande necessidade de saber, uma necessidade de se expressar bem, e de expressar bem o que eles são, uma necessidade de histórias que constitui nossa especificidade humana; têm uma exigência poética, uma necessidade de sonhar, imaginar, encontrar sentido, se pensar, pensar sua história singular [...]. Sentem curiosidade por este mundo contemporâneo no qual se veem confrontados a tantas adversidades, e que lhes deixa muito pouco espaço; [...] querem ser ouvidos, reconhecidos; um grande desejo de troca e de encontros personalizados. (PETIT, 2008, p. 57-58).

E todas essas necessidades podem ser correspondidas nas estratégias propostas na Academia Estudantil, o que pode modificar o destino escolar, pessoal e social dos alunos à medida que o projeto propicia saberes que darão apoio em seu percurso escolar e lhes permitirá também a constituição de um capital cultural, conforme nos apontou Colomer (2007).

Nesse sentido, a AEL acaba sendo o espaço de elaboração de uma relação mais harmoniosa dos jovens com eles mesmos, com os outros e com o mundo, o que

traz um sentido à vida de tantos estudantes, pois é na intersubjetividade que os seres humanos se constituem e podem mudar o rumo de suas trajetórias.

A literatura auxilia a capacidade de simbolizar, de imaginar, para, em seguida, ter autonomia nos pensamentos e numa atuação mais crítica e ativa na própria sociedade. A AEL, portanto, contribui para o desenvolvimento do aluno nos aspectos cognitivos, psicológicos e sociais, favorecendo também o progresso do itinerário formativo de leitor literário, em todo percurso das etapas de sua vida escolar e para além dela.

3.2 Como o projeto contribui para a formação do leitor literário na escola

No Capítulo 1, vimos que, para além da escola ensinar o aluno a ler obras literárias e compreender seu valor cultural, é preciso tornar esse aluno um leitor estável de obras literárias. Para isso, além do "capital cultural" que o ajude nesse processo, Teresa Colomer apontou os projetos literários escolares como uma boa alternativa para a formação do leitor literário na escola (2007, p. 119).

Diante de todas as atividades descritas em relação à AEL, observamos que o projeto oferece ações potentes e assertivas na formação do leitor literário nas escolas, contribuindo, concomitantemente, com a formação humana do aluno e com o desenvolvimento ou ampliação de seu capital cultural.

Isso porque, além de propiciar o conhecimento acerca das obras literárias, o projeto oferta aos seus participantes momentos em que podem vivenciar a visita aos museus, exposições artísticas, apresentações musicais, conversas com autores etc., possibilitando o intercâmbio dessas experiências com o conhecimento adquirido no estudo literário de obras diversas, sejam elas canônicas ou obras contemporâneas de interesse dos alunos.

O projeto oportuniza uma educação literária como um aprendizado de percursos e itinerários que respeitam o tempo e as necessidades de seus participantes, sendo uma possibilidade de acesso, fruição e aprendizado da leitura literária não como conteúdo escolar, mas como possibilidade de compartilhar a cultura da arte literária de determinada sociedade.

Ao dar ao aluno a condição de escolher estar ou não no projeto (pois, ele ocorre no contraturno das aulas regulares), a AEL fortalece uma escolha de acesso ao mundo

literário que poderá fazer parte da vida do estudante mesmo com o fim de seus estudos formais na escola.

A criação de referências compartilhadas vividas como um círculo integrado, conforme nos apontou Colomer, tem uma importância decisiva na motivação da formação do leitor literário que encontramos na proposta do Projeto AEL, que, em suas atividades, consegue abarcar três necessidades levantadas pela autora:

- a) estimular os hábitos de leitura compartilhada na escola e na comunidade escolar (em especial na família do estudante);
- b) assegurar a formação profissional dos docentes nesse tipo de prática, uma vez que oferece aos professores do projeto, como veremos adiante, formação literária e cultural para repertoriar as ações desse profissional no projeto;
- c) ampliar as rotinas de construção compartilhada e de relação entre leitura e escrita nas atividades escolares e de estímulo à leitura.

Nesse último aspecto, destacamos as atividades de pesquisa realizadas pelos estudantes sobre autores ou obras literárias; a apresentação de seus conhecimentos e pesquisas em seminários abertos aos membros da academia ou demais indivíduos da comunidade escolar; a possibilidade de práticas de escrita autônoma, ao organizar a pasta do acadêmico ou participar de processos de escrita coletivas de gêneros literários específicos, como aqueles propostos na Semana de Incentivo ao Estudo e à Leitura (Lei 14.999/09), que é organizada pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com o Projeto AEL, pela Secretaria Municipal de Cultura e outros segmentos, como editoras, autores e bibliotecas comunitárias (SME, 2020).

Considerando os estudos de Colomer que indicam a possibilidade de um itinerário formativo por meio da leitura literária nas escolas, notamos que, no Projeto AEL, os estudantes vivenciam etapas de trabalhos que contribuem com sua formação de leitor literário.

Cada etapa de atividades da AEL (ingresso no projeto, pesquisas para escolha de um amigo literário, organização da pasta do acadêmico com informações sobre o autor escolhido, estudos teatrais, a tomada de posse da cadeira literária escolhida etc.) apresenta ao estudante desafios crescentes, que vão se somando e repertoriando os acadêmicos numa trajetória literária que começa na escola e pode continuar para além dela.

A academia oferta aos estudantes atividades que propiciam experiências únicas com os conhecimentos literários adquiridos em diálogo com outras linguagens artísticas, tais como o teatro, a dança, as artes visuais, a música, o cinema. São atividades que demarcam o protagonismo dos jovens num itinerário literário no decorrer de sua escolaridade obrigatória, podendo não se limitar ao espaço escolar, pois impactará em sua própria trajetória no mundo das artes e da literatura no papel de cidadãos críticos, criativos e participativos.

Isso porque, conforme nos aponta Estanislao Zuelta, filósofo colombiano, a leitura literária “não nos oferece soluções”, mas “[...] nos sugere perguntas, porque problematizar o que nos foi naturalizado é uma das funções fundamentais da arte; questionar o aceito, receber nossas sombras, os riscos da vida que vivemos e da sociedade na qual transitamos.” (*apud* ANDRUETTO, 2017, p. 79).

A formação do leitor literário a partir do Projeto AEL acontece com amplo *corpus* literário, na medida em que o projeto favorece um espaço democrático de ensino com um repertório de obras clássicas, contemporâneos, periféricas, da própria comunidade escolar, nacionais e estrangeiras, de acordo com a *Revista Magistério* (SME, 2020).

Desse modo, as academias estudantis têm se configurado, nos territórios escolares, como um importante espaço de valorização e democratização da literatura,

[...] dando visibilidade para escritores negros, indígenas, a singularidade de escritoras, que trazem a questão de gênero e o debate para o lugar de fala na sociedade, e autores que apresentam a problemática do território e o pertencimento social na produção como ativistas culturais, como exemplo os ‘*slammers*’. Também são estudados e lidos os clássicos, os ditos cânones da literatura, dando visibilidade a todas as formas literárias, visando à formação cultural e intelectual dos estudantes na constituição do hábito leitor diversificado para a vida. (SME, 2020, p. 15).

A leitura literária fomentada pela AEL vai ao encontro do que mostrou Petit: é “[...] uma promessa de não pertencer somente a um pequeno círculo. [...] a leitura permite romper o isolamento pois possibilita o acesso a espaços mais amplos.” (2008, p. 96). Ou seja, a AEL é caminho possível para romper o isolamento e alcançar espaços mais amplos de sociabilidade ao partilhar e conversar em torno dos livros, algo que vemos nos seminários da AEL ou nas aulas de estudos literários planejadas pelos professores. As tarefas propostas na AEL incentivam, na escola, o gosto pela

leitura literária, fornecendo caminhos para que os estudantes possam se libertar dos determinismos sociais impostos, evitando limitações culturais pré-estabelecidas.

Os resultados alcançados nas academias rompem também com a ideia de que a escola deva funcionar, de acordo com Petit, como uma máquina de reprodução da ordem social, uma máquina de exclusão. Assim, o projeto atua na formação humana do estudante e lhe permite o exercício do pensamento e a construção de uma cidadania ativa, contemplando experiências muito próximas àquelas citadas por Petit.

A antropóloga constatou que, a partir do acesso e da fruição literária, jovens de diversas regiões do mundo puderam reorganizar seus universos simbólicos e linguísticos, fatos que impactaram, consideravelmente, nas transformações reais ou simbólicas em diferentes campos de suas vidas:

[...] transformações no percurso escolar e profissional que lhes permitem ir mais longe do que a programação social poderia levá-los; transformações na representação que têm de si mesmos, na maneira de se pensar, se dizer, se situar, no tipo de relações estabelecidas com sua família, seu grupo e sua cultura de origem; transformações nos papéis que lhes foram atribuídos pelo fato de terem nascido menino ou meninas transformações nas formas de sociabilidade e solidariedade; transformações na maneira de morar e de perceber o bairro, a cidade o país em que vivem [...]. (PETIT, 2008, p. 99-100).

As atividades da Academia contribuem com o repertório cultural, imaginário e subjetivo do estudante e todos esses aspectos podem ser desenvolvidos e enriquecidos progressivamente na academia.

Quando se viveu sempre em um mesmo universo de horizontes estreitos, é difícil imaginar que exista outra coisa. [...] não se trata simplesmente de colocar-se no lugar do outro, de invadi-lo com listas de 'grandes obras' [...].

Trata-se, no fundo, de ser receptivo, de estar disponível para propor, para acompanhar o jovem usuário, procurar com ele, inventar com ele, para multiplicar as oportunidades de fazer descobertas, para que o jogo esteja aberto. Trata-se de inventar pontes, estratégias que permitam a quem frequenta uma biblioteca não ficar encurralado anos a fio em uma mesma estante coleção. [...]

Esses jovens sonham com os livros mais bem expostos, por exemplo, com painéis de apresentação como nas livrarias, e que haja cada vez mais novidades e que se dê vida aos acervos existentes. Que alguém os puxe pela manga para lhes mostrar uma ou outra obra. (PETIT, 2008, p. 179).

A AEL contempla essas necessidades dos jovens, pois não está submetida ao rendimento escolar, sendo, ao contrário, um "um espaço de não obrigação no meio da obrigação" (PETIT, 2009, p. 45).

Para as academias estudantis não é critério de aceitação no projeto a apresentação de boas notas, sendo o público da academia muito diverso. E, por meio de estratégias também diversas e com graus de complexidade que acompanham o desenvolvimento e as necessidades do estudante, vemos, na academia, conforme relatos de práticas da *Revista Magistério* (SME, 2020) ou no próprio portal institucional do projeto, um espaço de acolhimento, escuta e possibilidade de aprender e falar sobre literatura com professores e professoras que mediam as ações da academia nas escolas.

Ressaltamos que as atividades de escrita propostas na AEL são uma estratégia que reforça o fato de que ler e escrever são concebidos como momentos inseparáveis de um mesmo processo.

A pasta do acadêmico, por exemplo, pode assumir a função do caderno de notas citado por Petit em seus estudos sobre mediação de leitura.

O caderno de notas é um objeto próprio, 'um lugar para estar sozinho e se conhecer'. [...] dá ideia de um conjunto, de uma continuidade, de um desenrolar. Mesmo disparatados, os elementos aí reunidos remetem ao esboço de uma imagem em conjunto de si mesmo, o que é tranquilizador: uma das maiores angústias humanas é talvez ser apenas caos, corpo em pedaços, fragmentos descontínuos, perder seus limites; o sentimento de continuidade, de unidade consigo mesmo, não é dado no nascimento, mas conquistado por um processo muito complexo de ligação, de reunião progressiva de diversos episódios vividos. (PETIT, 2009, p. 224).

Na escola, o projeto configura-se como o espaço do acesso ao sensível presente na arte literária, que, em outro tempo, fora sucumbido pelas grades e obrigações curriculares, bem como pelas exigências sociais que recaíam (e ainda recaem) sobre a educação formal no que tange o desejo de sociedades plenamente alfabetizadas.

Além disso, no processo de formação do leitor literário, percebemos que as ações propostas na AEL transitam pelos três tipos de aprendizagens que compreendem a literatura e que foram descritas por Cosson (2006): a aprendizagem da literatura, que consiste em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, abarcando os conhecimentos de história, teoria e

crítica literária; e a aprendizagem por meio da literatura, evidenciando os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. As três etapas são consideradas importantes pelo autor, sendo que o mesmo ressalta a importância de a escola centrar o seu trabalho na primeira aprendizagem descrita – experimentar o mundo por meio da palavra.

Vimos que as atividades propostas pela AEL acabam atendendo de forma mais abrangente essa aprendizagem, ao mesmo tempo em que organizam um espaço cultural privilegiado dentro da escola, que propicia a expressão do indivíduo e a sua comunicação com o outro, superando o tempo e as expectativas do ensino tradicional da literatura na escola.

3.3 O papel do Projeto AEL na construção da cultura de paz nas escolas

Os escritores, sobretudo, colocam palavras ali onde dói. [...] As palavras podem manter a dor e o medo à distância; as palavras que lemos, as que escrevemos, as que ouvimos. [...] no conto, por exemplo, diferentemente do pesadelo, as sombras são mantidas à distância pelos símbolos. (PETIT, 2008, p. 38).

Recentemente, escolas em vários estados brasileiros tiveram o tema da violência mais presente nas reuniões pedagógicas, nas atividades com os estudantes e no diálogo com a comunidade. Infelizmente, a violência sempre fez parte da sociedade, não sendo um fenômeno isolado da instituição escolar.

De acordo com a reportagem do site Brasil de Fato, “[...] são muitas as tentativas de análise do problema para buscar saídas e caminhos de solução. A complexidade da questão exige um olhar cuidadoso e responsável de toda sociedade.” (DIAS, 2023, n.p.).

Os recentes ataques de violência sofridos por diferentes escolas, conforme aponta a reportagem, colocaram em pauta a função da escola como aquela promotora de ações preventivas em relação às diferentes violências existentes.

Rui Oliveira, dirigente sindical da Associação dos Professores Licenciados do Brasil (APLB), conforme relato na reportagem, defende, assim como outros especialistas, que a escola deve ser um espaço de convívio social, de bem viver com a diversidade e de respeito aos sonhos uns dos outros.

Para Petit, hoje é possível dizer que o mundo inteiro é "um espaço em crise" e que não é apenas no momento de desarranjos internos que os livros servem de

auxílio, mas também quando acontecem crises que afetam simultaneamente muitas pessoas. A antropóloga ressalta que

[...] a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem. (PETIT, 2009, p. 21).

Petit mostrou, em seus estudos, os benefícios alcançados por vários programas de mediação de leitura literária que estão sendo realizados em diferentes regiões do mundo que são cenário de guerras, de violências, crises econômicas intensas. Essas experiências, segundo a autora, “[...] apresentam a particularidade de se voltar para aqueles que estão mais distantes dos livros: crianças, adolescentes, mulheres ou homens, em geral pouco escolarizados, oriundos de ambientes pobres, marginalizados cujas culturas são dominadas.” (2009, p. 25).

Na América Latina, Petit explica que muitas das crises “[...] são consequência de uma exploração econômica selvagem, de processos de segregação prolongados, de uma dominação social feroz, ou de uma territorialização da pobreza.” (PETIT, 2009, p. 28). Logo, para esse grupo, a literatura é importante, conforme demonstra, porque ela é caminho para o acesso ao conhecimento, ao melhor uso da língua e a uma possibilidade de o indivíduo conquistar uma postura mais crítica no mundo, tornando-se mais preparado para viver a experiência humana, dando-lhe mais sentido e valor poéticos.

Em meio a essas crises, encontramos adolescentes e jovens com dificuldades para se encaixar, pois conforme descreveu Petit,

[...] a adolescência, em todas as épocas, tanto para rapazes como para as moças de todas as categorias sociais e de todos os países, é também um momento de ‘crescimento pulsional’, como dizem os psicanalistas; são os anos em que o corpo se transforma radicalmente. (2008, p. 49).

E os jovens, segundo Petit, ficam imersos, para além de seus contextos sociais, em desejos, pulsões, emoções e o medo de não poder conter tudo isso, medo de fazer

parte de um mundo exterior desconhecido para eles e que pouco a pouco devem desbravar.

Petit assinala, então, que “a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido a própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos” (2008, p. 72). De acordo com a autora,

[...] na França, segundo um estudo recente, um em cada quatro jovens adota condutas de risco e apresenta distúrbios de comportamento. No que diz respeito a condutas de risco, infelizmente a América Latina não fica atrás. E a violência, assim como o crescimento dos fundamentalismos religiosos e da extrema-direita [...] são atribuíveis não somente à exclusão econômica, mas também à fragilidade do sentimento de identidade. O ódio pelo outro, que se encontra no centro desses desvios, tem a ver com ódio de si mesmo. E os mais desprovidos de referências culturais são os mais propensos a se deixar seduzir por aqueles que oferecem próteses para a identidade. Para não ficarem reduzidos a se pensar e se definir em termos unicamente negativos, como excluídos, como desempregados, como habitantes de um bairro estigmatizado etc., podem ficar tentados a se lançar sobre imagens, palavras, que recomponham magicamente os pedaços [...]. (PETIT, 2008, p. 72).

A literatura pode ser um caminho possível na construção identitária dos indivíduos, na possibilidade de se conhecerem um pouco mais, pensarem em sua subjetividade e até ampliá-la com um repertório cultural mais qualitativo. Esse processo contribuiria para uma elaboração mais positiva e complexa de si mesmos, de uma identidade aberta e não excludente. Isso poderia reduzir a exposição dos adolescentes e jovens a grupos extremistas, sendo também recurso para o enfrentamento das crises de identidade e marginalização política e econômica (PETIT, 2009).

Petit mostra que, no período da adolescência ou na juventude – e durante toda a vida –, “[...] os livros também são companheiros que consolam [...] pois a dificuldade para encontrar um lugar neste mundo não é somente econômica, mas também afetiva, social, sexual e existencial.” (2008, p. 74).

Cabe, nesse contexto, ressaltar a importância do papel da leitura literária na construção identitária na adolescência e na juventude. Ela pode, inclusive, consoante à antropóloga Petit,

[...] ser igualmente importante em todos os momentos da vida em que devemos nos reconstruir: quando somos atingidos por uma perda, uma angústia, seja por um luto, uma doença, um desgosto de amor, o desemprego, uma crise, todas as provas de que são constituídos nossos destinos, todas as coisas que afetam negativamente a representação que temos de nós mesmos, o sentido de nossa existência. (2008, p. 78).

As metáforas que encontramos nos livros literários podem levar o leitor para um lugar acolhedor; para os que vivem uma realidade caótica e vulnerável, os livros proporcionam sentimentos de continuidade. A leitura literária convida a uma atividade de “simbolização, de pensamento, de narração de sua própria história entre as linhas lidas” (PETIT, 2009, p. 83).

Maria Teresa Andruetto, professora e pesquisadora argentina sobre literatura infantil, concorda com Petit ao dizer que

[...] quanto mais difícil é o contexto, mais necessário manter espaço para o sonho, o pensamento, a humanidade. Espaços abertos para outra coisa. Espaços nos quais se possa voltar às fontes, onde se manter a própria dignidade, porque a literatura é metáfora da vida, uma vida nem sempre fácil de significar. Sair de si mesmo para ser, por um momento, outro, ainda que de maneira ilusória, isso é, entre muitas outras coisas, o que nos propõe a literatura. Diante do enfado, da angústia, da dor, do desconcerto de um grupo humano, de um auditório, por pequeno que seja, há sempre alguém disposto a construir um relato, um mundo de palavras que engana, consola, abriga, retarda a destruição e salva da loucura e do desamparo ou os provoca. (2017, p. 89).

Nesse cenário, é possível vislumbrar na AEL um projeto que propicia aos seus participantes ações em prol da construção de uma cultura de paz dentro e fora das escolas.

A *Revista Magistério* (SME, 2020) destacou que o Projeto AEL traz a ideia da cultura de paz por meio das propostas que primam pela convivência entre seus membros e deles com a comunidade escolar de seu território e de outros locais da cidade de São Paulo. A matéria ressalta que a convivência, “[...] a literatura e as artes consolidam os pilares da paz no trabalho coletivo e acolhedor, no qual todos os interessados podem participar.” (SME, 2020, p. 15).

Nas academias, estudantes, professores, escritores convidados e demais membros da comunidade escolar conseguem dialogar numa perspectiva de valorização da diversidade, da inclusão e da alteridade. Os resultados podem ser

observados nos trabalhos coletivos dentro da própria academia ou em eventos em que se encontram várias academias de diferentes territórios da cidade, conforme exemplificou a revista na divulgação da Semana de Arte Moderna (SME, 2020, p. 45).

Se, nos livros, as palavras e imagens são aquelas nas quais encontramos um lugar que nos acolhe e desenha nossos contornos (PETIT, 2009), na AEL os estudantes são acolhidos com suas potencialidades e necessidades diversas.

Nas dinâmicas ofertadas na Academia, os estudantes caminham em direção às obras literárias, canções, poemas e outras experiências artísticas, como o teatro, por exemplo, que proporcionam mudanças significativas na autorrepresentação que têm de si mesmos, mostrando que a leitura literária não pode ser medida pela quantidade de livros lidos ou por outros indicadores numéricos, conforme nos explicou Petit (2008).

Cada etapa do projeto e atividades propostas, conforme acompanhamos no Capítulo 2, propiciam múltiplas vivências que permitem aos estudantes acadêmicos o acesso, por meio da literatura, a um imaginário, um espaço sensível que lhes possibilita uma margem de manobra, conforme explicou Petit, para lidar com as adversidades enfrentadas dentro e fora do cotidiano escolar.

Ao propor o acesso, a fruição e a formação do leitor literário, a Academia Estudantil de Letras, por meio do trabalho mediado pelo professor, possibilita também, portanto, um espaço de elaboração das experiências dos acadêmicos e a resignificação de suas vivências no que tange também o enfrentamento às violências existentes dentro e fora da escola.

3.4 Papel do professor mediador no projeto

Ao analisarmos as práticas e estratégias da AEL na formação dos leitores literários na escola, consideramos o professor da Academia não somente aquele cuja única exigência será a de escolher obras “mais adequadas” ao aprendizado de determinados conteúdos do currículo escolar. Tampouco ele será determinado como único modelo de leitor experiente necessário ao projeto.

A visão que trazemos aqui é de que esse professor será aquele que assumirá um importantíssimo papel na mediação de um percurso de formação do leitor literário, que considerará a função humanizadora da literatura e a perspectiva do letramento literário na ampliação das possibilidades de leitura de mundo por parte do aluno e,

também, “o próprio prazer da fruição literária, sua função primária” (COELHO, 2018, p. 123) – sendo todo esse processo inserido numa dinâmica que respeitará o protagonismo e a liberdade de escolha dos estudantes.

Isso porque a AEL é um projeto que possibilita ao professor romper com um “*script* de autoria alheia, para cuja composição ele não foi chamado” (LAJOLO, 1993, p. 15). Dizendo de outro modo, propicia ao professor a possibilidade de uma ruptura com um ensino tradicional da leitura literária na escola.

Conforme a *Revista Magistério* (SME, 2020), a atuação dos professores no projeto, assumindo as funções de coordenadores dos estudos literários e também como coordenadores das atividades de teatro, tem papel essencial nos encontros, na mediação e na experimentação da arte literária com os estudantes acadêmicos.

Esses professores são responsáveis pela organização do projeto nas escolas, pelo acolhimento dos alunos que decidem participar da AEL, pelo planejamento de atividades que ampliem o repertório de conhecimento de autores e obras literárias dos acadêmicos e pelo acompanhamento e incentivo das pesquisas realizadas pelos alunos. Além disso, sua atuação ocorre ainda na condução das atividades da academia, no preparo de espaços físicos adequados às atividades do projeto; na organização e acompanhamento das atividades culturais da AEL e dos registros do percurso na academia na escola. São atividades das mais simples às mais complexas, que visam fortalecer o grupo de estudantes da AEL na unidade escolar e, conseqüentemente, na Rede de Ensino Municipal de São Paulo.

Os docentes que participam da AEL exercem um trabalho complexo, dinâmico e sensível, que leva o aluno a encontrar “vida nas palavras”, primeiramente de um outro (autor) e depois nas dele mesmo. A relação que se estabelece entre os professores mediadores do projeto e os alunos não é uma relação de intimidação ou imposição de um comportamento ou modelo leitor. Ao contrário, esses profissionais assumem um papel importantíssimo na apropriação efetiva dos textos literários pelos alunos pois, conforme explicou Petit, ao comentar as ações na tarefa de mediação literária:

Apropriar-se efetivamente de um texto pressupõe que a pessoa tenha tido contato com alguém – uma pessoa próxima para quem os livros são familiares, ou um professor, um bibliotecário, um fomentador de leitura, um amigo – que já fez com que contos, romances, ensaios, poemas, palavras agrupadas de maneira estética, inabitual, entrassem na sua própria experiência e que soube apresentar esses objetos sem

esquecer isso. Alguém que desconstruiu o monumento, fazendo com que encontrasse uma voz singular. (2009, p. 48).

É esse o papel que vemos no professor mediador dos estudos literários e teatrais da AEL. Considerando as múltiplas experiências compartilhadas nas diversas academias da cidade de São Paulo, vemos que são os professores do projeto os responsáveis por incentivar o estudante em seu percurso de formação literária e, para além disso, dar suporte nesse processo, ao legitimar as escolhas literárias dos estudantes, afastando-os, muitas vezes, de um medo do livro ou da leitura literária que os acompanha desde sempre.

Já sabemos que o gosto pela leitura não surge simplesmente da oferta e do contato com os livros. “Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras ‘verdadeiras’ é essencial.” (PETIT, 2008, p. 154).

Então, o papel do professor mediador da leitura literária no projeto é fundamental num contexto em que, muitas vezes, os jovens foram desestimulados de investir nessa leitura ao longo da escolarização obrigatória. A preocupação desse professor, no entanto, não recai em ensinar a língua, a dominá-la ou a decifrar textos. O foco está no letramento literário, conforme assinalou Cosson (2006), um trabalho em que o professor apoia o estudante no entendimento crítico de que a literatura é uma prática e um discurso que vai além do consumo de textos literários.

Mas, para que isso aconteça e seja alcançado o sucesso do projeto, não basta contar com o amor pelos livros e pela leitura literária, tampouco a boa vontade do professor em “[...] iniciar os alunos em uma relação com os livros que não seja a do dever cultural, a da obrigação austera” (PETIT, 2008, p. 158).

O desafio de tornar a leitura literária acessível aos estudantes ganhou mais espaço nas aulas, mas a escassa formação docente nesse sentido tem impactado esse tipo de ensino nas escolas. Além disso, há uma pressão social, conforme ressalta Colomer (2007), para valorizar o domínio da língua escrita e para o ensino da função utilitária da leitura, exigência específica das sociedades alfabetizadas.

A autora ressalta a importância de existir uma ação escolar combinada com outras ações sociais como forma de a escola e a sociedade (representada aqui pela família, biblioteca, promotores de leitura etc.) se fortalecerem na busca de estratégias para enfrentar o desafio da formação do leitor literário.

É nesse sentido que a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo também segue atenta à necessidade de ampliação do repertório cultural e literário dos professores, oferecendo aos docentes diversas ações formativas que o apoiarão na concretização das atividades da AEL nas escolas.

Os educadores participam constantemente de cursos, promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e pelas Diretorias Regionais de Educação, nos quais, além de entrar em contato com outras abordagens formativas em Literatura e Teatro, podem dialogar com seus pares, trocar experiências e desenvolver outras possibilidades de ações com o grupo de acadêmicos. Ou seja, o trabalho é coletivo não só na parceria entre os professores na escola, mas no encontro com os demais educadores do projeto, uma corrente em prol da Literatura. (SME, 2020, p. 15).

Cabe ressaltar ainda que a Secretaria de Educação combina essa ação formativa com outras políticas públicas de cultura, em especial aquelas relacionadas ao fomento da leitura literária na cidade. Várias parcerias são estabelecidas, conforme podemos comprovar na divulgação do site institucional da SME e da AEL, fortalecendo a busca por estratégias formativas aos professores e, conseqüentemente, estratégias voltadas ao enfrentamento dos desafios encontrados na formação do leitor literário na escola. Dentre essas ações, destacamos algumas:

a) a constituição da Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo (ALP), fundada no dia 22 de outubro de 2016, na Academia Paulista de Letras (APL), cuja patronesse é Cora Coralina. A academia acontece nos mesmos moldes da Academia Estudantil de Letras, sendo um espaço de trocas entre seus membros, professores ou não do projeto, que, basicamente, escolhem um autor para representar na academia e apresentam os resultados de suas pesquisas literárias em palestras promovidas aos participantes, num processo de retroalimentação da cultura literária nacional e internacional. Além disso, nessa academia, ocorrem palestras com outros especialistas nos estudos literários e com autores de livros literários. Essas ações são promovidas dentro da organização de um grande curso chamado “Viver Literatura”, que também pretende “[...] divulgar o Projeto AEL entre os participantes do curso, de modo a motivá-los a, igualmente, criar uma academia de letras nas suas escolas.” (SME-SP, portal da AEL);

b) parceria com diversos museus e casas de cultura da cidade, ofertando aos professores cursos específicos e acesso à visita guiada de exposições para professores e acadêmicos da AEL. Conforme entrevista realizada com Samir Ahmad dos Santos Mustapha, integrante da equipe técnico-pedagógica do projeto na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, a AEL tem parcerias estabelecidas, até o momento, com as seguintes entidades: Instituto Moreira Salles, SP Escola de Teatro, Pinacoteca de São Paulo, Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA), SP Escola de Teatro, Teatro SESI, Petras Bellas Artes, Museu de Arte Moderna (MAM), Fundação Bienal, Cias de Teatro (República Ativa de Teatro, Banda Mirim, Arthur-Arnaldo, Pé do ouvido, Dellas, MIT-SP) e Fundação Maria Luiza e Oscar Americano;

c) participação da AEL na Semana de Incentivo ao Estudo e à Leitura (Lei 14.999/09), que é organizada pela Secretaria Municipal de Educação, pela Secretaria Municipal de Cultura e outros segmentos, como editoras, autores e bibliotecas comunitárias (site SME, 2020). Nessa ocasião, os alunos participam de oficinas de escrita na AEL e seus textos concorrem para a edição do livro “Descobrir-se autor”. Na mesma lógica, os professores do projeto podem escrever seus textos literários e concorrem na publicação do livro “Revelar-se autor”.

Essas parcerias propiciam, tanto ao professor do projeto como à academia estudantil, um diálogo com outras instâncias sociais e culturais que favorecem o fortalecimento do projeto na escola e na rede municipal de ensino.

A somatória de todos esses fatores fortalece a relação do mediador com o estudante, num processo que extrapola a transmissão de uma paixão pela arte literária, mostrando-se relevante no acompanhamento do percurso de formação literária do acadêmico na AEL.

Esse professor mediador será aquele que construirá pontes entre a arte literária e o mundo interior e exterior no qual o aluno está inserido, legitimando, nesse percurso, o desejo de ler e dando segurança para que os acadêmicos ousem ir além da decifração ou da função do texto. Será também aquele que acompanhará o leitor na escolha do livro a ser lido, na medida em que oportunizará ao aluno fazer descobertas, não se inclinando para “uma mediação de tipo pedagógico” (PETIT, 2008, p. 175).

Nessa mesma perspectiva, Cosson elucida que a literatura não pode ser reduzida ao sistema canônico. Esse sistema e tantos outros existentes na literatura, de acordo com o autor, “[...] precisam ser contemplados na escola, assim como as ligações que mantém com outras artes e saberes”. E ainda, segundo Cosson, é preciso adotar “[...] como princípio do letramento literário a construção de uma comunidade de leitores. Essa comunidade oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo.” (2006, p. 47).

Para tanto, é necessário que o ensino da literatura efetive o movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Nesse caso, é importante ressaltar que tanto a seleção das obras quanto as práticas de sala de aula devem acompanhar esse movimento. (COSSON, 2006, p. 47-48).

Nesse processo de seleção dos livros, Cosson reforça a importância do professor mediador e destaca uma possibilidade de escolha que defenda a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros. Essa perspectiva busca quebrar as hierarquias impostas pela crítica literária e abrir às escolas todas as influências que vão além da tradição literária canônica e de determinadas exigências estéticas. Para o autor, por meio dela, “[...] acredita-se que a leitura na escola passa a ser uma prática democrática que busca contemplar e refletir os mesmos princípios da sociedade da qual ela faz parte.” (2006, p. 33).

Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. Em síntese, [...] ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. (COSSON, 2006, p. 34).

A AEL contempla em seu trabalho a ideia de bibliodiversidade e, conforme as experiências mostradas na *Revista Magistério* (SME, 2020), não há o abandono da literatura canônica, vista no projeto como importante herança cultural da sociedade.

As diferentes etapas da Academia Estudantil (membro principiante, correspondente e titular) oferecem aos estudantes do projeto marcadores específicos

para essas diversas fases do percurso do acadêmico no projeto. Em cada etapa da AEL, o estudante vai progredindo e ampliando seu horizonte cultural e literário. E todo esse percurso é mediado pelo professor da Academia, que apoia a construção de um espírito crítico e de uma cidadania ativa, ao propor também o compartilhamento de experiências estéticas por meio da arte literária no grupo da AEL.

Em suas ações planejadas, o professor mediador contempla, portanto, a diversidade de vozes nas obras literárias, apresenta os textos canônicos, contemporâneos e atuais aos alunos, aproximando os estudantes da literatura num percurso complexo e gradativo de formação do leitor literário na perspectiva do letramento literário fundamentado por Cosson.

Esses professores, nas palavras de Petit, são aqueles que

[...] tentam ultrapassar as contradições que tornam tão difíceis a apropriação singular da escrita, os desvios que ela supõe, no espaço da sala de aula, que é o do aprendizado e das notas, da classificação, do controle. Eles inauguram tempos não sujeitos a uma avaliação, recebem escritores, artistas, se aproximam das bibliotecárias, dos contistas; questionam a sua própria relação com a leitura. (2009, p. 269).

Diante do exposto, concluímos que o papel do professor mediador de estudos literários e teatrais na AEL é essencial para a concretização do projeto e para a formação literária que ele propõe. E é possível afirmar que suas ações superam as dinâmicas propostas no ensino tradicional da literatura e da formação do leitor literário na escola. Isso porque, nesse projeto, eles conseguem trabalhar a literatura como uma experiência que não é separada da própria vida, o que permite oferecer ao estudante uma perspectiva de que a literatura, a poesia e a arte estão também na vida e é preciso prestar atenção nisso, conforme nos apontou Petit.

Os professores mediadores da AEL são profissionais que ultrapassam a necessidade de serem apenas exemplos de bons modelos leitores ou aqueles mais especializados para a escolha de bons livros a serem trabalhados na academia. Na proposta de mediação vista na AEL, esses professores atuam no planejamento de ações que visam, além da oferta e fruição da arte literária, o trabalho, também, na perspectiva humanizadora da literatura.

As ações desses professores acontecem, portanto, numa proposta de letramento literário que coloca a escola num espaço em que a literatura seja, segundo

Cosson, “uma experiência única de escrever e ler o mundo e a nós mesmos”, estando presente na formação de um leitor capaz de dialogar com seu tempo, espaço e cultura, “[...] identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo. Um leitor que se reconhece como membro ativo de uma comunidade de leitores” (2006, p. 120).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo a literatura foi para mim o meio, se não de ver claramente meu eu interior, pelo menos enxergar com mais clareza. Ela me ajudou a perceber que eu estava ali, que eu estava no mundo. Certamente eu me tornara consciente de mim mesmo antes de lidar com a literatura, mas foi a literatura que me mostrou que essa consciência não era um caso único, nem sequer um caso, nem tampouco uma doença. (HANDKE, 2017, p. 77).

Com 18 anos de existência, a Academia Estudantil de Letras (AEL) é uma política pública da Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RME-SP) que viabiliza aos estudantes o acesso e a fruição da literatura como expressão artística na perspectiva de “direito inalienável do indivíduo” (CANDIDO, 2011, p. 193) e também a formação do leitor literário nas escolas para além da didática tradicional que por muitos anos engessou o ensino literário.

Atualmente, conforme dados de maio de 2023, do site da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, são 186 academias estudantis em funcionamento em várias escolas públicas da cidade, em suas diferentes regiões.

Contudo, apesar de se tratar de um projeto com esse alcance, ao considerar a fruição literária como direito e possibilitar a articulação de diferentes linguagens, envolvendo toda a comunidade escolar, poucas pesquisas acadêmicas abordaram a AEL como objeto de estudo na sua relação dialética entre ensino e formação literária.

Diante desse panorama, esta pesquisa visou refletir sobre como a abordagem dada pelo Projeto Academia Estudantil de Letras (AEL) ao fenômeno literário pode contribuir tanto para o acesso e fruição da literatura como para a formação literária dos estudantes das escolas públicas de uma rede municipal de ensino. E, ainda, buscou-se refletir sobre o papel da mediação do professor desse projeto como um diferencial decisivo e inovador na concretização do ensino proposto, uma vez que, ao aproximar as crianças e os jovens da literatura, para além das estratégias de leitura tradicionais que vemos nos ambientes escolares, contribui também com a formação literária desses estudantes.

No primeiro capítulo, discutimos a importância do texto literário na formação humana com a perspectiva de direito básico intransferível do indivíduo e, possibilidade, portanto, de enriquecimento de nossa percepção de mundo e processo de humanização (CANDIDO, 2011).

Em seguida, apresentamos a AEL e toda a especificidade do projeto, identificando as ações por meio das quais ela propicia aos estudantes o acesso e a fruição da literatura, contribuindo para a formação literária desses alunos.

Visando compreender o histórico do ensino da literatura na escola, bem como a importância de novas práticas nesse espaço para a formação do leitor literário que possam ampliar a constituição da subjetividade e da identidade do indivíduo, além da possibilidade de inclusão social e resistência frente à adversidade de seus meios socioculturais, recorreremos, principalmente, aos estudos de Michèle Petit (2008; 2009), Teresa Colomer (2017) e Rildo Cosson (2006).

Como vimos nesta pesquisa, a tarefa de formar leitores de literatura é atravessada por inúmeros desafios. Segundo Cosson, “[...] para muitos professores e estudiosos da área de letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular.” (2006, p. 23). O autor nos explica que se o objetivo da escola é “[...] formar leitores capazes de diferenciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler [...]. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”, pois, na escola, a leitura literária nos fornece “os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (2006, p. 30).

E, nesse contexto, o Projeto AEL se destaca por ter em foco o trabalho com a literatura e a compreensão da leitura literária como meio de diálogo entre leitor e texto, entre o leitor e a própria história da humanidade, entre o leitor e a cultura.

No percurso formativo proposto pelo projeto, os estudantes vivenciam experiências literárias que promovem a ampliação de seu repertório cultural e a progressão da leitura e da escrita, por caminhos diferentes dos tradicionalmente seguidos nos currículos escolares. Esse processo apoia também a construção e o fortalecimento de um espírito crítico e de uma cidadania ativa por meio do compartilhamento de experiências estéticas.

Isso porque “[...] não é somente um reconhecimento de si que a literatura permite, mas uma mudança de ponto de vista, o encontro com alteridade, talvez uma educação dos sentimentos” (PETIT, 2009, p. 110). Ao escolher participar do projeto, representar um autor, realizar pesquisas e dialogar com a comunidade escolar a partir de seu conhecimento literário, não importando o território em que a escola e a AEL estejam inseridas, há oportunidade para que a cultura de toda uma coletividade se faça presente e seja acessada, refletida e reelaborada pelo estudante.

As atividades propostas pela academia, com a mediação dos professores do projeto, permitem novas representações do aluno e de sua comunidade, por meio de novas figurações simbólicas. A participação dos acadêmicos, em etapas organizadas de forma a lhes oferecer desafios progressivos na formação do leitor literário, possibilita uma escrita progressiva também de sua própria narrativa de vida (dentro e fora da escola), uma vez que seu repertório cultural é ampliado e fortalecido, dando-lhes condições para uma vivência crítica e ativa na sociedade.

As atividades teatrais ou com outras expressões artísticas – como a música, a pintura, a dança – também propostas no Projeto AEL viabilizam o diálogo da literatura com essas manifestações artísticas universais num enlace muito significativo para o aluno, pois ampliam suas possibilidades de leitura literária e de mundo, num processo de educação integral, por meio da troca de experiências artísticas e humanas com os membros da academia e da comunidade escolar.

Notamos, por conseguinte, que a Academia Estudantil de Letras rompe com uma lógica enrijecida da rotina escolar e do currículo, remodelando, redefinindo e extrapolando os limites desse espaço. Suas atividades ampliam os horizontes literários e culturais de seus participantes, sejam eles professores ou estudantes, dando-lhes possibilidades diversas de estar e compreender o mundo.

A AEL é um projeto que oferece meios de resistência aos jovens que vivem situações de crise ou vulnerabilidade social. Para eles, participar da academia é uma forma de lutar contra as tentativas de controle social, econômico, cultural, religioso e até contra a própria estrutura escolar que perpassam e impactam suas vidas. No projeto, eles encontram um espaço de liberdade para pensar, encarar suas contradições, sonhar e reencontrar-se com a dignidade humana, dar sentido às suas vidas, simbolizar suas experiências e viver tempos tranquilos, poéticos e criativos.

O aluno do projeto, além da formação literária, tem acesso, na escola, a um espaço de respiro, um espaço seguro, calmo, tranquilo, protetor e também estético, que fornece meios para renovar as forças, as esperanças, a autoconfiança. Um espaço de descobertas de suas potencialidades e possibilidade de reelaboração do vivido por meio da arte literária.

Outrossim, a AEL também contribui para a constituição de uma cultura de paz dentro e fora das escolas, na medida em que, ao promover o encontro e a mediação estética do estudante com o livro literário, o coloca num movimento que lhe permite enfrentar as dificuldades de seu meio social, conciliando sua vida interior, muitas

vezes “fraturada pelo sofrimento psíquico”, com o mundo que o cerca. Esse processo possibilita “[...] a exploração e a travessia dos espaços de catástrofe” (PETIT, 2009, p. 130), a transformação de experiências dolorosas, a elaboração da perda e o reestabelecimento dos vínculos sociais.

Essa é uma dimensão familiar aos psicanalistas, que, como S. Tisseron, insistem precisamente na importância da metáfora. Para superar um trauma, reconstruir sua história e fazer um relato constituiriam apenas uma parte do caminho. A etapa seguinte consistiria, apoiando-se na presença calorosa de um outro, em elaborar não uma reconstituição realista desse trauma, mas uma metáfora que dê acesso às emoções, na qual o corpo esteja implicado. Estas retomam a possibilidade de expressar-se e se tornam compartilháveis, permanecendo ao mesmo tempo controláveis. ‘Ali onde a compreensão intelectual resseca e isola, a metáfora nutre e socializa’. (TISSERON *apud* PETIT, 2009, p. 207).

A leitura literária convoca o leitor, portanto, a um exercício de simbolização, de pensamento, de narração da sua própria história, delimitando, na vida do estudante, uma margem de manobra necessária para lidar com as adversidades, ou seja, a recriação de um “espaço transicional” que pode permitir a um indivíduo ou grupo “[...] reencontrar a sua confiança na sua própria continuidade, na sua capacidade de estabelecer vínculos entre ele, o mundo, os outros, na sua capacidade de jogar, simbolizar, pensar, criar.” (PETIT, 2009, p. 85).

Finalmente, no terceiro capítulo, analisamos o Projeto AEL a partir da mediação do professor e identificamos que o projeto é uma estratégia inovadora para o acesso e fruição literária na escola, bem como na formação do leitor literário para além das ações tradicionais de ensino da literatura.

Evidenciamos a importância das ações dos professores da AEL na mediação do conhecimento literário e na sua relação com os estudantes nas práticas pedagógicas de formação literária.

Nesse projeto, o professor da Academia não atua somente como aquele que se preocupa em escolher obras “mais adequadas” ao aprendizado de determinados conteúdos curriculares, mas como aquele que assumirá um papel importantíssimo de mediação literária, cultural, estética e pedagógica no percurso de formação do leitor literário no projeto, numa perspectiva de letramento literário (COSSON, 2006).

O professor mediador tem um papel muito relevante na academia, pois oferece o suporte necessário ao estudante em seu percurso na AEL. Conforme nos apontou

Andruetto, “[...] todo bom livro nos convida a nos ensimesmar e, assim, a questão não é exatamente a quantidade de livros lidos, ainda que a diversidade e o número também sejam importantes. A questão é, sobretudo, como se lê e como se convida outros a ler” (2017, p. 81).

Mas, para que um jovem se converta em leitor inovador, capaz de ir além do consumo de um relato, mais do que livros de qualidade, ele necessita de ajuda. Para muitas crianças e muitos jovens, a escola é o único espaço onde se pode encontrar essa ajuda, o único espaço possível de contato com a cultura literária. (ANDRUETTO, 2017, p. 81).

Por todas as razões expostas, e ainda considerando que a AEL já é inspiração no objetivo de formação do leitor literário em muitas escolas da cidade de São Paulo, da Região Metropolitana de São Paulo, do interior e em outros estados brasileiros, conforme notícia publicada no site SME (2021), é que vemos, na abordagem dada pela AEL à fruição da arte literária, uma assertiva estratégia para a formação do leitor literário nas escolas.

Todavia, é importante ressaltar que, se atualmente o projeto tem um certo prestígio e reconhecimento na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, bem como uma ampla repercussão no meio educacional, nem sempre foi assim. Tanto quanto outros projetos literários desenvolvidos em escolas públicas, o Projeto AEL não teve uma aceitação imediata na ocasião de sua implementação na escola, em 2005. Posteriormente, tampouco teve seu percurso facilitado na expansão da AEL na Diretoria de Ensino que a viu surgir. Inúmeras dificuldades foram enfrentadas até a Academia Estudantil ser instituída como política pública de ensino na rede municipal de São Paulo, em 2015.

Hoje, continuam sendo muitos os desafios para a implementação, acompanhamento e consolidação da AEL nos diferentes territórios da cidade de São Paulo. Nas escolas, por exemplo, ainda há uma crença de que apenas professores de Língua Portuguesa estão mais aptos a atuar no projeto e ainda é um desafio a manutenção das academias após sua fundação. Além de tudo isso, recaem na AEL os desafios que explicitamos da própria formação do leitor literário na escola. No entanto, a longevidade do projeto na rede de ensino municipal atesta o sucesso da AEL nessa formação.

Vale ressaltar que a formação do professor mediador da Academia Estudantil segue como uma importante estratégia para a concretização]ao desse projeto e na formação do leitor literário nas escolas. Esse item segue sendo um desafio constante para a Secretaria Municipal de Educação e deve continuar sendo visto de forma muito criteriosa. Isso porque se faz necessária uma formação que continue ampliando o repertório cultural e literário desse professor para além de cursos e orientações que pretendem engessar ou metrificar o ensino e o tempo nas escolas.

A atenção a essa formação contínua deve considerar, inclusive, as inovações constantes no universo da literatura, do mercado editorial e de outros formatos literários, garantido também o conhecimento de autores contemporâneos ou atuais, conforme definiu Cosson (2006). Nesse caminho, os docentes terão possibilidade de seguir ampliando e qualificando sua atuação nas academias junto aos estudantes.

A prática pedagógica desse professor será mais diversificada à medida que os cursos de formação oferecidos pela Secretaria de Educação seguirem propondo ao professor o enfrentamento, não apenas das limitações dos alunos na hora de ler textos literários complexos (COSSON, 2006), mas, também, de suas próprias limitações, ofertando ferramentas para que ambos possam desenhar estratégias para superá-las.

O protocolo apresentando na AEL tampouco tem o objetivo de engessar as ações do projeto. Mais do que isso, ele se propõe a caracterizá-la e dar subsídios iniciais para as atividades na academia, respeitando e fortalecendo a autonomia do professor mediador e do aluno nas escolhas que farão em seus percursos formativos dentro da AEL.

Ainda que esta pesquisa tenha destacado e enaltecido a AEL como assertiva política pública de ensino, não defendemos aqui a superioridade do projeto em relação a nenhuma outra possibilidade de ensino e formação do leitor literário realizada nas escolas. Caminhamos, no entanto, no sentido de identificar e comprovar as potencialidades do Projeto AEL na formação ampla do leitor literário, por meio de vivências dentro e fora da escola, que influenciam também na própria formação humana dos estudantes.

Conseqüentemente, a possibilidade de integração da AEL com outros projetos literários é muito plausível e cabe ao professor do projeto o desafio e a abertura para reconhecer essas múltiplas manifestações literárias, frutos de nosso tempo, na efetivação do projeto como possibilidade da formação do leitor literário numa perspectiva de letramento literário.

Por fim, a potência da AEL também está no fato de enxergar a literatura como direito indispensável à formação humana e possibilidade concreta de um ensino que promova a liberdade de pensamento e a consciência de si por meio de uma experiência estética que dialoga com o tempo, a cultura (local e universal) e o próprio o mundo (interno e externo) de seus participantes.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. *In*: TODOROV, Tzvetan (org.). **Teoria da Literatura** – textos dos formalistas russos. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Almedina Brasil, 2018.

COELHO, I. L. A Literatura para crianças e jovens no universo escolar: da estética à humanística. *In*: NAVAS, D. CARDOSO, E. BASTAZIN, V. (org.). **Literatura e ensino: territórios em diálogo**. São Paulo: EDUC/Capes, 2018. p. 117-124.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORRÊA, R. F. **Tecnologias sociais e educação: possibilidades e limites de transformação de sentidos**. 2016. 270 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174917>. Acesso em: 26 jun. 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRUZ, Elaine Patricia. Professora cria 'academia de letras' para motivar crianças a ler. **Terra**, São Paulo, 2 abr. 2013. Educação. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/professora-cria-academia-de-letras-para-motivar-criancas-a-ler,3de4b907071cd310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

DIAS, Vânia. Violência nas escolas: após onda de ataques, especialistas apontam caminhos. **Brasil de Fato**, Salvador, 9 maio 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/09/violencia-nas-escolas-apos-onda-de-ataques-especialistas-apontam-caminhos>. Acesso em: 26 jun. 2023.

DIOS, C. L. **Educação Literária como metáfora social: desvios e rumos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, Ariane; LOPES, Isabella. NOLETO, Isabela. Projetos culturais transformam a periferia de São Paulo. **Contraponto Digital**, 4 set. 2018. Disponível em: <http://agemt.org/contraponto/2018/09/04/projetos-culturais-transformam-a-periferia-de-sao-paulo/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

G1. Projeto sobre literatura trabalha a autoestima de alunos. **Globo Gshow**, São Paulo, 23 nov. 2011. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2011/Se-liga/noticia/2011/11/projeto-sobre-literatura-trabalha-autoestima-de-alunos.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

INSTITUTO CLARO. Para aproximar alunos da literatura, projeto conta com uma Academia Estudantil de Letras. 13 fev. 2019. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/videos/para-aproximar-alunos-da-literatura-projeto-conta-com-uma-academia-estudantil-de-letas/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

JUNQUEIRA, R.; CARDOSO, E. P. da. Literatura infantil: possibilidades para o letramento literário. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, p. 142-158, 2016. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/134>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MUSTAPHA, S. A. dos S., LEUNG, R. T. R. Academia Estudantil de Letras Kiusam de Oliveira e a importância da representatividade na educação para as relações étnico-raciais. v. 8, p. 294-231, 2020. **@rquivo Brasileiro de Educação**. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2020v8n17p294-321>. Acesso em: 26 jun. 2023.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

RODRIGUES, V. S. **Das sombras das mangueiras às sombras daqueles eucaliptos**: um caminho possível para formação de leitores autônomos. 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25507>.

SALAS, P. Projetos de leitura durante o ensino remoto. **Nova Escola**, 24 fev. 2021. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/20151/projetos-de-leitura-durante-o-ensino-remoto?gclid=CjwKCAjw2ZaGBhBoEiwA8pfP_ukIO5dNOPA8napECAp9u7L46jJ-CqZld2TFQgmG1nDu93ZECOR-qhoC-ekQAvD_BwE. Acesso em: 26 jun. 2023.

SALVO, M. P. de. Sueli Gonçalves: os “imortais” da rede pública. **Veja São Paulo**, São Paulo, 5 dez. 2012. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/solidariedade-literatura/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Academia Estudantil de Letras – 15 anos**. Revista Magistério [SME/COPED], São Paulo, n. 11, 2021. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/01/Magisterio_11_AEL_WEB.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Portaria nº 5.296, de 14 de agosto de 2015. Institui o Projeto “Academia Estudantil de Letras” nas Unidades Educacionais que mantêm o Ensino Fundamental e o Ensino Médio da Rede Municipal de Ensino, define normas e procedimentos para a sua implementação e dá outras providências. **Diário Oficial do Município de São Paulo**, São Paulo, 15 de ago. 2015, p. 11. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-5296-de-15-de-agosto-de-2015>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Descobrir-se autor**: crônicas para gostar de escrever. São Paulo: SME/COPED, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/descobrir-se-autor-cronicas-para-gostar-de-escrever/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Revelar-se autor**: crônicas de quem gosta de escrever. São Paulo: SME/COPED, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revelar-se-autor-cronicas-de-quem-gosta-de-escrever/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Sala de leitura**: vivências, saberes e práticas. São Paulo: SME/COPED, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/sala-de-leitura-vivencias-saberes-e-pratica/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SME-SP. Portal Institucional. **Semana de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura começa na próxima semana**. São Paulo. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/semana-de-incentivo-e-orientacao-ao-estudo-e-a-leitura-comeca-na-proxima-semana/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SME-SP. Portal Institucional. Academia Estudantil de Letras – AEL. **Materiais publicados**. São Paulo. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ael/materiais/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SME-SP: Portal Institucional. Academia Estudantil de Letras – AEL. **Histórico da AEL**. São Paulo. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ael/historico-da-ael/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SME-SP. Portal Institucional. **AEL comemora 15 anos e ganha edição especial da Revista Magistério**. São Paulo, 12 jan. 2021. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/ael-comemora-15-anos-e-ganha-edicao-especial-da-revista-magisterio/>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SILVA, T. L. **Sala de Leitura nas escolas municipais de São Paulo**: desafios pedagógicos. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21419>. Acesso em: 26 jun. 2023.

TORT, P. Mais livros: Governo quer retomar políticas públicas para leitura. **Agência Brasil**, Brasília, 23 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/mais-livros-governo-quer-retomar-politicas-publicas-para-leitura>. Acesso em: 26 jun. 2023.

YAMAMOTO, K. Alunos de escolas públicas montam Academia Estudantil de Letras; projeto incentiva leitura. **Uol Educação**, São Paulo, 17 dez. 2008. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/ultnot/2008/12/17/ult105u7399.jhtm>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ANEXO A – ACADEMIAS ESTUDANTIS DE LETRAS COM PATRONOS DEFINIDOS¹

DRE BUTANTÃ (12)

AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF João XXIII – fundada em 25.11.16 (52^a)

AEL Cecília Meireles / EMEF Teófilo Benedito Ottoni – fundada em 24.11.18 (89^a)

AEL Conceição Evaristo / EMEF Marechal Deodoro da Fonseca

AEL Daniel Carvalho / EMEF Ibrahin Nobre – fundada em 27.11.19 (108^a)

AEL Fernanda Torres / EMEF Julio Mesquita

AEL Jarid Arraes / EMEF José de Alcântara Machado Filho

AEL José Roberto Torero / EMEF General Euclides de Oliveira Figueiredo –
fundada em 18.10.2019 (100^a)

AEL Lázaro Ramos / EMEF Prof. Roberto Mange

AEL Machado de Assis / EMEF General Alcides Gonçalves Etchegoyen

AEL Marcelo D'Saete / EMEF Profa. Eda Terezinha Chica Medeiros

AEL Mauricio de Sousa / EMEF Vila Munck

AEL Monteiro Lobato / EMEF Dr. José Dias da Silveira – fundada em 12.05.18 (80^a)

DRE CAMPO LIMPO (16)

AEL Ariano Suassuna / EMEF Modesto Scagliusi Vila – fundada em 2.12.22 (116^a)

AEL Binho / EMEF Sinésio Rocha

AEL Conceição Evaristo / EMEF Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de
Oliveira

AEL Elaine Lacerda / EMEF Clemente Pastore

AEL Eva Furnari / EMEF Blota Júnior

AEL Férrez / EMEF José Olympio Pereira Filho

AEL Jarid Arraes / EMEF Oliveira Viana

AEL João Cabral de Melo Neto / CEU EMEF Feitiço da Vila – fundada em 27.10.17
(71^a)

AEL Kiusam de Oliveira / EMEF Francisco Rebolo – fundada em 06.10.17 (70^a)

AEL Lázaro Ramos / EMEF Luisa Rosária de Oliveira Dias

¹ Total de 192 academias. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ael/lista-de-academias/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

AEL Mauricio de Sousa / EMEF Chácara Sonho Azul

AEL Millôr Fernandes / EMEF Millôr Fernandes, Jornalista

AEL Sérgio Vaz / EMEF Vila do Sol – fundada em 3.12.19 (110^a)

AEL Sylvia Ortof / EMEF Herbert de Souza

AEL Tula Pilar / CEU EMEF Cantos do Amanhecer

AEL Ziraldo / EMEF Professor Levy de Azevedo Sodré – fundada em 21.11.18 (87^a)

DRE CAPELA DO SOCORRO (6)

AEL Bráulio Bessa / CEU EMEF Manoel Vieira de Queiroz Filho

AEL Machado de Assis / EMEF Constelação do Índio

AEL Maria Vilani / EMEF Frei Damião – fundada em 14.12.17 (79^a)

AEL Mauricio de Sousa / EMEF Jardim Eliana

AEL João Gomes de Sá / EMEF Olegário Mariano – fundada em 29.10.19 (101^a)

AEL José Roberto Torero / EMEF Milton Ferreira de Albuquerque – fundada em 21.09.19 (97^a)

DRE FREGUESIA/BRASILÂNDIA (7)

AEL Chico Buarque de Hollanda / EMEF Paulo Nogueira Filho – fundada em 08.12.16 (64^a)

AEL Graciliano Ramos / EMEF Cecília de Moraes de Vasconcelos – fundada em 29.11. 16 (56^a)

AEL Machado de Assis / EMEF Profa. Caíra Alayde Alvarenga Medea

AEL Mário Quintana / EMEF Prof. Primo Páscoli Melaré – fundada em 22.11.19 (104^a)

AEL Ruth Rocha / EMEF Dona Angelina Maffei Vita – fundada em 03.12.16 (62^a)

AEL Sérgio Vaz / EMEF Prof. Antonio Prudente – fundada em 02.12.22 (117^a)

AEL Vinícius de Moraes / EMEF Cel. PM Jose Herminio Rodrigues

DRE GUAIANASES (23)

AEL Ariano Suassuna / EMEF Professora Cláudia Bartolomazi – fundada em 30.09. 15 (31^a)

AEL Arnaldo Antunes / EMEF Profa. Idemia de Godoy – fundada em 31.10. 18 (85^a)

AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF Maurício Goulart

AEL Clarice Lispector / CEU EMEF Inácio Monteiro – fundada em 17.11.16 (44^a)

AEL Cora Coralina / EMEF Antônio Pereira Ignácio – fundada em 23.11.17 (76ª)

AEL Débora Garcia / EMEFM Oswaldo Aranha Bandeira de Mello

AEL Dias Gomes / EMEF Dias Gomes – fundada em 10.12.16 (65ª)

AEL Emerson Alcalde / EMEF Dr. José Augusto Cesar Salgado

AEL Eva Furnari / EMEF João Ribeiro de Barros – fundada em 26.11.16 (53ª)

AEL Ilan Bremnan / EMEF Elias Shammass – fundada em 12.12.17 (78ª)

AEL José Roberto Torero/ EMEF Senador Luis Carlos Prestes

AEL Machado de Assis / EMEF Prof. Luiz Roberto Mega – fundada em 05/10/17 (69ª)

AEL Manoel de Barros / EMEF Madre Joana Angélica de Jesus – fundada em 11.11.17 (73ª)

AEL Marina Colasanti / CEU EMEF Jambeiro

AEL Maurício de Sousa / EMEF Alexandre Vannucchi Leme – fundada em 18.11.16 (45ª)

AEL Patativa do Assaré / CIEJA Professora Rosa Kazue Inakake de Souza – fundada em 14.11.17 (75ª)

AEL Pedro Bandeira / EMEF Saturnino Pereira – fundada em 06.09.14 (28ª)

AEL Rodrigo Ciriaco / CEU EMEF Lajeado

AEL Ricardo Azevedo / EMEF Profa. Maria Aparecida Magnanelli Fernandes

AEL Sérgio Vaz / CEU EMEF Água Azul – fundada em 03.12.19 (111ª)

AEL Thalita Rebouças / EMEF Professora Helina Coutinho Lourenço Alves – fundada em 04.10.16 (36ª)

AEL Thata Alves / EMEF Alexandre de Gusmão

AEL Walcyr Carrasco / EMEF Prof. Antônio D'Ávilla – fundada em 13.12.16 (66ª)

DRE IPIRANGA (22)

AEL Adélia Prado / EMEF Profa. Sylvia Martin Pires – fundada em 11.11.17 (74ª)

AEL Alice Ruiz / EMEF Irineu Marinho – fundada em 16.11.16 (43ª)

AEL Álvares de Azevedo / EMEF Álvares de Azevedo

AEL Antônio de Alcântara Machado / EMEF Antônio de Alcântara Machado – fundada em 05.11.16 (41ª)

AEL Arnaldo Antunes / EMEF João Carlos da Silva Borges– fundada em 9.11.19 (102ª)

AEL Auritha Tabajara / EMEF Duque de Caxias

AEL Cassiano Ricardo / EMEF Cassiano Ricardo – fundada em 22.11.16 (48^a)
AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF Marechal Eurico Gaspar Dutra – fundada em 13.12.18 (95^a)
AEL Cecília Meireles / EMEF Áurea Ribeiro – fundada em 30.11.16 (58^a)
AEL Chico Buarque de Hollanda / EMEF José Maria Lisboa – fundada em 07.12.18 (91^a)
AEL Daniel Munduruku / EMEF Jean Mermoz – fundada em 28.10.16 (39^a)
AEL Emicida / EMEF Altino Arantes – fundada em 25.11.22 (116^a)
AEL Ferreira Gullar / EMEF Des. Francisco Meirelles – fundada em 29.11.16 (55^a)
AEL Kiusam de Oliveira / EMEF Abrão Huck
AEL Lygia Bojunga / EMEF Campos Salles – fundada em 23.11.16 (49^a)
AEL Mauricio de Sousa / EMEF Presidente Prudente de Moraes – fundada em 18.10.13 (24^a)
AEL Monteiro Lobato / CEU EMEF Profa. Mara Cristina Tartaglia Sena
AEL Pedro Bandeira / CEU EMEF Meninos
AEL Roseana Murray / EMEF Prof. Roberto Plínio Colacioppo
AEL Zélia Gattai / EMEF Gonzaguinha – fundada em 18.11.16 (46^a)
AEL Vinícius de Moraes / EMEF Pericles Eugênio da Silva Ramos
AEL Ziraldo / EMEF Prof. Francisco da Silveira Bueno

DRE ITAQUERA (16)

AEL Anderson Novello / EMEI Prof. Olandya Peres Ribeiro – fundada em 12.12.19 (113^a)
AEL Fernando Anitelli / EMEF 8 de maio
AEL Graciliano Ramos / EMEF Francisco Alves Mendes Filho – Chico Mendes – fundada em 23.10.14 (29^a)
AEL Guimarães Rosa / EMEF Guimarães Rosa
AEL Keka Reis / EMEF Ayres Martins Torres – fundada em 23.11.19 (106^a)
AEL Kiusam de Oliveira / EMEF Vicentina Ribeiro da Luz – fundada em 07.12.22 (119^a)
AEL Lima Barreto / EMEF Brigadeiro Correia de Mello – fundada em 27.08.16 (34^a)
AEL Luís Gama / EMEF Paulo Gomes Cardim – fundada em 25.11.16 (51^a)
AEL Maria Clara Machado / EMEF Presidente Kennedy – 05.12.22 (118^a)
AEL Marina Colasanti / EMEF Carlos Chagas

AEL Mário de Andrade / EMEF Júlio César Sousa e Melo – Malba Tahan – fundada em 10.12.18 (93ª)

AEL Maurício de Sousa / EMEF Benedito Calixto – fundada em 20.08.16 (33ª)

AEL Monteiro Lobato / EMEF Dr. João Naoki Sumita – fundada em 29.09.18 (83ª)

AEL Rodrigo Ciriaco / EMEF Sérgio Milliet – fundada em 06.12.18 (90ª)

AEL Walcyr Carrasco / EMEF Danylo José Fernandes – fundada em 22.06.11 (17ª)

AEL Zivaldo / EMEF Roquette Pinto – fundada em 23.11.19 (105ª)

DRE JAÇANÃ/TREMOMBÉ (7)

AEL Bráulio Bessa / EMEF Rodrigues Alves

AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF Profa. Celia Regina Lekevicius Consolin

AEL Conceição Evaristo / EMEF Jardim Fontális – fundada em 12.12.18 (94ª)

AEL Ilan Brenman / EMEF Lourenço Filho – fundada em 12.11.18 (86ª)

AEL Mário de Andrade / EMEFM Prof. Derville Allegretti – fundada em 05.11. 13 (25ª)

AEL Sérgio Vaz / EMEF General Paulo Carneiro Thomaz Alves

AEL Vinicius de Moraes / EMEF General Julio Marcondes Salgado

DRE PENHA (32)

AEL Ana Maria Machado / EMEF Amadeu Amaral – fundada em 26.09.12 (21ª)

AEL Arnaldo Antunes / CEU EMEF Prof. Antonio Carlos Rocha – fundada em 03.12.15 (32ª)

AEL Artur Azevedo / EMEF Artur Azevedo

AEL Carlos Drummond de Andrade / EMEF Prof. João Franzolin Neto – fundada em 01.12.08 (8ª)

AEL Castro Alves / EMEF General Othelo Franco – fundada em 31.10.08 (7ª)

AEL Cecilia Meireles / EMEF Cecilia Meireles – fundada em 21.06.07 (3ª)

AEL Chico Buarque de Hollanda / EMEF Anália Franco Bastos – fundada em 19.09.12 (20ª)

AEL Clarice Lispector / EMEF Dr. Fábio da Silva Prado – fundada em 27.09.10 (14ª)

AEL Cora Coralina / EMEF Luis Washington Vita – fundada em 28.05.14 (26ª)

AEL Eva Furnari / EMEF Barão de Mauá – fundada em 03.12.14 (30ª)

AEL Fernando Pessoa / EMEF Presidente João Pinheiro

AEL Guilherme de Almeida / EMEF Guilherme de Almeida – fundada em 26.09.16

(35ª)

AEL Guimarães Rosa / EMEF Assad Abdala – fundada em 29.09.09 (9ª)

AEL João Cabral de Melo Neto / EMEF Humberto de Campos – fundada em 25.11.17 (77ª)

AEL João Carlos Marinho / EMEF Marechal Juarez Távora – fundada em 28.09.19 (98)

AEL Lygia Fagundes Telles / EMEF Octávio Mangabeira – fundada em 28.11.07 (4ª)

AEL Luis Fernando Veríssimo / EMEF Prof. Abrão de Moraes – fundada em 29.09.11 (18ª)

AEL Machado de Assis / EMEF Major Silvio Fleming – fundada em 29.08.08 (5ª)

AEL Manuel Bandeira / EMEF Frei Francisco de Mont' Alverne – fundada em 25.09.13 (23ª)

AEL Marina Colasanti / EMEF 19 de Novembro – fundada em 25.10.16 (38ª)

AEL Mario Quintana / EMEF Infante Dom Henrique – fundada em 09.06.10 (13ª)

AEL Maurício de Sousa / EMEF Visconde de Cairu – fundada em 28.10.17 (72ª)

AEL Monteiro Lobato / EMEF Prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz – fundada em 26.04.07 (2ª)

AEL Padre Antonio Vieira / EMEF Padre Antonio Vieira – fundada em 30.05.05 (1ª)

AEL Pedro Bandeira / CEU EMEF Rosângela Rodrigues Vieira – fundada em 23.09.08 (6ª)

AEL Rachel de Queiroz / EMEF Arthur Alvim – fundada em 14.12.09 (11ª)

AEL Ricardo Azevedo / EMEF Dona Jenny Gomes – fundada em 21/11/12 (22ª)

AEL Rubem Alves / EMEF Prof. Maestro Alex Martins Costa – fundada em 10.12.11 (19ª)

AEL Ruth Rocha / EMEF José Bonifácio – fundada em 10.12.09 (10ª)

AEL Tatiana Belinky / EMEF Profa. Wanny Salgado Rocha – fundada em 30.10.10 (16ª)

AEL Vinicius de Moraes / EMEF Firmino Tibúrcio da Costa – fundada em 08.08.14 (27ª)

AEL Ziraldo / EMEF Padre Serafin Martinez Gutierrez – fundada em 05.10.10 (15ª)

DRE PIRITUBA/JARAGUÁ (11)

AEL Ana Maria Machado / CEU EMEF Vila Atlântica

AEL André Neves / EMEF José Ferraz de Campos

AEL Angela Lago / EMEF Dilermando Dias dos Santos
AEL Ariano Suassuna / EMEF Profa. Milena Benedicto
AEL Cândido Portinari / EMEF Cândido Portinari
AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF Rui Bloem
AEL Conceição Evaristo / EMEFM Antônio Alves Veríssimo – fundada em 30.11.16 (57ª)
AEL Lygia Bojunga / CEU EMEF Prof. Dr. Valter Paulino Estevam
AEL Márcia Ribeiro Pitta / EMEF Dr. José Kauffmann – fundada em 12.06.16 (81ª)
AEL Maurício de Sousa / EMEF Júlio de Oliveira – fundada em 02.12.16 (60ª)
AEL Vinícius de Moraes / EMEF Prof. Gabriel Sylvestre Teixeira de Carvalho

DRE SANTO AMARO (12)

AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF Liliane Verzine Silva – fundada em 12.11. 16 (42ª)
AEL Conceição Evaristo / EMEF Profa. Ana Maria Alves Benetti – fundada em 26.09.19 (99ª)
AEL Edson Gabriel Garcia / EMEF Prof. João de Souza Ferraz – fundada em 24.11.18 (88ª)
AEL Ferréz / EMEF Pe. Aldo da Tofori
AEL Heloisa Pires Lima / EMEF Antenor Nascentes – fundada em 03.12.16 (61ª)
AEL Jorge Amado / EMEF Prof. Nelson Pimentel Queiroz – fundada em 13.05.10 (12ª)
AEL José de Alencar / EMEF Prof. Antônio de Sampaio Dória – fundada em 11.12.19 (112ª)
AEL Lygia Bojunga / EMEF Armando de Arruda Pereira – fundada em 29.09.17 (68ª)
AEL Maria Sueli Fonseca Gonçalves - Suelizinha / EMEF Prof. Laerte Ramos de Carvalho – fundada em 30.11.19 (109ª)
AEL Monteiro Lobato / EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita – fundada em 25.08.17 (67ª)
AEL Sérgio Vaz / EMEF Almirante Silvio Heck – fundada em 22.11.16 (47ª)
AEL Teruko Oda / EMEBS Anne Sullivan

DRE SÃO MATEUS (11)

- AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF Olival Costa – fundada em 25.06.2022 (114^a)
- AEL Cecília Meireles / EMEF Fazenda da Juta – fundada em 24.10.18 (84^a)
- AEL Cora Coralina / EMEF Rodrigo Mello Franco de Andrade
- AEL Dinha / CEU EMEF Profa. Candida Dora Pino Pretini – fundada em 05.07.19 (96^a)
- AEL José Lins do Rego / EMEF José Lins do Rego – fundada em 02.12.16 (59^a)
- AEL Kiusam de Oliveira / Emef Arquiteto Vilanova Artigas
- AEL Maurício de Sousa / EMEF Júlio de Grammont – fundada em 26/11/16 (54^a)
- AEL Paula Pimenta / EMEF Emílio Ribas – fundada em 13.10.16 (37^a)
- AEL Rubem Alves / EMEF Prof. Giuseppe Tavolaro – fundada em 05.11.16 (40^a)
- AEL Sergio Vaz / EMEF Cidade de Osaka
- AEL Tatiana Belinky / CEU EMEF Tatiana Belinky – fundada em 26.11.19 (107^a)

DRE SÃO MIGUEL (17)

- AEL Arnaldo Antunes – EMEF Profa. Wanda Ovidio Goncalves
- AEL Biblioteca João Cabral de Melo Neto / Biblioteca do CEU Vila Curuçá – fundada em 24.11.16 (50^a)
- AEL Carolina Maria de Jesus / EMEF Henrique Fellipe da Costa
- AEL Cecília Meireles / EMEF General Newton Reis – fundada em 08.12.16 (63^a)
- AEL Chico Buarque de Hollanda / EMEF Padre Chico Falconi
- AEL Clarice Lispector / EMEF Almirante Pedro de Frontin
- AEL Elizandra Souza / EMEF Padre Nildo do Amaral Junior
- AEL Fernando Pessoa / EMEF Antonia e Artur Begbie
- AEL Hilda Hilst / EMEF D. PAULO ROLIM LOUREIRO
- AEL José do Patrocínio / EMEF Armando Cridey Righetti
- AEL Machado de Assis / EMEF Sen. José Ermírio de Moraes
- AEL Paulo Leminski / CEU EMEF Maria Clara Machado
- AEL Rodrigo Ciríaco / EMEF Pedro Teixeira – fundada em 08.12.18 (92^a)
- AEL Ruth Rocha / EMEF Sud Mennucci – fundada em 11.11.19 (103^a)
- AEL Sérgio Vaz / EMEF José Honório Rodrigues – fundada em 23.08.18 (82^a)
- AEL Thalita Rebouças / EMEF Neuza Avelino da Silva Melo – fundada em 08.12.22 (120^a)
- AEL Vinicius de Moraes / EMEF Fernando de Azevedo

ANEXO B – MODELO DE CERTIFICADO DE POSSE



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO**

Academia Estudantil de Letras
Rubem Alves

"Há escolas que são gaiolas, há escolas que são asas"

CERTIFICADO DE POSSE

Certificamos que no dia 26 de dezembro de 2015
Leonardo José Santana Silva
tomou posse da cadeira n° 45
de **Cressida Cowell**
como Membro Titular na Academia Estudantil de Letras
Rubem Alves
da **EMEF Professor Maestro Alex Martins Costa**,
prestando nesta data juramento em ato solene de posse.

Academia Estudantil de Letras

Maria Sanches
Coordenadora dos Estudos Literários


Elen de Lucas Rodrigues
Coordenadora das Atividades de Teatro

*"Eu prometo
em tributo à Literatura,
Humanizar as ações,
Elevar a alma,
Promover o bem,
Edificar a paz.
E assim,
Honrar a minha escola,
a minha família,
o ensinamento dos mestres,
o exemplo dos patronos
da Academia Estudantil de Letras,
a minha juventude
por livre escolha e inspiração".*



Academia Estudantil de Letras

ANEXO C – MODELO DE CERTIFICADO DE MEMBRO VITALÍCIO

	
<h3>Academia Estudantil de Letras</h3>	
<p>Nome da AEL</p>	
<p>FRASE</p>	
<p>"Lorem Ipsum is simply dummy text of the printing and typesetting industry."</p>	
<h3>MENÇÃO HONROSA</h3>	
<p>Conferimos nesta data o título de "MEMBRO VITALÍCIO DA AEL" para</p>	
<p>Nome do Membro Vitalício</p>	
<p>por sua honrosa e inestimável participação na Academia Estudantil de Letras</p>	
<p>Nome da AEL</p>	
<p>durante sua permanência na</p>	
<p>Escola do Membro Vitalício</p>	
<p>O Título representa nosso reconhecimento e nossa infinita gratidão.</p>	
<p>São Paulo, 26 de agosto de 2022.</p>	
<p>Nome 1 Lorem Ipsum is Simply Dummy</p>	<p>Nome 5</p>
<p>Função 1 Lorem Ipsum is Simply Dummy</p>	<p>Função 5</p>
<p>Nome 2</p>	<p>Nome 6</p>
<p>Função 2</p>	<p>Função 6</p>
<p>Nome 3</p>	<p>Nome 7</p>
<p>Função 3</p>	<p>Função 7</p>
<p>Nome 4</p>	<p>Nome 8</p>
<p>Função 4</p>	<p>Função 8</p>

ANEXO D – ITENS DA IDENTIDADE VISUAL DA AEL – MANUAL DE IDENTIDADE VISUAL DA ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS

Logo

As páginas do livro transformam-se em asas... O logo transmite a ideia da leitura e da liberdade que ela representa.



Academia Estudantil de Letras

Tipografia

Para a **Academia Estudantil de Letras** foi utilizada a fonte **Gabriola** com Composição centralizada.

Para as assinaturas das Academias é utilizada a mesma fonte

Gabriola

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

0123456789



Academia Estudantil de Letras

Cores

A cor padrão da **Academia Estudantil de Letras** é o **Black 100%**, mas também é permitido utilizar outras cores, como nas representações ao lado. Nos documentos impressos é possível escolher cores diferentes. Na camiseta preta manter sempre o logo em branco.

CMYK	PANTONE	R G B
100% Black	PANTONE Process Black c	25 23 27



Academia Estudantil de Letras



Academia Estudantil de Letras



Academia Estudantil de Letras



Academia Estudantil de Letras



Academia Estudantil de Letras



Academia Estudantil de Letras



Academia Estudantil de Letras

Assinatura das Academias

Para a aplicação do nome de outras academias, manter a mesma fonte centralizando o texto.



Academia Estudantil de Letras



Academia Estudantil de Letras
Pe. Antonio Vieira



Academia Estudantil de Letras
Biblioteca João Cabral de Melo Neto

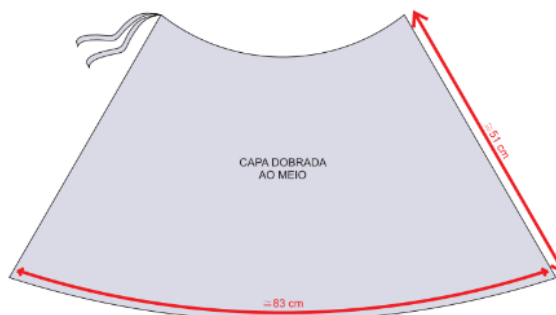
Aplicação em Camiseta



Capa do Acadêmico

Portaria nº 5.296, de 14 de agosto de 2015 -
Publicada no DOC de 15/08/15, pág. 11

Art. 10 – A Academia Estudantil de Letras – AEL – deverá incorporar à sua prática, em todas as suas atividades previstas no art. 5º desta Portaria, alguns rituais dotados de simbolismo, dentre eles, a escolha de uma cor que identificará a Academia e que predominará nas capas acadêmicas, na capa do Livro Oficial de Atas e nos demais detalhes.



ANEXO E – MODELO DE CERIMONIAL PARA FUNDAÇÃO E CERIMÔNIAS DE POSSE DA AEL

AEL MAURÍCIO DE SOUSA

EMEF XXXXXXXXXXXXXXXX

FESTA DE FUNDAÇÃO – (CERIMONIAL)

DATA: XXXXXXXXXXXXXXXX

LOCAL: XXXXXXXXXXXXXXXX

TEMPO ESTIMADO DO EVENTO: 2 HORAS E MEIA A 3 HORAS

MESTRE DE CERIMONIA (MC)	<p>COM MUITA ALEGRIA, ESTAMOS REUNIDOS PARA CELEBRAR A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS MAURÍCIO DE SOUSA, DA EMEF PRESIDENTE PRUDENTE DE MORAES – DRE IPIRANGA.</p> <p>A ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS MAURÍCIO DE SOUZA FOI CONSTITUÍDA NO INÍCIO DE 201___, TENDO COMO PRECURSORES OS ALUNOS QUE, NESTA DATA, TOMARÃO POSSE DE SUAS CADEIRAS LITERÁRIAS, QUE SERÃO NOMEADOS MEMBROS TITULARES, A PARTIR DESTA DATA, E PELOS DE MAIS MEMBROS: PRINCIPIANTES, SUPLENTE E CORRESPONDENTES, ALUNOS DOS CICLOS DE ALFABETIZAÇÃO, INTERDISCIPLINAR E AUTORAL.</p> <p><i>(CADA ESCOLA COMPLETARÁ COM SUA HISTÓRIA PESSOAL)</i></p> <p>O PROJETO AEL EXISTE HÁ 13 ANOS. NASCEU NA EMEF PADRE ANTÔNIO VIEIRA, NA DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA PENHA, FOI SE AMPLIANDO AO LONGO DOS ANOS, DENTRO DO PROGRAMA DE EXPANSÃO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO, INSTITUÍDO PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO.</p>
MC	PEDIMOS QUE TODOS SE LEVANTEM PARA A EXECUÇÃO DO HINO NACIONAL BRASILEIRO
MC	<p>CONVIDAMOS AGORA PARA SUBIR AO PALCO:</p> <p>O SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (OU O SEU REPRESENTANTE XXXXXXXXXXXXXXXX)</p> <p>O DIRETOR REGIONAL DE EDUCAÇÃO - DRE IPIRANGA, XXXXXXXXX,</p>

	<p>O COORDENADOR DO PROJETO AEL NA DRE IPIRANGA, XXXXXXXXXXXXX</p> <p>O DIRETOR DA EMEF PRESIDENTE PRUDENTE DE MORAES, XXXXXXXXXXXXX (OU OUTRO REPRESENTANTE DA EQUIPE GESTORA XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX)</p> <p>SUPERVISOR ESCOLAR DA EMEF PRESIDENTE PRUDENTE DE MORAES XXXXXXXXXXXXX</p>
MC	<p>OUVIREMOS ALGUMAS PALAVRAS DO DIRETOR DA EMEF PRESIDENTE PRUDENTE DE MORAES, XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX</p> <p>(FALA DE XXXXXXXXXXXXX)</p>
MC	<p>AGRADECEMOS À DIRETORA DA EMEF XXXXXXXXXXXX, XXXXXXXXXXXX, PELAS PALAVRAS.</p>
MC	<p>OUVIREMOS O COORDENADOR DO PROJETO AEL NA DRE IPIRANGA - XXXXXXXXXXXX, XXXXXXXXXXXX</p> <p>(FALA DO COORDENADOR DO PROJETO AEL NA DRE IPIRANGA XXXXXXXXXXXX, XXXXXXXXXXXX)</p>
MC	<p>AGRADECEMOS AO COORDENADOR DO PROJETO AEL NA DRE IPIRANGA, XXXXXXXXXXXX, XXXXXXXXXXXX, PELAS PALAVRAS.</p>
MC	<p>PEDIMOS AO DIRETOR REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA DRE IPIRANGA – XXXXXXXXXXXX QUE NOS DIRIJA ALGUMAS PALAVRAS</p>
MC	<p>AGRADECEMOS AO DIRETOR REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA DRE IPIRANGA, XXXXXXXXXXXX, PELAS PALAVRAS.</p>
MC	<p>OUVIREMOS AGORA AS PALAVRAS DO REPRESENTANTE DA SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX</p>
MC	<p>DANDO CONTINUIDADE À CERIMÔNIA DE POSSE, CHAMAMOS OS COORDENADORES DOS ESTUDOS LITERÁRIOS XXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX E COORDENADORES DAS ATIVIDADES DE TEATRO DA AEL MAURÍCIO DE SOUSA XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, PARA OCUPAREM SEUS LUGARES, ASSINAREM O LIVRO OFICIAL DE ATAS E RECEBEREM A MEDALHA DE “MEMBRO VITALÍCIO DA ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS” DAS MÃOS DO COORDENADOR DO PROJETO AEL NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO.</p>
MC	<p>O MOMENTO ESPECIAL É CHEGADO. OS ACADÊMICOS SE PREPARARAM COM LEITURAS E PESQUISAS, SEMINÁRIOS E SARAUS.</p> <p>AGORA, FINALMENTE, TOMARÃO POSSE DA CADEIRA DO AMIGO LITERÁRIO ESCOLHIDO (APÓS ESSAS PALAVRAS, COLOCAR, DE FUNDO, UMA MÚSICA ESPECIAL).</p>
	<p>(OS ACADÊMICOS SÃO CHAMADOS, NOMINALMENTE, AO PALCO PARA RECEBER A MEDALHA, A CAPA, O CERTIFICADO E FAZER UMA BREVE APRESENTAÇÃO CÊNICA. CADA UM É</p>

	RECEPCIONADO POR UM ACADÊMICO, DA MAIS RECENTE ACADEMIA FUNDADA, SIMBOLICAMENTE, COM UMA ROSA) (O PRIMEIRO A SER CHAMADO SERÁ O TITULAR DA CADEIRA Nº 1, DO PATRONO DA ACADEMIA, QUE FARÁ UM PEQUENO SEMINÁRIO)
	LISTA DOS ALUNOS (QUE SERÃO CHAMADOS PARA POSSE - A SER ACRESCENTADA).
MC	TERMINADA A POSSE DOS ACADÊMICOS, OS RECÉM-EMPOSSADOS REALIZARÃO O JURAMENTO DA ACADEMIA. PARA CONDUZÍ-LOS, CHAMAMOS, O ALUNO, XXXXXXXXXXXXX, TITULAR DA CADEIRA Nº 1, DE MAURÍCIO DE SOUSA
	(OS ACADÊMICOS FICAM DE PÉ ALUNO TITULAR DA CADEIRA Nº1 CONDUZ O JURAMENTO)
	(OS ALUNOS RETIRAM AS CADEIRAS DO PALCO E SE RETIRAM, ORDENADAMENTE. QUANDO RETORNAM PARA OS SEUS LUGARES NA PLATEIA, É EXIBIDO O “VÍDEO DOS GRANDES MOMENTOS”)
	A FESTA PROSSEGUIRÁ COM AS APRESENTAÇÕES CÊNICAS, COMEMORATIVAS DO EVENTO,
	INCLUINDO OS MEMBROS PRINCIPIANTES, SUPLENTE E CORRESPONDENTES,
MC	OS FUNDAMENTOS DA AEL SÃO O CULTIVO DA PAZ, DA SOLIDARIEDADE, DA AMIZADE E DO AMOR, LINDAMENTE REPRESENTADOS NA CANÇÃO “ TE OFEREÇO PAZ ”, DE AUTORIA DE VÁLTER PINI.
MC	CONVIDAMOS A IDEALIZADORA DO PROJETO, SUELI GONÇALVES – Suelizinha – PARA DIZER ALGUMAS PALAVRAS
	(FALA DE SUELIZINHA E CANÇÃO DE VALTER PINI)
	(TODOS OS ACADÊMICOS DA PLATEIA E DO PALCO FICAM DE PÉ E APRESENTAM A CANÇÃO)
MC	PARABENIZAMOS, COM GRANDE ALEGRIA, A AEL MAURÍCIO DE SOUSA!
MC	ANTES DE FINALIZAR, VAMOS HOMENAGEAR OS PROFISSIONAIS QUE, DE DIFERENTES MANEIRAS, COLABORARAM PARA QUE ESTE MOMENTO FOSSE ESPECIAL... ENTREGA DAS FLORES
MC	ESTAMOS CHEGANDO AO ENCERRAMENTO DA CERIMÔNIA DE FUNDAÇÃO DA AEL MAURÍCIO DE SOUSA , UMA FESTA MUITO BONITA QUE FICARÁ MARCADA EM NOSSAS MEMÓRIAS E PARA SEMPRE EM NOSSOS CORAÇÕES... EM NOME DA GESTÃO DA EMEF XXXXXXXXXXXXXXX E DA ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS, AGRADECEMOS A PRESENÇA DE

	TODOS E ENCERRAMOS A <i>FESTA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS MAURÍCIO DE SOUSA.</i> (MÚSICA DE ENCERRAMENTO)
--	---

ANEXO F – JURAMENTO ACADÊMICO

Eu prometo

Em tributo à Literatura

Humanizar as ações,

Elevar a alma,

Promover o bem,

Edificar a Paz.

E assim,

Honrar a minha escola,

A minha família,

O ensinamento dos mestres,

O exemplo dos patronos

Da Academia Estudantil de Letras,

A minha juventude,

Por livre escolha e inspiração.

ANEXO G – CANÇÃO “TE OFEREÇO PAZ”

Te ofereço paz

Te ofereço amor

Te ofereço amizade

Ouço tuas necessidades

Vejo tua beleza

Sinto os teus sentimentos

Minha sabedoria flui

De uma fonte superior

E reconheço esta fonte em ti

Trabalhemos juntos.

ANEXO H – QUESTÕES PARA A PASTA DO ACADÊMICO

1. Nome completo do autor. Como é conhecido?
2. Data de nascimento: Cidade/País.
3. Onde mora ou vive/viveu? Com quem vive/viveu? É casado/casada? Qual o nome da esposa (ou esposo)? Tem filhos? Qual o nome dos filhos? Se o autor já houver falecido, acrescentar: Data do falecimento; onde ocorreu o falecimento (cidade, país) e com quantos anos faleceu.
4. Gêneros literários do conjunto de sua obra: gênero literário que se destaca em sua obra (ou gêneros literários que se destacam em sua obra, se for o caso).
5. Qual a importância do autor no contexto literário da época, segundo a opinião dos críticos?
6. Quais as três obras consideradas “mais importantes”, no conjunto do que o autor produziu?
7. Quais prêmios literários ele/ela recebeu? Informar a importância desses prêmios no cenário literário do Brasil e do mundo.
8. Cite três ou mais escritores contemporâneos do autor pesquisado.
9. Escreva a bibliografia completa da obra considerada “mais importante” e de outras três obras que não constam na resposta à questão 6 - (nome do autor, título da obra, editora, local e ano de publicação).
10. Escreva curiosidades sobre a vida pessoal, familiar, do tempo de escola, manias ou preferências do autor pesquisado.
11. Coletânea de fotos diversas do autor pesquisado, tanto em situações que reflitam sua vida acadêmica, como em situações do cotidiano.
12. Coletânea de caricaturas do autor pesquisado e criação de uma caricatura do autor.
13. Excertos das obras citadas nas respostas às questões 6 e 9.